

Universidade Federal de São Carlos  
Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

**Para um Estudo da questão do socialismo no Brasil:  
Os primórdios em Santos através da publicação de  
*A Questão Social***

**ALEX NERIZ TURCI**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, do Centro de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais, área de concentração: Relações Sociais, Poder e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Marly de Almeida Gomes Vianna

**São Carlos – SP**

**2007**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária/UFSCar**

T932eq

Turci, Alex Neriz.

Para um estudo da questão do socialismo no Brasil : os primórdios em Santos através da publicação de A Questão Social / Alex Neriz Turci. -- São Carlos : UFSCar, 2007.  
165 f.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2007.

1. Brasil - socialismo – história. 2. Imprensa – história. 3. Esquerda (Ciência política). Historiografia marxista. I. Título.

CDD: 320.531 (20<sup>a</sup>)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Rod. Washington Luís km 235, Caixa Postal 676  
CEP 13565-905 - São Carlos - SP  
Fones: (16) 3351.8371 / 3351 8446 - Fax: (16) 3361 8446  
ppgcsso@power.ufscar.br / www.ppgcsso.ufscar.br



**DEFESA DE TESE DE DOUTORADO**

**ALEX NERIZ TURCI**

**06/03/2007**

**BANCA EXAMINADORA**

**Profa. Dra. Marly de Almeida Gomes Vianna  
Prof. Dr. Ramón Peña Castro  
Profa. Dra. Vera Alves Cepêda  
Prof. Dr. Marcos Del Roio  
Prof. Dr. Paulo Ribeiro Rodrigues da Cunha**

Ass. Marly de A.G. Vianna  
Ass. \_\_\_\_\_  
Ass. \_\_\_\_\_  
Ass. \_\_\_\_\_  
Ass. \_\_\_\_\_

## **Agradecimentos**

À minha família e amigos que sempre me incentivaram, e sempre estiveram presentes nessa caminhada;

Aos colegas e professores do curso de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFSCar, pela valiosa companhia e troca de idéias;

Aos funcionários da Biblioteca da Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio de Santos, Arquivo Histórico de Santos e Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP), pela ajuda no difícil trabalho de conseguir o material para o trabalho;

Ao amigo Elber José Assaiante dos Santos pela ajuda nas referências bibliográficas e textos;

À grande amiga Ana pela atenção, dedicação, carinho e as palavras de estímulo que sempre teve comigo;

Aos Professores Marco Villa, Fernando Azevedo e Vera Cepêda pelas valiosas contribuições em minha qualificação; além dos estimados Professores e amigos Marco Del Roio, Paulo Cunha e Ramon Peña Castro.

À Prof<sup>a</sup>.Dra. Marly de Almeida Gomes Vianna, uma orientadora e amiga que sempre me incentivou desde a graduação, a qual respeito e admiro e espero sempre que possamos trabalhar juntos. Obrigado sempre.

## Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar publicação *A Questão Social* do Centro Socialista de Santos no final do século XIX. Busco entender como as idéias socialistas oriundas da Europa se fixaram no país e seus reflexos na chamada imprensa de esquerda - no nosso caso, o periódico do Centro Socialista de Santos. Procurando mostrar porque não considerar a via revolucionária como a mais viável, optando por uma via reformista de atuação. O fato do “marxismo” ter seduzido intelectuais das camadas médias, da qual eram oriundos os líderes do Centro de Santos, destacando a figura de Silvério Fontes, foi um elemento forte de descaracterização desta organização diante dos operários. A maioria dos partidos operários e organizações dizendo-se socialistas no Brasil na última década do século XIX lutava por medidas reformistas de defesa dos trabalhadores, como por exemplo, diminuição da jornada de trabalho, proibição do trabalho infantil. Neste sentido, o socialismo brasileiro era plenamente coerente com a corrente dominante na Segunda Internacional, que pregava a sociedade socialista a partir de uma perspectiva, que seria o resultado de uma evolução histórica sem qualquer tipo de meio violento para sua ocorrência, concentrando seus principais esforços na ação política de curto e médio prazo, isto é, na obtenção de vitórias eleitorais e no programa que deveriam nortear sua atuação na eventualidade de alcançar o poder através da arena partidária. E suas publicações são uma fonte histórica importante para entender esta recepção de idéias.

**Palavras-chave:** Ideologia política, Socialismo, Organizações de Esquerda, Imprensa Socialista, Imprensa.

## ABSTRACT

This study has as main goal analyze the publication *A questão Social* by the Socialist Center of Santos in the end of the 19th century. I search to understand how the socialists ideas emerged in Europe were established in the country and their reflexes over the left-wing press – in this study, the periodical of the Socialist Center of Santos.

The present work tries to show why not to consider the revolutionary acts as the most adequate, searching for a reformist way of action. The fact of “Marxism” has seduced intellectuals from middle classes, from which the leaders of the Center of Santos came from; pointing out that Silvério Fontes was a strong mischaracterizing element in this organization before the labor man.

The biggest part of the work parties and organizations defining themselves as socialists in Brazil during the last decade of the 19<sup>th</sup> century fought for reformist measures in favor of workmen such as reduction of working hours and prohibition of child labor. Thus it can be stated that the Brazilian Socialism was coherent with the dominant chain of the International Second which prayed for a socialist society from a perspective which would be the result of a historical evolution without any kind of violent means to achieve this occurrence, concentrating its main efforts on short and middle term political actions, that is, in achieving electing victories and in the program that should lead its actions if they ever got the power through party arena.

And their publications are an important historical source to understand this reception of ideas.

**Keywords:** political ideology, Socialism, Left wing Organizations, Socialist Press, Press.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>7</b>
<b>Capítulo 1: O Pensamento Socialista na Europa e suas primeiras repercussões no Brasil.....</b>	<b>13</b>
1.1 As idéias socialistas chegam ao Brasil.....	29
<b>Capítulo 2: As influências do pensamento socialista sobre o movimento operário brasileiro.....</b>	<b>50</b>
<b>Capítulo 3: Santos no final do século XIX: O movimento operário local e a publicação de <i>A Questão Social</i> .....</b>	<b>71</b>
3.1 O Movimento operário santista.....	89
3.2 Jornais fundados e editados em Santos, 1873-1913.....	104
3.3 Ilustrações.....	126
<b>Considerações finais.....</b>	<b>156</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>162</b>
<b>Periódicos.....</b>	<b>166</b>

## INTRODUÇÃO

### **Para um Estudo da questão do socialismo no Brasil: Os primórdios em Santos através da publicação de *A Questão Social***

O tema deste trabalho é a de compreender a relação entre o Centro Socialista de Santos e da classe operária local (se existiu.) através da análise do periódico quinzenal publicado pelo Centro Socialista de Santos no final do século XIX. Pretendo explorar melhor esta publicação inserida dentro da história de Santos e da chamada imprensa libertária, assim como a difusão das idéias socialistas no país no final do século XIX. O interesse por este assunto vem desde a monografia de conclusão da graduação em Ciências Sociais e nossa dissertação de Mestrado, quando trabalhamos com a formação das idéias socialistas no Brasil e com uma pequena parte do material obtido em Santos, no Centro Socialista. Um dos trabalhos que lemos foi um artigo de Astrojildo Pereira, publicado em 1962, com o título de: *Silvério Fontes, pioneiro do marxismo no Brasil*,<sup>1</sup> no qual o autor realiza um estudo das organizações da classe operária. Segundo Astrojildo Pereira, “o mais antigo dos círculos declaradamente socialistas foi, ao que parece, o de Santos, constituído em 1889 por Silvério Fontes, Sóter de Araújo e Carlos Escobar.”<sup>2</sup> Foi a partir desse artigo e de importantes observações da professora e orientadora Marly Vianna e dos professores Marco Del Roio e Marco Antonio Villa, este último achando necessárias maiores informações sobre o periódico do Centro.

Início o trabalho, colocando algumas questões: quero entender como as publicações de caráter libertário, quase sempre chamadas de socialistas ou de marxistas, refletiam o conjunto destas idéias. Nosso trabalho pretende analisar

---

<sup>1</sup> PEREIRA, Astrojildo. *Silvério Fontes, pioneiro do marxismo no Brasil*. Revista Estudos Sociais, PCB, Rio de Janeiro, 1962.

<sup>2</sup> Idem 1, p.405.



a publicação do Centro Socialista de Santos, *A Questão Social*. Pretendo, com a análise de seus artigos, a partir dos números ainda existentes, estudar a relação das lideranças do Centro com o operariado santista e a influência das correntes de pensamento (positivismo, lassallismo, saint-simonismo) que não consideravam a via revolucionária como a mais viável, optando por uma via reformista de atuação, predominantes na Segunda Internacional. Chamamos de via revolucionária, a que tem como base os escritos de Marx, onde o “socialismo seria um produto de uma ruptura da ordem constituindo o proletariado e uma classe revolucionária”; enquanto que reformista o “socialismo seria um produto de uma série de reformas sociais legais, decorrentes da luta sindical e partidária que transferiria parte da riqueza social para os trabalhadores”.<sup>3</sup> Tenho como hipótese que, o fato do marxismo ter seduzido intelectuais das camadas médias, da qual eram oriundos os líderes do Centro de Santos, foi um elemento forte de descaracterização desta organização diante dos operários, além – e principalmente - das limitações inerentes ao movimento no Brasil e na América latina.

O limite cronológico que estabelecemos foi a da fundação do Círculo Socialista de Santos, em 1889 (depois em 1895 passa a se chamar Centro), até o seu fim em 1902 com a fundação do Partido Socialista Brasileiro em São Paulo, e principalmente o período de publicação e circulação da sua publicação *A Questão Social*, que durou de 1895 e 1896.

O círculo e *A Questão Social* surgiram em um período muito interessante na história do pensamento socialista no mundo, o período da Segunda Internacional. Para entender melhor a questão que envolve a Segunda

---

<sup>3</sup> DEL ROIO, Marcos. *Rosa Luxemburg e as origens da refundação comunista*. São Paulo, Revista Novos Rumos, nº 32, 1999, p.81.

Internacional e o Centro de Santos. Buscamos explicar como se estruturava o pensamento socialista na Europa. Neste sentido foi de grande ajuda ao nosso trabalho a periodização feita por Eric Hobsbawm para a época da Segunda Internacional. Ele considera, os anos 80 e início dos 90, a época do surgimento de vários partidos operários mais ou menos marxistas, em meio à onda de esperanças, às vezes carregada de utopia, que se espalhou pela classe operária. Nessa época, o capitalismo em crise parecia ter seus dias contados<sup>4</sup>.

Um segundo período foi de meados dos anos 90 a 1905, período de retomada da expansão capitalista em escala mundial. Os movimentos operários – socialistas continuaram a crescer, mas onde haviam conseguido a legalidade, com a estabilidade do capitalismo, seu objetivo deixou de ser a transformação radical revolucionária da sociedade.

O terceiro período, de reanimação do movimento operário, se inicia com a Revolução Russa de 1905 e foi até o início da Primeira Guerra Mundial e do colapso da Segunda Internacional, em 1914.<sup>5</sup>

O marxismo que chegou ao Brasil foi o da época da Segunda Internacional que, pelas mudanças das situações do movimento operário europeu e das discussões travadas a partir delas, passou por um período de difusão e vulgarização. Isso significa que as idéias de Marx nos chegaram filtradas pelas interpretações que sofreram na Europa. Colocando em termos de ideologia de partido era, para alguns autores, um marxismo difuso, que

---

<sup>4</sup> HAUPT, George. *Marx e o Marxismo*, que faz parte do volume I da *História do Marxismo*, organizado por Eric Hobsbawm.

<sup>5</sup> HOBBSAWN, Eric. *A cultura européia e o marxismo entre o século XIX e o século XX*. In *História do Marxismo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, volume 2, 1982, pp. 78-9.

“tinha perdido seus elementos revolucionários, transformando-se numa espécie de religião”.<sup>6</sup>

Isso é válido se considerarmos a segunda fase da periodização de Hobsbawn, na época do refluxo do movimento operário que passou muito mais a buscar reformas do que lutar pela revolução. Nesse período, parece haver uma forte tendência para o determinismo mecanicista que, a nosso ver, irá dominar o pensamento socialista no Brasil. Esse determinismo mecanicista surge por duas vertentes: pelas derrotas sofridas pelo movimento operário e pela influência do pensamento reformista na Segunda Internacional.

No primeiro caso, como disse Gramsci:

“quando não se tem a iniciativa da luta e a própria luta acaba por se identificar com uma série de derrotas, o determinismo mecanicista se torna uma força formidável de resistência moral, de coesão, de paciente e obstinada perseverança. Fui momentaneamente derrotado, mas a força das coisas trabalha a meu favor, a longo prazo, etc! A vontade real se traveste num ato de fé, numa certa racionalidade da história.”<sup>7</sup>

No segundo caso, a vertente evolucionista (a necessidade natural do fim do capitalismo) e, mais genericamente, positivista, introduzida no pensamento da II Internacional levou, ainda segundo Andreucci, a uma versão mecanicista e determinista do marxismo:

“a relação do marxismo com a cultura positivista é, sem dúvida, ao lado de seu encontro com o movimento operário, o outro ângulo a partir do qual pode ser lido com facilidade o conjunto dos processos de sua simplificação científicista”.<sup>8</sup>

Pretendo também entender a influência da linha de pensamento desenvolvida pela Segunda Internacional na elaboração da publicação

---

<sup>6</sup> ANDREUCCI, Franco. *A Difusão e a vulgarização do marxismo*. in HOBSBAWN, Eric (org.), *História do Marxismo*. vol. 2. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p.22.

<sup>7</sup> GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del Carcere*. Torino, Instituto Gramsci, 1975, p.1388.

<sup>8</sup> ANDREUCCI, Franco. op. cit., p.32.

mencionada, e como se fundiu aos ideais abolicionista e republicano que tinham em Santos e sua imprensa importantes difusores.

Outro importante referencial ao nosso trabalho é a obra de Evaristo de Moraes Filho, *O Socialismo Brasileiro*, (ed. UNB, Brasília, 1979), que nos forneceu uma análise histórica das diversas correntes de pensamento que influenciaram o movimento socialista brasileiro, e de como essas correntes foram adaptadas à corrente marxista e influenciaram o modo de pensar do grupo do Centro de Santos.

Para a melhor compreensão do trabalho, o dividi da seguinte maneira: no primeiro capítulo trato de fazer uma breve discussão sobre as repercussões do pensamento socialista europeu no Brasil. No segundo capítulo, analiso a chegada destas idéias no país buscando entender o papel dos socialistas brasileiros na divulgação e entendimento destas, enfocando a influência que o chamado socialismo reformista possa ter tido sobre as organizações e as publicações, enfocando a sua importância como centro de recepção e difusão das idéias que caracterizaram o Brasil no final do século XIX, desenvolvidas pelos movimentos republicano e abolicionista e via imigração.

No último capítulo, busco reconstruir a história de *A Questão Social* dentro da imprensa santista, analisando seus artigos, destacando a visão da liderança do Centro e a influência da linha reformista e sua relação com a sociedade santista e o movimento operário.

É desnecessário dizer o quanto é difícil realizar um trabalho de reconstrução histórica. E é neste sentido que devo agradecer as pessoas ou as instituições que, apesar de todas as dificuldades, conseguem de alguma maneira preservar a memória histórica desses movimentos. Agradecemos à

Biblioteca da Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio de Santos e o Arquivo Histórico de Santos, e também ao Arquivo Edgard Leuenroth da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas).

Este trabalho tem a pretensão de chamar a atenção para a importância da reconstrução histórica da imprensa e das organizações socialistas no país. Tentei reconstruir a história de *A Questão Social* e entender o seu papel dentro da construção do que podemos chamar “esquerda brasileira”.

## CAPÍTULO 1

### O Pensamento Socialista na Europa e suas primeiras repercussões no Brasil

Antes de discutirmos a formação do movimento operário e das idéias que mais influenciaram seus organizadores e lideranças, queremos dar um panorama do pensamento socialista na Europa. Vamos nos ater ao período da Segunda Internacional, período em que se tem notícia da chegada das idéias socialistas (marxistas) no Brasil e na América Latina, um marxismo que passa por várias interpretações, e que, segundo Andreucci, se tornou difuso, tendo “perdido seu elementos revolucionários”.<sup>9</sup>

Como vamos falar muito da Segunda Internacional, vale um breve resumo da Primeira Internacional ou Internacional dos Trabalhadores, da qual Marx participou.

A partir de segunda metade do século XIX a história da Europa assume uma nova dimensão em relação ao que se pode chamar de problema social, apresentando perspectivas para atuação do proletariado e propagando-se a idéia de revolução cada vez com mais força. Isto fica evidenciado nos escritos burgueses que começaram a observar com maior atenção a força que o elemento operário passava a adquirir e seu potencial para transformar a sociedade. Na França nascia um movimento comunista dotado de consciência revolucionária, fazendo com que, segundo Hobsbawn, os termos comunista e comunismo passassem a ser usados de maneira mais corrente.

---

<sup>9</sup> ANDREUCCI, Franco. *A difusão e vulgarização do marxismo*. In HOBSBAWN, Eric (org), *História do Marxismo*. Volume II, Rio de Janeiro, 1982. p.22.

Enquanto isso, na Inglaterra, o que podemos chamar de movimento classista proletário atingia um estágio elevado de desenvolvimento através do cartismo, que recebeu grande atenção de Engels. Ao mesmo tempo, as teorias utópicas iam perdendo a força entre os operários.

A partir de uma classe operária que crescia e se mobilizava era possível uma nova e mais significativa junção da experiência e das teorias revolucionárias, procurando fugir do que era denominado de socialismo utópico, que muitas vezes não conseguia aliar teoria e prática revolucionárias. É neste contexto que Marx buscava uma força que pudesse transformar a sociedade através da negação da existente, e esta força ele encontra no proletariado, antes mesmo de dedicar-se de maneira mais sistemática a compreensão do funcionamento do capitalismo.

A revolução na França, em 1830, e as reformas inglesas no mesmo período, em grande parte serviram para consolidar as conquistas da burguesia liberal, fracassando na inserção da classe operária em uma participação política mais ampla. Para Lorenz von Stein, “em 1842 não havia dúvida de que nas áreas mais importantes da Europa a revolução social deveria ser colocada na ordem do dia. O que há alguns anos era uma sombra sem conteúdo tornava-se tão arrebatadora que seria difícil segurar”<sup>10</sup>. Como afirmariam Marx e Engels: “Um espectro ronda a Europa: o espectro do comunismo”.

Em relação às teorias anteriores, o marxismo se diferenciava delas por três aspectos: substituiu uma crítica parcial da sociedade capitalista por uma crítica mais ampla, baseada na relação fundamental – no caso a econômica – pela qual aquela sociedade se estruturava; inseriu o socialismo na estrutura de

---

<sup>10</sup> HOBSBAWM. E. A História do Marxismo. Volume 1 : o marxismo na época de Marx. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1980. p.62.

uma análise histórica evolutiva, capaz de explicar como a sociedade capitalista produziria no final das contas um sociedade socialista; e por último o socialismo marxista esclarecia a transição da velha para a nova sociedade, e que o portador desta transformação seria o proletariado, através de um movimento estruturado na luta de classes<sup>11</sup>. Hobsbawm considera o período clássico do desenvolvimento capitalista os anos 60 do século XIX, a partir da rápida evolução de um sistema mundial de capitalismo liberal, que tinha seu centro na Inglaterra.

As primeiras fases de um grande desenvolvimento industrial nos mais importantes países desenvolvidos do ocidente e a formação de sua fase imperialista do capitalismo culminam em manifestações grevistas e tentativas revolucionárias, com a Comuna de 1871 e anteriormente na formação da I Internacional.

O quadrante histórico no qual se inscreve o surgimento da I Internacional foi marcado por uma série complexa de causalidades concretas que mudaram o contexto da arena internacional, com conseqüências econômicas e políticas de vulto para este período: a crise econômica de 1857 - a mais importante do século XIX -, a guerra de independência da Itália em 1859 e a explosão da guerra civil nos Estados Unidos, em 1860. Neste cenário, a ditadura da França de Napoleão III foi debilitada e, conseqüentemente, obrigada a realizar concessões sociais como a universalização do direito de voto aos trabalhadores e a revogação das leis que proíbem a existência de organizações sindicais. Na Inglaterra - onde já existia desde 1825 o direito à sindicalização - ainda lutava-se pelo sufrágio universal, na esteira do movimento cartista (1838-1848) lançado pelo operariado britânico.

---

<sup>11</sup> Idem 1



O desenvolvimento capitalista na Europa Ocidental ocorreu em meio a tentativas burguesas de dividir o operariado europeu. Quando o proletariado inglês lutava por melhores condições de trabalho - fosse pela redução da jornada de trabalho fosse por salários dignos - os capitalistas ingleses ameaçavam importar força de trabalho de onde era oferecida em piores (ou melhores, desde a lógica do Capital) condições: França, Bélgica, Alemanha etc. Por outro lado, o início da guerra civil norte-americana e o embargo das exportações de algodão produziu uma grande crise da indústria têxtil inglesa. A condição dos trabalhadores ingleses era tão desumana que, ao serem expulsos das fábricas de tecidos melhoraram momentaneamente sua situação de saúde - mesmo famintos e miseráveis - e diminuiu-se a taxa de mortalidade infantil porque, enfim; as mães operárias tinham tempo de amamentar seus filhos<sup>12</sup>.

Em 1862 realiza-se em Londres a feira industrial conhecida como Exposição Mundial. Dá-se então novo contato entre delegados franceses e operários ingleses e, posteriormente, a troca de correspondência entre eles. O intercâmbio é aprofundado no ano seguinte, quando os governos da Inglaterra, França e Rússia conspiram juntos contra a insurreição polonesa pela independência nacional. Desta forma, e a partir destes acontecimentos, organiza-se uma assembléia pública - ato unificado de delegações sindicais francesas e britânicas - na Londres de 1864. Decide-se então pela criação de um Comitê Internacional de Trabalhadores encarregado de redigir estatutos e programa para a fundação de uma organização internacional operária independente. Marx foi de fato seu dirigente, organizador e principal autoridade, assim como autor de numerosas convocatórias, declarações,

---

<sup>12</sup> HOBSBAWM, E. *A era do capital*. Ed. Paz e Terra, São Paulo.

resoluções e outros documentos. Nos estatutos, redigidos por Marx no mesmo ano, constava como primeira consideração que a emancipação da classe operária deve ser conquista da própria classe operária.

Para além das conquistas relacionadas à universalização de direitos políticos, melhoria das relações de trabalho, incremento da organização sindical e da própria solidariedade internacional dos trabalhadores - contra o escravismo nos EUA ou em favor da independência polonesa -, as atitudes da AIT que provocaram maior ódio entre a burguesia foram duas mensagens de Marx aos operários franceses, sublevados após a guerra franco-prussiana, em 1871. Quando do surgimento da Comuna de Paris, Marx e Engels consideraram-na como a primeira experiência histórica de revolução e de um Estado operário, ainda que, contraditoriamente, os membros da Comuna pertencessem majoritariamente a correntes adversárias ao materialismo histórico, tais como o proudhonismo e o blanquismo. As medidas tomadas pela Comuna estenderam a liberdade operária a níveis até então inéditos em qualquer democracia burguesa, produto da natureza de classe da revolução em curso. Para Marx disse que, com a Comuna, os operários quiseram tomar o céu de assalto.

A maior conquista da I Internacional foi, contudo, parafraseando a Marx, a própria I Internacional. Constituir-se-ia enquanto precursora histórica da unidade internacional dos trabalhadores, expressando suas viabilidade e potência, possibilitando que novas gerações de internacionalistas reivindicassem o exemplo e o vigor do legado de sua tradição revolucionária.

Em carta a Bolte, em 23 de novembro de 1871, Marx escreveu que a história da I Internacional foi uma luta contínua contra as seitas e os

experimentos de fanáticos que tentavam manter-se dentro da Internacional contra o movimento real da classe operária<sup>13</sup>.

As principais lutas internas da Primeira Internacional deram-se contra os seguidores de Proudhon, Lassale e Bakunin. Proudhon defendia a conservação da propriedade privada e a reforma do capitalismo a partir de sociedades cooperativas. Opunha-se às principais formas e métodos de combate proletários: sindicatos, greves e a própria perspectiva da luta política operária independente. Lassale, por sua vez, sustentava uma tática oportunista de aliança com a política pró-latifundiária de Bismarck contra a burguesia, abdicando de uma política independente face ao movimento operário alemão. Ao mesmo tempo, seus seguidores eram extremamente sectários em relação à participação em sindicatos que não estivessem sob influência de seu programa e direção. Já Bakunin foi o opositor mais ferrenho de Marx, na I Internacional. Foram os “bakuninistas” que forjaram a expressão “marxista”, de forma altamente pejorativa, para designar os comunistas que defendiam as idéias de Marx. Enquanto os marxistas defendiam a luta contra o Estado burguês e a imposição do poder operário - através da ditadura do proletariado - como transição historicamente necessária a uma sociedade sem classes, sem Estado e livre de toda coerção, os bakuninistas estavam contra qualquer forma de autoridade e de Estado, independentemente de sua natureza de classe e limites históricos, denominando-se de socialistas libertários e aos seguidores de Marx de socialistas autoritários. Se por um lado os marxistas - expressão que causava ojeriza e cólera a Marx - impulsionavam a luta política dos trabalhadores e a permanente mobilização de massas, por outro, os companheiros de Bakunin opunham-se à intervenção política dos trabalhadores

---

<sup>13</sup> Idem 4

e defendiam o golpe para a tomada do poder. Bakunin organizou uma fração secreta no interior da Primeira Internacional, com o objetivo de conquistar sua direção através de táticas conspirativas. As lutas internas entre as duas tendências irreconciliáveis dividiram, neutralizaram e debilitaram significativamente a nascente Internacional até o seu final em 1872.

A Segunda Internacional foi fundada por ocasião das celebrações do centenário da Revolução Francesa em Paris (1889), quando, com a presença de uma vasta gama de partidos e organizações operárias e socialistas, realizou-se o I Congresso da Segunda Internacional. Segundo Annie Kriegel<sup>14</sup>, ao contrário da Primeira Internacional, a Segunda recusou-se a ter uma estrutura centralizada e mesmo a afirmar-se como organização permanente; federação de partidos e grupos nacionais autônomos; pretendia assegurar as relações internacionais entre os movimentos dos diversos países através de congressos, a cada três anos. Para Max Beer:

...em cada país o socialismo acabou por se identificar com seus líderes, o que explica também que as “traições” fossem tão sentidas. Dois traços caracterizam o socialismo dessa época: por um lado, a tendência (...) à unidade e à universalidade do movimento, à internacionalização de seus objetivos (...) por outro lado a tendência a diversificação nacional, pelo fato do socialismo ter se tornado um organismo de prática política: o jaurresismo, o trade-unionismo inglês, o movimento revolucionário russo, o austro-marxismo, o socialismo belga, o escandinavo...<sup>15</sup>

Isso é mais nítido se considerarmos a já mencionada segunda fase da periodização da Segunda Internacional feita por Eric Hobsbawn, época do refluxo do movimento operário revolucionário. Essa “crise do marxismo” não se limitou ao debate sobre o significado que deveria ter para o marxismo o fato de o capitalismo manter-se crescendo e estar cada vez mais forte; era também,

---

<sup>14</sup> KRIEGEL, A. *Las Internacionales Obreras (1864-1943)*. Barcelona, Ediciones Orbir, 1986.

<sup>15</sup> BEER, M. *idem*, 2

conseqüência do aparecimento de grupos com interesses muito diversos no interior daquilo que até pouco era, como escreve Hobsbawm, fonte unívoca do socialismo. As cisões ocorridas nos movimentos da Polônia, Áustria e Rússia ajudaram a modificar tanto a natureza dos debates internos do marxismo e dos movimentos socialistas como influência do marxismo fora deles. Nesse período há forte tendência para o determinismo mecanicista, que surgiu por duas vertentes: pelas derrotas sofridas pelo movimento operário e pela influência bastante evolucionista do pensamento de Kautsky na Segunda Internacional<sup>16</sup>.

Franco Andreucci, falando da vertente evolucionista introduzida no marxismo (a necessidade natural do fim do capitalismo) e mais genericamente, positivista por Kautsky e outros, acrescenta: A relação do marxismo com a cultura positivista é, sem dúvida, ao lado de seu encontro com o movimento operário, o outro ângulo a partir do qual pode ser lido com facilidade o conjunto dos processos de sua simplificação cientificista.<sup>17</sup>

A deformação do marxismo, pela qual só Kautsky foi responsabilizado, era identificada na atenuação, primeiro, e depois no aberto repúdio do caráter revolucionário do marxismo. Além da corrente revisionista e cientificista, a Segunda Internacional sofreu a influência da ideologia ligada a Bernstein, marcada pelo pragmatismo reformista. Como um continuador das idéias evolucionistas, Berstein fez uma adaptação da dialética ao evolucionismo. Na cabeça dos socialistas do final do século passado, depois da morte de Engels, havia a seguinte idéia: o evolucionismo é a dialética explicada na linguagem dos empiristas ingleses. Os ingleses dizem com clareza aquilo que os alemães confundem e complicam. Por marxismo da Segunda Internacional, entende-se,

---

<sup>16</sup> ANDREUCCI, Franco. op. cit p.18

<sup>17</sup> ANDREUCCI, Franco. op. cit p.19

em geral, uma interpretação e elaboração do marxismo que reivindica um caráter científico para sua concepção da história, na medida em que indica nela o desenvolvimento segundo uma necessária sucessão de sistemas de produção econômica, conforme um processo evolutivo que só considera a possibilidade de rupturas revolucionárias emergentes do desenvolvimento das condições objetivas.<sup>18</sup>

“Esse é um dos equívocos mais trágicos da história do pensamento marxista, pois dialética e evolucionismo, são coisas diferentes”.<sup>19</sup> A doutrina “marxista” elaborada por Kautsky e adotada pela social-democracia, teve grande influência, moldando uma determinada interpretação da história, uma determinada abordagem das relações entre sociedade e a economia, à luz de princípios evolucionistas, à luz de um certo determinismo muito pronunciado.

Segundo Marcos Del Roio:

É bastante notório que a radicalidade crítica da teoria social fundada por Marx estava perdendo fôlego desde as origens da Segunda Internacional, pelo menos. Na verdade, desde a derrota da Comuna de Paris (1871) e o deslocamento do eixo do movimento operário internacional para o império germânico, com a fundação do SPD (1875), podia-se perceber os indícios de inserção do movimento operário no seio do Estado liberal-burguês, assim como a origem de uma ideologia subalterna ao movimento do capital. As críticas cerradas de Marx ao programa do novo partido foram seguidas por seu crescente interesse pelo potencial revolucionário presente na Rússia, como se estivesse intuindo a direção do movimento que faria uso do seu nome.<sup>20</sup>

No período que transcorreu entre a Primeira e a Segunda Internacional, a teoria de Marx tornou-se um fator essencial na grande gama de ideologias do movimento operário internacional. Aumentou o interesse pelos escritos de Marx e Engels e expandiu-se sua divulgação. Todas as tendências e todas as

---

<sup>18</sup> RAGIONIERI, Ernesto. *Il marxismo e l'Internacional*. Roma, 1968. p.47.

<sup>19</sup> KONDER, Leandro. *Esquerda, Socialismo e Marxismo*. Revista Teoria e Pesquisa, n.2, DCSO, UFSCar, São Carlos. 1992.

<sup>20</sup> DEL ROIO, M. *Rosa de Luxemburg e as origens da refundação comunista*. São Paulo, Revista Novos Rumos, 1999, p.80.

correntes de pensamento socialista se posicionam daí por diante, em relação às posições teóricas dos fundadores do socialismo científico. As várias escolas dentro do movimento socialista, exceto os anarquistas, reconhecem a importância da obra de Marx, e curvam-se ante a autoridade incontestável de Marx e Engels. A linguagem socialista sofre uma longa transformação em direção ao vocabulário de Marx, enquanto se multiplicam as citações de seus escritos. Mas esse processo de aceitação se inseriu na ideologia socialista eclética dominante, que integra Marx e Lassalle, Bakunin e Proudhon, Dühring e Benoit Malon.

O final dos anos 70 foi marcado por uma menor influência de Marx e Engels sobre a política do partido na Alemanha, e assinalou também o movimento efetivo de origem do marxismo da Segunda Internacional. A difusão em escala mundial do marxismo, com caráter de socialismo sistemático e científico se iniciou realmente com a publicação do *Anti-Dühring* de Engels.

Se devo avaliar a influência que o *Anti-Dühring* exerceu sobre mim – escreveu Kautsky - nenhum outro livro contribuiu tanto para a compreensão do marxismo. *O Capital* de Marx é sem dúvida uma obra mais poderosa, mas só através do *Anti-Dühringi* aprendemos a compreender *O Capital* e a lê-lo corretamente.<sup>21</sup>

Esse livro serviu de base à formação dos mais autorizados expoentes da Segunda Internacional: Babel, Bernstein, Kautsky, Plekhanov, Akselrod e Labriola.

A partir do início dos anos 80 determina-se uma distinção entre a escola marxista e o que George Haupt chama de “socialismo eclético”, e o fenômeno se verifica no interior da social-democracia alemã. O Impulso parte do próprio Engels, com sua polêmica contra Dühring cuja influência sobre os socialistas

---

<sup>21</sup> ENGELS, F. *Briefwechsel mit K. Kautsky*. Viena, 1955. p.44. in *História do Marxismo*, volume I. p. 381

alemães era grande. O *Anti-Dühring* assinalou, sob vários aspectos, um momento crucial na formação do “marxismo” como sistema.<sup>22</sup>

O núcleo marxista que se formou dentro da social-democracia alemã tornou-se uma corrente ideológica que buscava conquistar a hegemonia dentro do movimento socialista na Alemanha. O destino dos termos “marxista” e “marxismo”, sua apresentação e difusão em uma nova forma e com um novo conteúdo ocorrem no fogo de uma longa e dura batalha teórica e política, dirigida por um grupo que desde o início se definiu como “marxista conseqüente” e se propôs fazer triunfar o “marxismo”, elevando-o a doutrina oficial do movimento partidário. Ele se valeu do apoio teórico de Engels, cujo papel nesse progresso de hegemonização foi bastante notável, e do apoio político dos dois líderes do partido, Bebel e Liebknecht. Porém o batismo da escola e da doutrina se deu sem o conhecimento de Marx e Engels e contra a sua vontade. Eles jamais deram visto de entrada a esse neologismo “marxismo” e ao contrário, reagiram irritados diante dele, rejeitam-no. Marx prefere definir a sua teoria como “socialismo materialista crítico”; e Engels, por sua vez, falou de “socialismo crítico e revolucionário”. “O que o distinguia dos seus predecessores é justamente essa base materialista; o chamam de *socialismo científico*, termo usado em contraposição ao *socialismo utópico*”.<sup>23</sup> Marx considerou perigosos os termos, “marxistas” e ‘marxismos”, que podiam servir para isolá-lo enquanto chefe de uma seita, aprisionando as suas teorias em dogmas. O apelo aos termos “marxista” e “marxismo” foi bastante desigual na utilização que deles fizeram vários protagonistas e interpretes de primeiro

---

<sup>22</sup> HAUPT, George. *Marx e o Marxismo*, que faz parte do volume I da *História do Marxismo*, organizado por Eric Hobsbawm.

<sup>23</sup> HAUPT, G. *Marx e o Marxismo*. in: *História do Marxismo*. volume I. Ed. Paz e Terra, São Paulo, 1987. p.362.



plano nos vários países. Tal como Kautsky, os marxistas russos e sobretudo Lênin, adotaram a prática já corrente na Rússia e fizeram amplo uso dos mesmos desde os anos 90: definiam-se na imprensa legal como “marxistas”; propuseram-se a desenvolver “o ponto de vista marxista”; assumiram posições em nome do “marxismo” contra os populistas, que tentavam apoderar-se de Marx para utilizá-lo contra a social-democracia. Rosa Luxemburgo, ao contrário, na virada do século, foi mais parcimoniosa no uso dos termos e preferiu recorrer a “socialismo científico” e “social-democracia”.

Seria errôneo, no entanto, tirar conclusões apressadas sobre a freqüência do uso desses termos. O assunto não pode ser encarado em termos de qualificação léxica, pois tanto se vincula ao contexto e ao uso intelectual e político quanto ao estilo pessoal dos autores, bem como à expressão individual e a uma determinada concepção que se tem da atividade e da expressão ideológica. Em um país como a Rússia, por exemplo, onde o marxismo se inseria em uma pluralidade de doutrinas e de tendências socialistas, todas marcadas pela obra de Marx, sua freqüência precoce se explica pela vontade de caracterizar-se e qualificar-se como corrente política e teórica distinta. Mas não se delineavam várias tendências no interior do campo “marxista”, apareciam vários termos políticos – além da definição de “marxistas legais” como por exemplo: economicismo, bolchevismo, menchevismo, liquidacionismo, etc.<sup>24</sup>

Os discípulos mais próximos de Marx e Engels, não compartilharam, no início dos anos 80, dessa repugnância e julgaram injustificados esses temores. Compreenderam as mudanças ocorridas na mentalidade coletiva e na constelação ideológica socialista, que impunham uma denominação clara dos

---

<sup>24</sup> HAUPT, G. op., cit., pp 373-374.

grupos e das tendências. Os militantes não mais evitavam recorrer ao nome de um homem para identificar-se; ao contrário, sentiam-se orgulhosos de uma etiqueta que os ligava ao grande pensador, cuja fama de cientista, de fundador do socialismo científico já se achava consolidada.

A paternidade das noções de “marxista” e “marxismo”, no sentido que assumiu em nosso vocabulário, cabe a Kautsky. Enquanto nos escritos dos seus contemporâneos alemães e dos colaboradores de Engels essas expressões aparecem ainda em caráter fortuito, Kautsky as utilizava desde 1882 de modo consciente, sistemático, dentro de um contexto bem definido e com um significado ideológico e político que não tem absolutamente nada a ver com o mimetismo ou a contaminação da linguagem. O termo “marxista” e “marxismo” tinham para Kautsky e o grupo reunido ao seu redor um valor programático e serviam como instrumento na luta ideológica e política. Com energia, agressividade, de modo ofensivo, Kautsky se dispôs, à frente de um pequeno grupo que dirigia a revista teórica *Neue Zeit*, a executar um objetivo prefixado que consistia em levar à vitória a escola marxista. Aquele que trinta anos depois declararia ser apenas um teórico - e, segundo Haupt, um político medíocre - deu provas de uma habilidade tática incrível.

A insistência na definição do marxismo como ciência poderia fornecer a chave para compreender as razões que levaram Kautsky a apropriar-se do termo e a interpretação que ele deu ao “sistema de Marx”. Deve-se recordar a este respeito que nos anos 80, Kautsky, grande admirador de Darwin – como toda sua geração – parece inspirar-se no sucesso, na repercussão, na força de atração do termo “darwinismo”: procurando relacioná-lo com uma dimensão essencial da obra de Marx, orienta seu modo de proceder. Se o darwinismo é o

sinônimo da ciência da natureza, marxismo passou a ser sinônimo de ciências sociais. Nisso Kautsky não foi inovador; o paralelo entre Darwin e Marx foi constante no discurso socialista do fim do século e correspondeu à sensibilidade e à mentalidade coletiva do tempo, saturadas de cientificismo, dominadas pelo materialismo monista e pelas idéias de progresso e de evolução derivadas das ciências naturais. Para Kautsky, o caráter essencial do marxismo como ciência era a concepção materialista da história. O historicismo marxista da Segunda Internacional foi contemporâneo da emergência da escola marxista em torno da *Neue Zeit*. A definição do marxismo adotada por Kautsky nos anos 80 foi pelo menos conceituada em 1908 numa fórmula que se tornou famosa: “O socialismo marxista, em última análise não é mais que a ciência da história do ponto de vista do proletariado”.<sup>25</sup> Vinte anos depois, por ocasião do septuagésimo aniversário de Kautsky, o marxista americano Louis Boudin assim sintetizava o resultado de uma evolução iniciada nos anos 80 do século passado: o marxismo, que “era a teoria geralmente aceita pelo movimento socialista” é “hoje em dia uma teoria geral da história e não uma teoria particular da revolução”.<sup>26</sup>

Neste período houve um intenso debate revisionista entre os “marxistas”

Bernstein dizia:

Ao volver do século o termo “marxismo” (...) serve para designar o pensamento e a obra de Marx, sem levantar qualquer problemática no que se refere às controvérsias já então numerosas sobre o texto mais importante do autor. O termo “marxista”, usado correntemente como adjetivo ou como substantivo, designa ou uma obra de Marx, ou seguidor de suas teorias, ou um movimento político que se pretende a ele vinculado.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> BOUDIN, L. *Teoria da Revolução*. In *História do Marxismo*. volume I. p. 372.

<sup>26</sup> Idem 8, p.371.

<sup>27</sup> BERNSTEIN, E. Prefácio à edição francesa de *Voraussetzungen des Sozialismus*, Paris, 1920. In *História do Marxismo*. volume I, Ed. Paz e Terra, São Paulo, 1987. P.373.

Isso explica o uso do termo no vocabulário político, a partir dos primeiros anos deste século, com um duplo significado: o primeiro, restrito, a indicar a teoria de Marx e o socialismo científico, o segundo, de aceção bem ampla, não se aplica mais apenas à teoria de Marx, mas às contribuições dos seus sucessores e engloba ao mesmo tempo o instrumental ideológico dos partidos operários. A extensão ilimitada do termo assume, portanto, em última análise, a forma de uma identificação do marxismo à social-democracia, particularmente com o Partido Social-Democrata alemão (SPD).

Na Alemanha, onde se tornou a ideologia oficial do SPD, o marxismo dominou formalmente o campo teórico do movimento do partido, e as diferenças são indicadas então através da denominação das correntes: revisionismo, ortodoxia, radicalismo de esquerda, etc. A partir do exemplo do SPD, pode-se identificar uma tendência mais geral: quando o marxismo conquista a hegemonia no movimento operário internacional. As expressões onomásticas tendem a ceder lugar a proposições genéricas para designar as correntes em disputa no interior da Segunda Internacional. Daí por diante “marxismo” será acompanhado de algum qualitativo e o conjunto comporá uma série de rótulos: haverá o marxismo “verdadeiro” e “falso”, “restrito” e “amplo”, “ortodoxo” e “revolucionário”, “dogmático” ou “criador”<sup>28</sup>. Mas, assim, o termo muda fundamentalmente de significado, acabado por designar orientações e interpretações contrastantes, cujo único denominador comum vem a ser uma profissão de fé ou uma simples referência a Marx. A partir de então, ao invés de falar-se de marxismo geral, talvez seja melhor usar o plural: marxismos.

---

<sup>28</sup> ANDREUCCI, F. op. cit., p.17.

Surge daí o que podemos chamar de “marxistas”<sup>29</sup>, colocados entre aspas, pois passaram a ser os marxistas da boca para fora, na melhor das hipóteses os ex-marxistas, ou, no emprego mais ofensivo do termo, renegados. Em alguns casos, a definição era mais complexa e mais antiga: a palavra se referia aos “marxistas vulgares” ou “marxistas ortodoxos”. Foi neste contexto que nasceu o kautskismo, um tipo de abreviação ou simplificação da expressão “marxismo da Segunda Internacional”.

A “deformação” do marxismo, pela qual, muitas vezes apenas Kautsky foi responsabilizado, era identificada no abrandamento, primeiro, e depois no aberto repúdio do caráter revolucionário do marxismo. No âmbito de uma série de avaliações de caráter predominantemente político – ou que ao menos tinham o seu centro na relação entre marxismo e a prática política da social-democracia internacional – Lênin tendia a sublinhar as conotações ideológicas (mas também sociais) das principais correntes do socialismo no período da Segunda Internacional: os oportunistas, isto é, tanto os que partiam das premissas do revisionismo de Bernstein como os que independentemente delas, tinham desenvolvido uma política marcada pelo pragmatismo reformista; a “esquerda”, da qual os bolchevistas eram os máximos representantes; e finalmente os “ortodoxos”, entre os quais se destacava Kautsky, que tinham chegado pouco a pouco à apostasia, no início da guerra ou ligeiramente antes dela.

A respeito da difusão do positivismo e do determinismo econômico é assim que escreve Engels a Conrad Schmidt em 1890:

O que falta a todos estes senhores é a dialética. Eles vêm sempre e somente um lado a causa, de outro o efeito. Não chegam a perceber que esta é uma abstração vazia, que no mundo real tais contraposições

---

<sup>29</sup> ANDREUCCI, F. idem 11.

metafísicas polares só existem nos momentos de crise, mas que todo o grande curso das coisas se desenvolve sob forma de ação e reação recíproca, mesmo se de forças bem desiguais, entre as quais o movimento econômico é a perder de vista o mais forte, o mais original, o mais decisivo; eles não chegam a ver que neste campo nada é absoluto e tudo é relativo. Para eles Hegel não existiu.<sup>30</sup>

### **As idéias socialistas chegam ao Brasil**

As idéias socialistas chegaram ao Brasil tão logo começaram a se desenvolver na Europa. Para Vamireh Chacon, não só influências intelectuais transmitiram-se da Europa para o Brasil, pois a insurreição Praieira teria sido a versão brasileira da “Primavera dos Povos” (1848), guardadas suas devidas proporções. Nela, as influências socialistas modernas se fizeram sentir pela primeira vez no Brasil.<sup>31</sup>

O jornalista Nereu Rangel Pestana refere-se à existência de um periódico – *O Socialista* - que por volta de 1839, dez anos antes do manifesto de Marx e Engels, pregava no Rio de Janeiro, uma organização que estabeleceria a “cidadania universal”. Em 1840, Benoît Junes Mure (médico) e Louis Legu Vauthier (engenheiro), propagavam no Brasil o socialismo de Charles Fourier, através de periódicos publicados em Recife, Santa Catarina e no Rio de Janeiro<sup>32</sup> ; Mure e Vauthier formaram grupos de intelectuais e contribuíram para o lançamento de publicações socialistas no Brasil.

No dia primeiro de agosto de 1845, Manuel Gaspar de Siqueira Rego começou a editar em Niterói (RJ) *O Socialista da Província do Rio de Janeiro*, que durou até agosto de 1847, sendo seus colaboradores: Benoît Junes Mure, João Vicente Martins e Edmond Tiberghion. Uma outra publicação importante

<sup>30</sup> Carta de Engels a Schmidt de 27 de outubro de 1890. In: *Marx e Engels, Opere scelte*, cit, p.1249. in: *Marx e Engels, Obras esolhidas*, edição brasileira.

<sup>31</sup> CHACON, V. *História das idéias socialistas no Brasil*. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. 1981. p. 22.

<sup>32</sup> BANDEIRA, Moniz. *O Ano Vermelho*. Ed. Brasiliense, 2 edição, São Paulo. 1980.p. 14.

foi, em julho de 1846, a revista *O Progresso*; dirigida por Antônio Pedro de Figueiredo. Com todas estas publicações no Brasil, a palavra socialismo vulgarizava-se na imprensa e no Parlamento (na maioria das vezes neste último), sofrendo também uma série de críticas e manifestações de repúdio por parte dos políticos.

De 1860 a 1869, surgiram no país cerca de vinte publicações com tendências ditas socialistas. Algumas eram editadas por um movimento operário ainda muito pequeno que mal começava a surgir: *O Operário*, *O trabalho*, *O Proletário*, *O Socialista*, *O Brado da Miséria*, *O Grito dos Pobres*. Outras, como *O Anarquista Fluminense*, *O Anarquista*, *O Comunista*, *O Incendiário* e o *Carbonário* tinham um tom mais humorístico e caráter liberal.<sup>33</sup>

Em 1878 surgiram diversos Clubes Socialistas, não mais inspirados pelo chamado “socialismo utópico” dos discípulos de Fourier, mas influenciados pelas idéias marxistas do SPD sob a direção de August Bebel e Wilhelm Liebknecht, que foram divulgadas pelo mundo e que marcaram de maneira muito forte o pensamento socialista, no Brasil. Moniz Bandeira argumenta que a social-democracia nasceu às vésperas da República; a imigração estrangeira e a abolição contribuíram para suscitar o seu aparecimento, porque ambos abriam caminho para a industrialização. Somente entre 1890 e 1914 instalaram-se no país quase sete mil fábricas, formando-se realmente, nesse período, o que podemos chamar de proletariado nacional.

Uma parte desses socialistas era oriunda da classe operária e tinham a preocupação de melhorar a sorte de seus companheiros de classe (José Veiga, Luiz França e Silva, Mariano Garcia), outros eram professores (Eugênio George, Vicente de Souza), jornalistas (Gustavo Lacerda), advogados (Evaristo

---

<sup>33</sup> Idem 20, p.15-16.

de Moraes), médicos (Silvério Fontes, Estevam Estrella, Soter de Araújo), que estavam empenhados na busca de uma sociedade justa. Essas pessoas deram-se a tarefa de tentar criar um movimento socialista muito mais para educar do que como organizações políticas, e na impossibilidade de contar com a própria experiência na elaboração teórica, recorriam às experiências realizadas em outros países através de autores a que tinham acesso.

É extremamente difícil precisar as dificuldades que foram enfrentadas pelos socialistas brasileiros numa sociedade conservadora como a do Brasil na passagem do século XIX para o XX. Porém, se o preconceito com relação às idéias que sustentavam atingia a todos de maneira igual dentro do movimento, no caso daqueles de origem operária as conseqüências foram mais duras, como por exemplo, a dificuldade de conseguir trabalho. Alguns viviam e morriam na mais completa miséria, como os casos de França e Silva, José Veiga e Mariano Garcia, para mencionar apenas alguns. Em relação à França e Silva, Estevam Estrella escreveu no jornal do Recife *Aurora Social*:

A luta que sustentou foi terrível. Si ainda hoje é considerado um criminoso nato, um louco, o operario, um homem do povo, ou um burguez liberal que defende ou procura propagar o socialismo, quanto mais n'aquella epoca, em que o Brazil acabava de sahir do regimen feudal, com a abolição de escravidão, do homem propriedade. Assim França e Silva, de 1890 e 1894, data em que floresceu na Capital Federal, soffreu as maiores perseguições e injustiças. Foi forçado a lutar desesperadamente para viver, porque os patrões chupadores de operários, fizeram tremenda parede em todo o Rio de Janeiro, contra França e Silva, negando-lhe trabalho, pão e agua. Por toda parte França e Silva era apontado como um louco, um perturbador da ordem, um inimigo da patria, da familia, da propriedade, e de Deus, até mesmo pelos operarios imbecis que o intrigavam com os patrões chamando o de anarchista perigoso. Causa notavel...os operários ignorantes, trahidores, para agradarem aos patrões, transformam-se nos maiores algozes contra aquelles que mais intelligentes se revellam e que na officinas procuram arrancar da escravidão os seus irmãos de infortunios, de desgraças. Foi o que se deu com França e Silva. Desgostoso, abandonado França, falleceu em 23 de abril de 1894 e seu cadaver arrastado num carro de misericordia foi atirado na cova rasa, n. 6009 do cemiterio de S. Francisco Xavier. É



sempre assim que o povo deixa findarem-se os seus maiores. Luiz França e Silva, pois, fazendo-se-lhe inteira justiça, foi o primeiro martyr do socialismo na terra de Cabral.

Mas é de esperar, pois, que num futuro não muito remoto, a sua memoria respeitavel será n'esta região do globo, venerada por todos os filhos do trabalho.<sup>34</sup>

Segundo Everardo Dias, o desinteresse do elemento estrangeiro (imigrantes) pela política nacional brasileira manifestava-se abertamente e encontrava razões plausíveis na estrutura eleitoral brasileira, marcada por fraudes e violência, sob o controle de coronéis. Predominava no emigrante o egoísmo pessoal de enriquecer e ser autônomo. No meio rural, assim que conseguisse reunir algumas economias o imigrante deixava as fazendas para tentar formar um pequeno patrimônio. Nos centros urbanos funcionava a mesma prática, toda família dedicava-se ao trabalho a fim de acumular para sua prosperidade.

Outro ponto importante que atrapalhava a formação de organizações eram as tendências opostas dos imigrantes – monarquistas, católicas, regionalistas. Espalhavam-se em grande número as sociedades beneficentes, agrupando indivíduos de províncias, regiões e países, que comemoravam suas datas e festividades, indiferentes ao Brasil. Tudo isso constituía uma barreira para a organização de um partido operário, ainda mais socialista. Além disso, a maior parte dos elementos do operariado estrangeiro era composta de adeptos de Bakúnin e Proudhon, coletivistas, anarquistas, internacionalistas, contrários a presença do operariado no Parlamento. No caso dos trabalhadores brasileiros ocorria o mesmo: predominava o desinteresse por idéias externas,

---

<sup>34</sup> ESTRELLA, Estevam. Republica Social IV. *Aurora Social*. Recife, 1(11), 1/10/1901. p.02. In: *História do Marxismo no Brasil*. Volume II. pp. 30-31.

oriundas de terras onde havia miséria e fome. O Brasil era a terra de fartura, onde ninguém passava fome.

O operariado nacional que não estava vinculado às lideranças locais era analfabeto e cheio de preconceitos. Era limitadíssimo o número de nacionais com que se podia contar e mesmo estes, em sua maioria, não eram operários, pertenciam às camadas médias urbanas desiludidas com a República e ao mesmo tempo inimigas de toda disciplina, que confundiam com sujeição - algo que repeliam com altivez, porque lhes lembrava escravidão. Era evidente a debilidade numérica e de ordem cultural que formava a base para promover a difusão e desenvolvimento de núcleos da doutrina socialista.<sup>35</sup>

Mesmo com todas as dificuldades estruturais e culturais, estas idéias que aportaram no Brasil são de extrema importância para que possamos entender até que ponto influenciaram o pensamento do movimento socialista e depois como se mantiveram ao longo da história das organizações de esquerda em suas publicações, principalmente no que diz respeito *A Questão Social* editada pelo Centro Socialista de Santos. Este foi um período em que a filosofia alemã, particularmente a que nasceu das idéias de Hegel, predominou e a figura de destaque neste período foi a de Tobias Barreto.

Os sistemas de pensamento característicos do século XIX são o positivismo de Comte e de Saint-Simon, o evolucionismo de Darwin e o marxismo. Segundo Clovis Beviláqua, predominava no Brasil uma “filosofia positivista naturalista” que para ele condizia com a mentalidade das elites brasileiras, compostas de “inteligências pouco atentas”.<sup>36</sup> Mas talvez tenha sido Cruz Costa quem melhor colocou o motivo da adoção dessa linha de

---

<sup>35</sup> DIAS, Everardo. *História da lutas sociais no Brasil*. 2ª São Paulo, Ed. Alfa- Omega, 1977. p.40-1

<sup>36</sup> COSTA, Cruz. *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. Ed. Civilização Brasileira, 2ª edição, 1967. p.280.

pensamento no Brasil: a elite burguesa brasileira encontraria no evolucionismo uma síntese filosófica que justificava a sua atitude política, social e até religiosa...<sup>37</sup>

A idolatria pela ciência, desprovida do necessário senso crítico, caracterizava esse materialismo vulgar, como foi chamado; ela influenciou vários intelectuais brasileiros, como Tobias Barreto, Sílvio Romero, Farias Brito, Carlos Escobar, Soter de Araújo e Silvério Fontes. Segundo muitos intelectuais, a questão brasileira deveria ser resolvida com o progresso e o desenvolvimento sem nenhum tipo de conflito; Pereira Barreto colocou que a revolução era ameaçadora para o desenvolvimento político e social do Brasil. A questão social não poderia ser resolvida por meios políticos e sim por meios intelectuais e morais, e para os positivistas a revolução poderia quebrar a unidade brasileira.

O saint-simonismo foi uma influência muito presente no pensamento brasileiro; e como sempre, em nosso país, a escola teve um representante professoral: Aprígio Guimarães, que escreveu uma verdadeira obra de fé dedicada a Saint-Simon: *Miscelânea Filosófica e Sociológica* (1889), onde citava com muita freqüência os mentores do positivismo, entre eles, Chevalier, Infantin, Bazard, Olinda Rodrigues, ao lado de Comte e Quinet.

Para Aprígio Guimarães, todo sistema de Saint-Simon e da sua escola firmava-se num princípio fundamental: o princípio do progresso, da evolução. Porém, Guimarães discordava das posições socializantes do saint-simonismo diante da família e da propriedade. Os intelectuais expressavam o terror da classe dominante a que estavam associados, encarregando-se de refutar as

---

<sup>37</sup> Idem 21, p.281.

implicações socialistas de Saint-Simon, negando, com razão, que essas implicações chegassem ao ponto de um socialismo marxista:

Os Saint-Simonianos sempre protestaram e com razão contra toda assimilação de suas doutrinas econômicas ao comunismo igualados; no fundo, seu sistema pretende organizar a sociedade inteira, através de um exército ou de uma grande burocracia pública; ora, a experiência tem mostrado, e todos os dias mostra, que a organização militar ou administrativa a que é preciso recorrer em certos casos, longe de ser uma panacéia, um ideal para o qual é preciso dirigir-se, é impotente para resolver certos problemas sociais, em que o espírito da liberdade de concorrência faz, ao contrário, prodígios.<sup>38</sup>

Mesmo Aprígio Guimarães, que tinha suas divergências com os preceitos teóricos de Saint-Simon; proclamava-se a favor do sufrágio universal, contrariando os próprios saint-simonianos, intelectualizados e aristocratas, em busca de aliança com a burguesia. Isto não satisfaz Aprígio, que havia sofrido toda influência republicana. Segundo Chacon, ele não chegou a nenhum “radicalismo socialista”, deteve-se na faixa do saint-simonismo, limite entre o liberalismo e o moderado intervencionismo, aproveitando inclusive para citar Comte, ficando bem com todas as novas correntes de pensamento em ascensão. Não fez nenhuma referência ao chamado socialismo alemão, principalmente as teorias “violentas e obsoletas” de Marx, assim denominadas por ele. Argumentava que o socialismo alemão era utilizado por Bismarck como instrumento do seu imperialismo Aprígio, como a maioria da elite intelectual do país, era influenciado pelo o que podemos chamar de corrente francesa de pensamento, que a todo o momento buscava argumentar contra a corrente alemã e em defesa da civilização:

Transpondo os muros da Universidade e espelhando-se livremente no povo das cidades, o socialismo nada aumentou em valor científico, suas diversas doutrinas, que mudam um pouco segundo os meios e os chefes, parecem reduzir-se, em última análise, ao comunismo autoritário, à noção

---

<sup>38</sup> CHACON, V. op. cit. p.165

do Estado único proprietário, único capitalista, único senhor. O ideal é bastante primitivo, bastante grosseiro. Por outro lado, o socialismo adquiriu um poder singularmente concreto e prático, chamando e reunindo os que sofrem(...) Torna-se um exército disciplinado, sob a mão de chefes que não se perdem na metafísica, mas que dirigem suas tropas ao assalto do poder político.<sup>39</sup>

Outra corrente de pensamento que foi muito influente na formação do que podemos chamar de socialismo brasileiro, foi a que teve como base as idéias de Lassalle. Como já foi dito, o SPD serviu como uma fonte para os fundadores do pensamento socialista no Brasil, e é a partir disso que podemos entender o prestígio de Ferdinand Lassalle entre os socialistas brasileiros.

Lassalle tinha a fama de ser o grande difusor do socialismo alemão, o primeiro a dar-lhe um caráter prático, fugindo do domínio apenas teórico e dando movimento e expressão ao povo através da criação do primeiro partido operário da Alemanha, o ADAV, em 1863, de onde se originou o SPD; por isso não surpreende que ele seja considerado o seu pai. No fim do século XIX foi atribuído a Lassalle o que depois foi a Lenin na Revolução de Outubro de 1917: conseguir criar uma organização a partir da teoria socialista.

Existem evidências de sua influência no pensamento socialista brasileiro e chegou a ser lido, como na versão francesa de *Capital e Trabalho* encontrada na Biblioteca do Centro Socialista de Santos em 1890<sup>40</sup> e em citações de artigo escrito por Estevam Estrella, na *Gazeta Operário*, no Rio de Janeiro, em 1902. Nas duas é muito provável que a versão francesa utilizada tenha sido feita por Benoît Malon, pois havia uma introdução do próprio Malon sobre o desenvolvimento do socialismo na França e na Alemanha, sendo Lassalle

---

<sup>39</sup>Apud. GUIMARÃES, Aprígio. *Miscelânea filosófica e sociológica*. Obra póstuma, Recife, tipografia .1889. In: *História das idéias socialistas no Brasil*. p.165-167.

<sup>40</sup> Cf. “O Centro Socialista de Santos recomenda a leitura dos livros constantes desta lista e que são encontrados em sua Biblioteca”. *A Questão Social*. Santos, (3), 10/10/1895. p.08

descrito como o grande difusor do socialismo. Ao que tudo indica, Lassalle foi difundido no Brasil principalmente por Malon.

Segundo Leandro Konder, é difícil precisar com exatidão quando foram feitas as primeiras referências de Marx no Brasil. Mas, a partir de um levantamento bibliográfico sobre a história do marxismo no país, parece que a primeira vez que o pensador alemão foi citado foi na época da Comuna de Paris (1871). Em seu livro *Marx, o Socialismo e o Brasil*<sup>41</sup>, José Nilo Tavares demonstra que os acontecimentos ocorridos em Paris tiveram repercussão na Câmara dos Deputados e no Senado. Manoel Francisco Corrêa, Ministro de Negócios Estrangeiros do Império, buscava assegurar aos membros destas casas, que estavam em pânico com o levante parisiense, que se algum dos agitadores buscasse asilo no Brasil, seria de imediato extraditado para a França. Isso fez com que os deputados e senadores ficassem menos preocupados, e emitissem opiniões sobre o acontecido. O deputado Machado Freire Pereira, de Pernambuco, na sessão de 20 de junho de 1871, já com a Comuna derrotada, congratulava-se com a vitória da civilização francesa, chamando o comunismo de o “cancro do mundo moderno”<sup>42</sup>.

As críticas, em sua totalidade, eram feitas sem qualquer base: não se sabia quem era Marx ou o que era comunismo. A confusão era tamanha por parte dos políticos que tratavam o positivismo e o comunismo como uma única coisa. Isso ficou claro no relatório levado pelo ministro João Alfredo à Câmara dos Deputados, relatório este que lhe havia sido entregue pelo então diretor do Instituto dos Meninos Cegos, Benjamin Constant sobre sua administração e as necessidades da instituição, onde também deixava clara suas convicções

---

<sup>41</sup> TAVARES, José Nilo. *Marx, o Socialismo e o Brasil*. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1983.

<sup>42</sup> Idem 1, p.102.

positivistas. O deputado da Bahia, Benevenuto Augusto de Magalhães Taques, criticava o ministro por o ter levado à Câmara, sem dar atenção ao conteúdo do relatório que, segundo o deputado, possuía doutrinas dissolventes, adversárias do cristianismo. Dois trechos significativos trazidos por Evaristo de Moraes Filho demonstram isso:

Foram os socialistas, os comunistas e os outros que perverteram em França as idéias do povo, ensinaram que todos os impulsos da natureza são bons, que o prazer é a nossa primeira lei. Nascidas do materialismo essas doutrinas destruíram a base moral, elevaram as paixões vulgares, e de mãos dadas com o cosmopolitismo e espírito de independência que se tem desenvolvido, produziram o governo comunal de Paris, em que se viram todas as atrocidades, entregue como foi a um bando de homens que perdidos em seu delírio desconhecera a Deus, a pátria, a família e a propriedade. Dentre estas escolas há uma conhecida com o título de positiva, cujo oráculo e chefe foi um homem de talento superior, Augusto Comte, muito apreciado pelos cultores das ciências matemáticas, às quais é dedicado o diretor do Instituto dos Meninos Cegos...Eu não desejo que semelhantes doutrinas corram entre nós, sejam favorecidas pelo governo. Os resultados das doutrinas subversivas da moral são infalíveis, elas produziram os delírios da Comuna, a qual tudo o que disse e decretou achou ensinado nos livros, até aquela declaração de que os macacos eram os nossos irrecusáveis antepassados <sup>43</sup>

Na sessão seguinte, João Alfredo respondeu ao deputado e defendeu Benjamin Constant, procurando fazer uma distinção entre o positivismo e o marxismo, sem utilizar esta expressão ou o nome de Marx:

Há, finalmente, no discurso do nobre deputado uma injustiça e é quando ele chama minha atenção para o diretor do Instituto dos Meninos Cegos. Que disse S. Exa., se achava imbuído das idéias perigosas da escola filosófica positiva, e que por isso podia perverter os meninos confiados ao seu cuidado. Sr. Presidente, se o nobre deputado lesse com mais atenção o relatório do digno diretor do Instituto dos Meninos Cegos, veria que esse funcionário, longe de ser aderente à nova filosofia do materialismo alemão, a essa escola perigosa, de que o nobre deputado supõe sectária da comuna de Paris, tratando de ciências positivas, aproveitou a ocasião para dar-lhes mais importância do que às outras. Se ele tivesse desenvolvido as idéias que o nobre deputado lhe atribuiu, certamente nenhuma dúvida eu teria de observá-lo o erro de suas crenças. Mas incidentalmente tratou da filosofia positiva, que não é

---

<sup>43</sup> MORAES FILHO, Evaristo. *A Proto-História do Marxismo no Brasil*. in *História do Marxismo no Brasil*. Ed. Paz e Terra, São Paulo, 1991. pp 22-23.

propriamente a escola a que se referiu o nobre deputado, e assim creio que não aproveitou uma peça oficial para nela exhibir idéias perigosas.<sup>44</sup>

Raimundo Magalhães Júnior, em um artigo publicado no *Jornal do Brasil* no dia 1º de Junho de 1958, registrou como a imprensa do Brasil reagiu em relação a Comuna e a criação da Associação Internacional dos Trabalhadores (Primeira Internacional) e a figura do próprio Marx. Magalhães Júnior reproduziu uma nota do dia 3 de Outubro de 1871, publicada pelo jornal – *A Reforma* – que pertencia ao Partido Liberal, escrita por Joaquim Serra, poeta e jornalista republicano, que iniciou o movimento abolicionista no Parlamento (1879), referindo-se nominalmente à Marx:

O Sr Karl Marx, chefe da Internacional, cuja a sede é em Londres, acaba de escrever ao *Times*, declarando que a asserção apresentada ao *Daily News* de que a Associação recomendou aos rústicos franceses que incendiassem os palácios é de todo o ponto falsa afirmando, outrossim, que todas as proclamações contendo infames sugestões, publicadas em Paris em nome da Internacional, depois de 18 de março, são apócrifas.<sup>45</sup>

Para Evaristo de Moraes Filho parece não haver dúvidas de que coube ao jornal *A Reforma* a primazia de imprimir o nome de Karl Marx no Brasil. Em 29 de Fevereiro de 1872 a revista *Echo Americano*, editada em Londres, em português, e que era dirigida por Luís Bivar e Melo Moraes Filho, publicou um artigo que difundia uma biografia bastante simpática para com as idéias de Marx. Sem qualquer ataque ou alarmismo, o artigo tinha o título de *O Dr. Carlos Marx*:

A doutrina da Karl Marx se distingue dos sistemas dos outros socialistas. Rejeita todas as concepções e deduções doutrinárias e se procura demonstrar que a sociedade atual possui os germes de uma sociedade nova; que esta sociedade elabora-se por meio da luta de classes que, depois de ter passado pela ditadura transitória, se fundirão finalmente na Associação dos Produtores Livres, baseada sobre a propriedade coletiva

<sup>44</sup> MENDES, Teixeira. *Esboço biográfico de Benjamin Constant*. 1ª ed. Volume II, pp- 166 –170 e 171, apud, MORAES FILHO, Evaristo. op. cit. p-23.

<sup>45</sup> MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Jornal do Brasil*. 01/06/1958, apud, KONDER, L. *A Derrota da Dialética*. Ed. Campus, Rio de Janeiro, 1988. p-69.



do terreno e dos instrumentos de trabalho. Trata-se, pois, de uma doutrina que merece atenção e respeito e que não justifica as prevenções contra o Dr. Karl Marx, que tem sido alvo de muita malignidade.<sup>46</sup>

Quase ao final, diz a nota:

Tal é esse homem, que muita gente considera ser um ente intratável e um revolucionário empedernido; mas que não é senão um filósofo e um pensador, temível, é certo, pelas suas faculdades organizadoras e admiravelmente sintéticas, pela sua larga experiência das revoluções, sua vasta ciência, sua tenacidade características, pela afabilidade de suas maneiras, pelo conhecimento de todos os idiomas europeus, e uma infatigável aptidão para os trabalhos mais áridos.<sup>47</sup>

Paulo Cavalcanti, autor de *Eça de Queiroz, Agitador do Brasil* (Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1959), informa que o jornal de cunho republicano do Recife, *O Seis de Março*, que era dirigido por Afonso d'Albuquerque Melo e José Maria, traduziu e transcreveu um longo artigo que havia sido publicado anteriormente na revista *Ilustração Espanhola*, com o título: *As Doutrinas do Dr. Carlos Marx*<sup>48</sup>. Segundo Leandro Konder, este artigo pode ter sido lido por Sílvio Romero, Tobias Barreto, Araripe Júnior, Artur Orlando, Aníbal Falcão, Inglês de Souza, Vitoriano Palhares, João Barbalho Uchoa Cavalcanti, José Mariano Carneiro da Cunha e Joaquim Nabuco. É claro que através apenas deste artigo, estes intelectuais, não poderiam obter um conhecimento significativo sobre Marx e sua teoria.

Em 1905, Lúcio de Mendonça em seu livro de memórias transcreveu um artigo escrito por ele em 1879, no qual mencionava o nome de Marx em meio aos maiores políticos do tempo, ao lado de: V. Hugo, Mazzini e Garibaldi.<sup>49</sup> Neste mesmo livro, Lúcio critica um artigo que havia sido escrito por Quintino

<sup>46</sup> *Echo Americano*. Londres, 29/02/1872, nº20, apud. KONDER, L. op. cit. p 70-71.

<sup>47</sup> TAVARES, José Nilo. *Por que Marx?* Ed. Graal, Rio de Janeiro, 1983. pp 197-199.in MORAES FILHO, Evaristo de. op. cit. p.24

<sup>48</sup> CHACON, V. *História das Idéias Socialistas no Brasil*. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1981. p.168

<sup>49</sup> MENDONÇA, Lúcio. *A Caminho*. Ed. Laemmert, 1905. pp.3-4, 189-190, 74.

Bocaiúva em 1872, no jornal *A República*, onde declarou: “A Comuna é a negação do trabalho”. Lúcio rebate:

O comunismo enobrece, santifica o trabalho, suprimindo o intuito egoístico de acumulação da propriedade, que desaparece, como desnecessária, e suprimindo a ambição de dinheiro, de moeda, que, na economia da Comuna, deixa de existir, por inútil e sem significação, pois a moeda é um título de dívida, um representativo de trabalho acumulado e economizado e nada disto se compadece com o regime comunista.<sup>50</sup>

Mesmo fazendo uma defesa do comunismo, em um artigo de setembro de 1879, ele ataca o socialismo, que é: “a absorção do indivíduo pelo Estado”.<sup>51</sup> Lúcio de Mendonça era um republicano e, a partir do que escreveu, vê-se que não havia lido Marx.

Um outro intelectual ao qual se faz muita referência, e considerado por alguns, como o primeiro intelectual a analisar o discurso de Karl Marx, foi Tobias Barreto, jurista, filósofo e jornalista. Ele mencionou o nome de Marx pela primeira vez em 1874, fazendo referência à Primeira Internacional como uma organização de loucos.<sup>52</sup> Tobias citou Marx em várias ocasiões, mas na maioria das vezes, eram fragmentos, frases de efeito. Em 1883 na formatura de uma das turmas da Faculdade de Direito do Recife, Tobias disse:

Karl Marx diz uma bela verdade, quando afirma que cada período tem suas próprias leis...Logo que a vida atravessa um dado período evolutivo, logo que passa de um estado a outro, ela começa também a ser dirigida por leis diferentes...A questão cardeal do nosso tempo não é política e nem religiosa: é eminentemente social e econômica.<sup>53</sup>

Tobias escreveu este discurso baseando-se no prefácio da segunda edição alemã de *O Capital* (1873), que ele havia recebido da Alemanha. Porém, estas palavras não eram de Marx, e sim, de uma apresentação crítica

---

<sup>50</sup> MENDONÇA, L. op. cit. pp. 189-190.

<sup>51</sup> Idem 10, p.74.

<sup>52</sup> BARRETO, TOBIAS. *Obras Completas*. Ed. Estado de Sergipe, vol.3, 1926. p.252

<sup>53</sup> Idem 12, vol.9, p.217

da primeira edição, escrita por um jornalista de São Petersburgo e publicada na revista *Mensageiro Europeu*, de maio de 1872. Na página anterior, da qual Tobias não se deu conta, Marx esclarecia:

Não poderia eu responder melhor ao escritor russo do que por extratos de sua própria crítica, que podem aliás interessar ao leitor. Depois de uma citação tirada de meu prefácio à *Crítica da economia política* (Berlim, 1859, pp.IV-VII), no qual discuto a base materialista do meu método, o autor continua assim...<sup>54</sup>

Tobias transcreveu a crítica feita pela revista russa, tomando como texto do próprio Marx.

Evaristo de Moraes Filho e Leandro Konder atribuem a Tobias Barreto a primeira citação da obra de Marx entre nós. Tobias era de uma francofobia exacerbada e um fervoroso admirador da filosofia alemã, e recorreu a Marx, através de sua crítica a Proudhon, para atacar a filosofia francesa; embora, como mencionamos anteriormente, não compartilhasse dos ideais do comunismo e do materialismo histórico. Para Tobias, o comunismo era o sinônimo do “mais alto grau de servidão”.<sup>55</sup> Devemos levar em conta que chegar a ler Marx neste período na América Latina, era, ainda segundo Konder, algo excepcional. Entre os intelectuais latino americanos, em 1883, pouquíssimos conheciam *O Capital*. O próprio José Martí, famoso escritor cubano, que discursou numa homenagem a Marx, elogiando o pensador recém falecido, não parece ter chegado a estudar sua obra: Martí louva Marx por se colocar ao lado das massas oprimidas, porém se distancia da concepção marxista da luta de classes, porque esta, a seu ver, respondia ao mal com o mal.<sup>56</sup>

---

<sup>54</sup> BARRETO, T. op. cit. vol. IX, p217.

<sup>55</sup> MORAES FILHO, Evaristo. *Medo à Utopia*. Ed. Nova Fronteira/INL, Rio de Janeiro, 1985. p.188

<sup>56</sup> KONDER, L. op. cit. p.73

As idéias de Marx, mesmo sem muita consistência, como eram difundidas por Tobias, apareceram entre os seus discípulos da chamada Escola do Recife. Um desses discípulos foi o jurista Clóvis Beviláqua, que em 1886 citou em seus *Estudos de Direito Economia Política*, nome de Karl Marx:

A escola socialista germânica de Marx e Lassalle pretende que o governo deve estabelecer uma taxa progressiva sobre os proprietários em proveito dos operários. Ambos estes escritores se impõem à nossa simpatia, não tanto pela vida aventureira que levaram quanto pelo seu fervor em prol do proletário e pelo cunho científico que (principalmente Karl Marx) procuraram imprimir a seus escritos. Marx queria um *socialismo científico*, tomando por base os trabalhos de Darwin, a anatomia, a antropologia, etc., e distanciando-se muito das teorias anteriores de Saint-Simon, Fourier, Cabet, Proudhon e Louis Blanc. Infelizmente suas doutrinas parece que tem mais um caráter revolucionário do que construtor.<sup>57</sup>

Neste trecho apenas menciona Marx. Na seqüência, como Tobias, tece críticas ao socialismo: “O protopseudo, o pecado original do socialismo é querer nivelar as classes sociais, quando é certo que é de sua desigualdade, da diversidade de suas funções que resulta a harmonia do progresso humano”.<sup>58</sup> Marx nunca foi o santo de devoção da Escola do Recife. Se existiu algum, este foi Tobias Barreto.

Outro intelectual influenciado por Tobias Barreto, foi o historiador e crítico literário de Sergipe, Sílvio Romero. Este era grande admirador de outro membro da Escola do Recife, Gumersindo Bessa, e concordava com o mesmo sobre o socialismo:

A sociedade obedece em parte leis de causalidade (físicas) e em parte as leis de finalidade (morais). Os males que o socialismo pretende eliminar são conseqüências das leis da primeira categoria e são por isso irreduzíveis. A grande riqueza de poucos, a profunda miséria da maioria, é resultante de uma natural, inelutável como a da gravitação.<sup>59</sup>

<sup>57</sup> BEVILÁQUA, Clóvis. *Estudos de Direito e Economia Política*. Ed. Garnier, Rio de Janeiro, 1902. p.22

<sup>58</sup> Idem 17, pp 22-24.

<sup>59</sup> ROMERO, Sílvio. *Ensaio de Filosofia do Direito*. Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 2º ed., 1908. p.222

Em 1894 em outro livro seu, *Doutrina contra doutrina*<sup>60</sup> criticou os socialistas que, segundo ele, surgiam por aqui, achando que o povo do Brasil gozava de condições iguais a da Europa. Sílvio, como a maioria do grupo da “Escola do Recife”, era admirador de Spencer, e também opositor ferrenho da intervenção do Estado na economia:

Não compreendemos, nem podemos admitir esta espécie de neometafísica que confere ao estado faculdades e funções fabulosamente extraordinárias. O estado inculcado como anterior e superior à nação, como o seu criador, mantenedor e organizador, essa espécie de Jahaveh político, tirando tudo do nada, é uma criação mórbida do despotismo contemporâneo, quer ele fale pela boca socialista de Karl Marx ou Babel, quer pela boca imperial do monarca da Alemanha, ou do czar da Rússia. O estado não pode existir no vácuo, não pode ser uma força e agir sem massa correspondente, e essa massa é o indivíduo, é a sociedade.<sup>61</sup>

Como podemos ver, Romero caracterizava Marx como um dos responsáveis pela concepção despótica do Estado, e em outro trecho é citado ao lado do conservador Schaeffle. Clóvis Beviláqua retomou esta comparação em seu livro *Criminologia e Direito* (1896), onde considerava tanto Marx como Schaeffle representantes de uma teoria que visava submeter o indivíduo à sociedade, onde este teria que renunciar a todos os seus direitos.

No fim do século XIX e começo do XX, duas figuras intelectuais também trataram do pensamento de Marx, sem que se possa dizer que qualquer um deles tenha sido marxista realmente. Referimo-nos a Farias Brito e Euclides da Cunha.

O filósofo cearense Farias Brito deixou claro que não tomou contato com as idéias de Marx de maneira direta. Em 1889 no segundo volume de seu livro *A Finalidade do Mundo*, existe um capítulo em que fala do socialismo. Para Farias Brito existiam três soluções possíveis para a crise do mundo moderno,

---

<sup>60</sup> Obra Filosófica, Ed. José Olympio/USP, 1969. p.274

<sup>61</sup> Idem 19, pp.214-215.

eram elas: 1) ditadura científica de Augusto Comte; 2) teoria naturalista de Spencer; e 3) socialismo coletivista de Marx. Em sua exposição não citava o nome de Marx diretamente, discutia suas idéias a partir de informações extraídas de Enrico Ferri e Benôit Malon, considerados por Farias Brito figuras importantes do marxismo. Ele comparava o coletivismo de Marx com o anarquismo de Bakunin, concluindo ser o primeiro “uma doutrina vasta e profunda, mas que não possui uma solução aceitável para a questão social, que deve ser resolvida religiosamente, em nome de uma idéia”.<sup>62</sup> Discordava também da luta de classes: “Destruir, destruir – eis o programa. Mas como reconstruir? É o que os socialistas não nos explicam”.<sup>63</sup>

Euclides da Cunha era mais simpático ao pensamento de Marx e chegou a participar de movimentos ligados aos trabalhadores. Nas comemorações do Primeiro de Maio publicou três artigos usando o pseudônimo de Proudhon, o primeiro no Dia do Trabalho de 1892, em *O Estado de São Paulo*. Neste artigo o nome de Marx não aparecia em nenhum momento. Os nomes utilizados por Euclides são os de Spencer e o de Comte (nomes que sempre caminharam ao lado do marxismo em sua difusão pelo Brasil):

Seja qual for este regime por vir, traduza-se ele pela proteção constante do indivíduo pela sociedade, como pensa Spencer, ou pelas inúmeras repúblicas, em que se diferenciará o mundo, segundo acredita Augusto Comte – ele será, antes de tudo, perfeitamente civilizados. Que se passe sem lutas este dia notável. O socialismo que tem hoje uma tribuna em todos os parlamentos, não precisa de se despenhar nas revoltas desmoralizadas da anarquia.<sup>64</sup>

Segundo Vamireh Chacon, Euclides compreendeu as fraquezas das “estupendas utopias de Saint–Simon”, das “alienações de Proudhon”, das

---

<sup>62</sup> BRITO, Farias. *A Finalidade do Mundo*. V.II, Ceará, 1891, p.27. In *Proto – História do Marxismo*. Ed. Paz e Terra, São Paulo, 1991. p.29.

<sup>63</sup> Idem 21, p.28.

<sup>64</sup> MORAES FILHO, Evaristo de. op. cit. p30.

“tentativas bizarras de Fourier” e do “soçobro completo da política de Louis Blanc”. Viu claramente quem foi Karl Marx, “com este inflexível adversário de Proudhon que o socialismo científico começou a usar uma linguagem firme, compreensível e positiva”.<sup>65</sup>

Podemos observar que a formação militar de Euclides está presente ao longo de todo o artigo, manifestada em suas concepções positivistas e evolucionistas, presentes no Exército Brasileiro; e também pela questão de considerar toda ação revolucionária como uma ameaça ao progresso da nação e da ordem social.

Euclides da Cunha fundou em 1900, em São José do Rio Pardo (SP), o Clube Internacional Filhos do Trabalho, entre seus membros encontravam-se: Euclides, Francisco Escobar, Pascoal Artese e Honório de Silos. Em 1º de maio de 1901, o clube publicou seu manifesto, cuja confecção foi atribuída a Euclides. O programa era composto por 21 itens que continham uma série de reivindicações para proteger o trabalhador brasileiro. Evaristo de Moraes Filho considera este grupo precursor de uma avançada legislação social. Vemos nisso certo exagero por parte do autor, pois havia uma fraqueza teórica nas pessoas que elaboraram este programa. Evaristo parece neste momento padecer do mal da historiografia e ciência política brasileira, a busca de precursores.

Existem muitos pontos em comum entre o manifesto e o artigo de 1892, com repetição de algumas passagens. O terceiro artigo com o título de, *Um Velho problema*, de 1904; se comparado aos demais, era o mais bem escrito, menos emocional e com uma segurança doutrinária maior. Marx era citado de

---

<sup>65</sup> CHACON, V. *História das Idéias Socialista no Brasil*. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1981. p177.

maneira expressa e também, fez-se uma exposição histórica, que se iniciava com o Antigo Regime, destacando os avanços alcançados pela Revolução Francesa.

Não bastaram os socialistas utópicos do século XIX, tais como Saint-Simon, Proudhon, Fourier e Louis Blanc. Assim ela (a questão social) chegou até meados do último século – até Karl Marx – pois foi realmente com este inflexível adversário de Proudhon que o socialismo científico começou a usar uma linguagem firme, compreensível e positiva.

Em seguida fazia uma exposição do marxismo:

A fonte única da produção e do seu corolário imediato, o valor, é o trabalho. Nem a terra, nem as máquinas, nem o capital, ainda que coligados, produzem sem o braço do operário. Daí uma conclusão irredutível: a riqueza produzida deve pertencer toda aos que trabalham. É um conceito dedutivo: o capital é uma espoliação. Não se pode negar a segurança do raciocínio”.<sup>66</sup>

Segundo Euclides, o capitalismo protege mais as máquinas do que os operários que estão sujeitos as condições insalubres, e conclui:

Neste confronto se expõe a pecaminosa injustiça que o egoísmo capitalista agrava, não permitindo, mercê do salário insuficiente, que se conserve tão bem como os seus aparelhos metálicos, seus aparelhos de músculos e nervos, e está em grande parte a justificativa dos socialistas no chegarem todos ao duplo princípio fundamental: socialização dos meios de produção e circulação; posse individual somente dos objetos de uso.<sup>67</sup>

Como argumentamos anteriormente, Marx é citado uma vez, embora com uma boa exposição de suas idéias. Porém, outros socialistas de menor expressão e de cunho reformista são mencionados com um destaque maior, como Ligg, Vaillant, Vandervelde e, principalmente, Ferri e Benôit-Malon, que parece ter sido o grande divulgador das idéias marxistas entre os brasileiros. Assim escreveu Evaristo de Moraes Filho sobre as posições de Euclides da Cunha:

---

<sup>66</sup> Idem 23, pp30-31.

<sup>67</sup> Idem 23, p31.



Muito se tem discutido sobre se Euclides da Cunha (1866/1909) foi realmente um socialista. Enquanto uns o negam, outros chegam a dá-lo até como ativista e militante em certo período de sua vida, com luxos de pormenores. A vida e a obra de Euclides sempre se inclinaram por um profundo sentido de renovação, de espírito de justiça social, de denúncia contra a miséria e a exploração do homem pelo homem. Quanto a isso não há a menor dúvida, existindo unanimidade de pontos de vista dos seus críticos. A divergência começa quando se trata de indagar se chegou mesmo a abraçar o socialismo como concepção geral do mundo e da vida, como ideologia, e quanto militou nos movimentos do seu tempo favoráveis àquela doutrina. Positivista que foi, chegando a enxergar na *Síntese Subjetiva* (1856), de Comte, o maior livro do século XIX, não acreditamos que Euclides da Cunha se tenha aprofundado no pensamento socialista, muito menos na obra de Marx.<sup>68</sup>

Os livros que existiam no Brasil em português oriundos de Portugal, apresentavam Karl Marx de maneira pouco interessante e distorcida. Sampaio Bruno em seu livro *Notas do Exílio* (1893) escreveu:

Entre nós as doutrinas de Marx são quase desconhecidas e o livro fundamental do socialista presta-se dificilmente aos nossos entendimentos, pelo caráter aridamente abstrato que possui, agravado pela germânica falta de ordenação lógica das matérias.<sup>69</sup>

Esta era a visão que se tinha de Marx e de seu pensamento. Era considerado um pensador confuso e radical, que para muitos não se diferenciava de outras correntes políticas radicais, como os anarquistas. Esta era a impressão que também ocorreu no Brasil como podemos ver no início da argumentação deste capítulo.

Com a fundação da Segunda Internacional (1889) este tipo de confusão continuou, devido às várias correntes teóricas presentes na Segunda Internacional e pelo revisionismo empreendido por vários de seus membros. Alguns vestígios da fundação da Segunda Internacional podem ser observados no Congresso Socialista Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro em 1892, e anteriormente com a fundação do Partido Socialista Brasileiro (PSB), em 1890,

<sup>68</sup> MORAES FILHO, Evaristo de. *O Socialismo Brasileiro*. cit. p44.

<sup>69</sup> BRUNO, Sampaio. *Notas do Exílio*. Ed. Chardron, Portugal, 1893. In Konder, Leandro. op. cit. p78.

que não conseguiu formar-se em um partido de grande influência, devido à falta de condições de sobrevivência no plano nacional.

## **CAPÍTULO 2**

### **As influências do pensamento socialista sobre o movimento operário brasileiro**

O desenvolvimento da indústria mudou a estrutura urbana: em alguns casos, as cidades chegaram a ser definidas como tal principalmente pelo crescimento industrial. Este espaço serviu de palco para as lutas reivindicatórias do movimento operário.

O capital para a indústria veio da acumulação no café, na região centro sul, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro no final do século XIX. Durante muito tempo operários destas áreas trabalharam do lado de um bom número de escravos. O fato de o proletariado surgir no interior de uma sociedade escravocrata dificultou o processo de sua formação como classe. Mesmo assim, originando-se de um processo histórico diferente do caso europeu, a classe operária brasileira procurou organizar-se da maneira que podia, e neste caso foi de fundamental importância o peso da força de trabalho do imigrante.

O número de operários imigrantes aumentou depois de 1888, com a abolição da escravidão. Antes eles já se encontravam nas fábricas em bom número, porém em proporções pequenas se comparadas ao período posterior. Vale ressaltar que a maioria desta mão-de-obra estrangeira concentrava-se no centro-sul (São Paulo e Rio de Janeiro) devido à própria industrialização. Entre 1888 e 1898 entraram em São Paulo, 820.000 italianos, que representavam 61% da imigração contribuindo decisivamente para a formação do proletariado paulista.

Quando o imigrante chegava ao Brasil, nos primeiros anos, tinha a tendência a agarrar-se ao seu emprego, com receio de perdê-lo. Este fato, mais do que a própria heterogeneidade étnica dificultou o trabalho organizatório dos núcleos anarquistas. Mas não podemos exagerar apontando este fato como o único responsável pela fragilidade organizatória da classe operária do Brasil. A heterogeneidade do proletariado, por si só, não impossibilitou o desenvolvimento do movimento operário no país, na luta contra a dominação de classe.

A imigração jogou papel positivo no processo de formação do proletariado como classe. A presença de núcleos de militantes vinculados à experiência internacional da classe contribuía – por mais tênues que fossem essas ligações – para que se estabelecesse uma ponte mediadora entre a consciência do operariado em formação no Brasil e o proletariado internacional. O internacionalismo, nesta medida, não foi apenas uma ideologia importada, nem um mero recurso retórico de propaganda doutrinária. Inscrevia-se, pelo contrário, no processo do movimento operário brasileiro tornando-o parte específica e constitutiva do movimento operário internacional.

Não deve nos causar espécie o fato de que os núcleos organizados, no plano sindical e partidário, tenham sempre constituído minoria em relação ao conjunto da classe. Segundo Hardman e Leonardi, isto sempre ocorreu, em maior e menor grau, na história do movimento operário. Tal situação, que também marcou o movimento na Europa, não expressa nenhum tipo de incapacidade ou atraso. Expressa na verdade variações na correlação de forças entre as classes, as dificuldades econômicas, sociais, culturais e

políticas de organização do proletariado, e, como dissemos, ocorreram tanto em países industrializados quanto na América Latina.

As elites no Brasil e nas demais nações latino-americanas (mesmo nos EUA e na Europa este comportamento pode ser encontrado) sempre se basearam em posições xenófobas para descaracterizar as lideranças operárias como elementos alienígenas e desagregadores dos trabalhadores nacionais.

Na verdade, o que a classe dominante denominava de “elemento alienígena”, isto é, a imigração para o movimento operário brasileiro, foi um dos processos mais relevantes para a sua formação política.

Mesmo que a industrialização e a própria formação da classe operária não possam ser comparadas ao caso europeu, não podemos negar, no caso das organizações operárias brasileiras, a existência de influência das correntes do movimento dos trabalhadores no Velho Continente, principalmente via imigrantes e intelectuais. Dentre as correntes que mais influenciaram as organizações proletárias no Brasil, destaca-se o anarco-sindicalismo. Esta foi uma das últimas correntes originárias do anarquismo da Primeira Internacional, liderado por Bakunin.

No Brasil o anarco-sindicalismo despontou como tendência expressiva do movimento operário no início do século XX. As greves que cresciam em número, a intensa atividade sindical e o afluxo da imprensa operária tiveram em núcleos de militantes anarco-sindicalistas um respaldo dos mais decisivos.

Para Edgar Rodrigues<sup>70</sup> a história do anarquismo em terras brasileiras começou a ser escrita efetivamente em 1888, com a chegada de Artur Campagnoli. Foi este bravo militante italiano, artista joalheiro, falecido em 1944, em São Paulo, quem teve o mérito de fincar o mais visível e

---

<sup>70</sup>RODRIGUES, Edgard. *Sindicalismo e socialismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1969.

incontestável marco anarquista no Brasil. Chegou a São Paulo em 1888, comprou uma área de terra considerada improdutiva e fundou a Colônia Anarquista de Guararema, com ajuda de libertários russos, franceses, espanhóis, italianos (a maioria) e alguns anos depois com a colaboração de brasileiros. Dois anos mais tarde vieram o engenheiro agrônomo Giovanni Rossi e cerca de 200 imigrantes da Itália, em duas levadas, para fundar a Colônia Cecília, no Paraná. Esta experiência ácrata resistiu de 1890 a 1894 às investidas do governo da República, que acabava de implantar-se no Brasil. Asfixiada por cobranças de impostos indevidos, pelas invasões militares, os mais resistentes esperaram a expulsão, radicando-se nas imediações, para olhar de longe a palmeira onde por quatro anos tremulou a bandeira preta e vermelha do Anarquismo. São desta mesma época os periódicos: *Ghi Schiavi Bianchi*, São Paulo, 1892, em idioma italiano e tendo como diretor Gallileu Botti; *L'Avenire*, São Paulo, 1893, em italiano e português; *IRisveglio*, São Paulo, 1893, em italiano. *O Libertário*, em português, saiu em 1898, em São Paulo, sob a direção de Benjamim Mota; *O Despertar*, Rio de Janeiro, em 1898, sob a direção de José Sarmiento Marques, e em janeiro do mesmo ano de 1898 realizou-se o Primeiro Congresso Operário do Rio Grande do Sul com a participação de dois centros que se denominavam anarquistas. Em 20 de setembro foi assassinado Polenice Mattei, o primeiro mártir do anarquismo, em São Paulo, Brasil.

Em mais de cem anos, o movimento anarquista do Brasil sofreu inúmeros revezes. A pesar de ter criado quatro diários, dezenas de semanários, mensários, bimensários e outros periódicos, atravessou fases

difícilimas sem contar com qualquer porta-voz e nem mesmo poder reunir seus militantes.

Também no final do século XIX foram publicados alguns livros e folhetos, a maioria por iniciativa de grupos libertários, que se cotizavam para angariar recursos com os quais custeavam as edições.<sup>71</sup>

O anarco-sindicalismo no Brasil foi a força ideológica mais influente no movimento operário brasileiro entre o final do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX. Seus participantes constituíram a espinha dorsal da liderança militante, tendo editado a maioria dos jornais operários e dominado as atividades e a organização dos sindicatos. O anarquismo possuía diversas variações no Brasil e na Europa, todas com uma mensagem comum: liberdade e igualdade só serão conseguidas quando o capitalismo e o Estado que o defende forem destruídos. Como as demais formas do socialismo, o anarquismo considerava a propriedade privada como fonte principal dos problemas da nossa sociedade.

Se o desenvolvimento do anarquismo no Brasil foi influenciado pelas idéias vindas da Europa, não podemos deixar de notar que também foi fruto da realidade e da experiência brasileira. As primeiras iniciativas dos anarquistas foram as de tentar levar adiante seu trabalho através do que poderíamos chamar de voluntarismo. As primeiras publicações anarquistas e anarco-sindicalistas tentaram sobreviver apenas de contribuições. Os militantes eram poucos e possuindo poucos recursos, já se podia prever o resultado: poucos jornais tiveram vida longa, a maioria não passava do quinto número. A vida de alguns sindicatos não foi diferente. Para financiar suas primeiras greves e operações cotidianas contavam praticamente com contribuições espontâneas.

---

<sup>71</sup> RODRIGUES, Edgard. *Sindicalismo e socialismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1969.

Depois passaram a promover festas e rifas e a cobrar taxas obrigatórias e fundos de greves, o que para muitos eram práticas características do que chamavam de sindicatos “burgueses”.

O anarquismo brasileiro não ficou de fora do debate relacionado sobre a autoridade e organização. A essência do anarquismo opõe-se a qualquer estrutura, considerando-a uma repressão à liberdade, herança do que denominavam de autoritarismo burguês, presente nos debates da Primeira Internacional entre Marx e Bakunin (“socialismo autoritário” e “socialismo libertário”).

De certa forma o anarco-sindicalismo representa uma quebra nesse dogma, pois se centralizava nas ações das organizações sindicais, usando-as para resolver a situação dos trabalhadores. Para ele, o sindicato é o meio mais eficaz para a propagação dos ideais revolucionários, pois seu objetivo é a melhoria dos salários e das condições de trabalho, além de, não sendo um partido político, congregar operários das mais diversas tendências. Asseguram que, ao lutar por melhores condições,

o trabalhador absorve facilmente a propaganda anarquista, conseguindo uma compreensão cada vez mais clara sobre a origem de seus problemas. E fica moral e materialmente preparado para conhecer a conclusão lógica do movimento sindicalista: a expropriação revolucionária da terra e de todos os meios de produção”.<sup>72</sup>

A polêmica entre os sindicalistas revolucionários e o que poderíamos chamar de puristas era constante na Europa e no Brasil. Os anarco-sindicalistas defendem que o sindicato ideal é aquele que se preocupa e se envolve nas atividades que visam a melhoria das condições dos trabalhadores, através do confronto direto com o capital. Qualquer forma de ação parlamentar é ineficaz, pois desvia os sindicatos de sua função de órgãos de resistência e

---

<sup>72</sup> *A Voz do Trabalhador*. São Paulo, 11 de novembro de 1906, pág. 3



ilude o trabalhador, fazendo-o acreditar que alguma mudança real esteja acontecendo. Esta perspectiva também se estendia às cooperativas e sociedades beneficentes. Os sindicatos deveriam ser organizações livres e dirigidas pela vontade de seus membros, e não por um aparato burocrático. Seria também decisão de seus membros a filiação ou não a alguma federação. Alguns sindicatos reformistas eram favoráveis a uma burocracia profissional remunerada. Os anarco-sindicalistas, ao contrário, acreditavam que servir o sindicato era uma espécie de dever sagrado, e por isso ninguém deveria ser pago. Tinham receio de criar dentro dos sindicatos uma espécie de classe privilegiada de dirigentes que serviria a si próprios e não aos trabalhadores. As condições brasileiras forçaram os libertários a serem mais flexíveis: pagariam um salário permanente caso fosse necessário para cuidar da estrutura.

A idéia do anarco-sindicalismo foi a de adaptar o anarquismo às realidades da civilização moderna, proporcionadas pela a estruturação do movimento operário. Não se opunham a industrialização, mas sim aos que a controlavam. Argumentavam que a mecanização conduz ao desemprego e à exploração dos trabalhadores apenas quando controlada por capitalistas. Nas mãos dos operários, contudo, a indústria e a tecnologia produziram uma distribuição mais eficiente e igualitária das mercadorias e serviços.<sup>73</sup>

As idéias anarco-sindicalistas entraram no Brasil através de livros dos teóricos sindicalistas residentes na França, onde sua popularidade despontou por volta de 1890, e em outros centros de atividade sindicalista, como Itália, Espanha, e, em menor escala, Portugal<sup>74</sup>. Isto é notado nos jornais editados no início do século XX, como *A Terra Livre*, *O Amigo do Povo*. Como em todos os

---

<sup>73</sup> MARAM, Sheldon L. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro 1890-1920*. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1979, pág. 78

<sup>74</sup> Idem 3

países onde penetraram, essas teorias e práticas espalharam-se pelo Brasil através da imprensa, de panfletos, e das resoluções dos congressos operários dominados por anarco-sindicalistas. Houve três deles no Brasil. O primeiro em 1906, o segundo em 1913, e o terceiro em 1920.

Os anarco-sindicalistas procuraram desenvolver entre os trabalhadores um sentimento de solidariedade internacional, especialmente para com os italianos, portugueses e espanhóis. Os socialistas insistiam em que os imigrantes adotassem a cidadania brasileira para poderem votar nas eleições. Já os anarquistas não exigiam tal atitude. O nacionalismo e, em especial, a participação no processo eleitoral, era considerado uma maldição para os libertários. O anarquismo considerava a sociedade burguesa corrupta, repressiva e não desejava de efetuar mudanças fundamentais em favor da classe trabalhadora. Era mais pertinente à realidade brasileira do que as filosofias de intelectuais pequenos burgueses de tendência moderada e reformista, pois pregava, além da melhoria nas condições dos trabalhadores, a participação mais direta dos operários, através de suas associações. Argumentavam que a eleição de representantes da classe trabalhadora ao Parlamento do país, em uma estrutura eleitoral dominada por oligarcas, estava fadada ao fracasso.

Para Sheldon Leslie Maram os anarquistas ofereciam uma militância mais dedicada ao trabalhador, diferente dos reformistas oriundos das camadas médias, que muitas vezes ficavam apenas nas conferências, publicações e discursos. Muitos acabavam por abandonar o movimento quando conseguiam melhorar de vida. Diferentes eram os anarquistas, homens com um ideal e uma missão, com quem os trabalhadores podiam sempre contar, mesmo nas

pequenas causas. Eram pessoas como Luigi Damiani, Edgard Leuenroth, Raimundo Soares, Neno Vasco, José Oiticica e outros.<sup>75</sup>

Como mencionamos, além dos anarquistas e anarco-sindicalistas, havia muitas pessoas e organizações operárias que procuravam reformar as instituições da sociedade, organizando-se em centros, sindicatos e partidos, muitas vezes efêmeros. As cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Santos eram centros de grande importância para estes grupos.

Os reformistas entraram em evidência bem antes que os anarquistas dentro do proletariado brasileiro. Muitos grupos oriundos das campanhas abolicionista e republicana enxergaram a possibilidade de obter espaço político, chegando a criar diversos partidos operários, a partir de 1890, cujos objetivos eram melhorar as condições da classe trabalhadora através da ação política.

No final do século XIX, destacaram-se vários líderes operários que declaravam defender os ideais socialistas, um deles foi Luís França e Silva. Evaldo da Silva Garcia caracterizava Luís França como o primeiro líder operário marxista no Brasil,<sup>76</sup> embora não haja nenhuma comprovação de que as idéias de Marx tenham influenciado de alguma maneira o pensamento de França e Silva.

O socialismo adotado pelo movimento operário nesse período era difuso. Podemos entender os limites das organizações operárias ditas marxistas pelo relatório elaborado no Congresso Socialista de 1892 e enviado ao Congresso da Segunda Internacional em 1893. O relatório possuía as seguintes

---

<sup>75</sup> MARAM, Sheldon L. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro 1890-1920*. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1979, págs. 84-85.

<sup>76</sup> GARCIA, Evaldo Silva. *Estudos Sociais*. Nº19, fevereiro, 1963. pp333-334

assinaturas da comissão executiva: José Wiriga, Augusto Lux, Otto Bendix e Nicolau Shnider. Mesmo fazendo uma análise realista da situação do país, convocando a “eliminar completamente todos os elementos autoritários da sociedade atual, para evitar a sorte da “revolução” de 1789, de onde saiu a burguesia que hoje nos oprime,<sup>77</sup> o relatório não supera o cunho meramente propagandístico e doutrinário de seus objetivos, afetado por um pedagogismo autoritário, tão presente na social-democracia, que pretende ensinar seu evangelho e aprimorar a educação do povo.

O seu informe do Congresso da Segunda Internacional, em julho de 1896 na cidade de Londres, dizia o seguinte sobre o socialismo brasileiro:

No Brasil o socialismo encontra-se em um estado embrionário. Cresce mais nas províncias do sul-sudeste, São Paulo e Rio Grande do Sul, graças à imigração italiana e alemã. Em Santos existe a União Operária, um partido operário social – democrata. Em 1895 um grupo de intelectuais fundou o Centro Socialista de orientação social – democrata por seu caráter...Os homens mais em vista da social – democracia brasileira são os senhores, Silvério Fontes, Sóter de Araújo, Carlos Escobar, Esperidião de Médicis, Mariano Garcia, Cirilo Costa Benedito Ramos e outros”.<sup>78</sup>

O partido operário citado no informe era, em essência, um pequeno grupo da União Geral dos Trabalhadores de São Paulo, fundada por imigrantes alemães. O informe falava também de “socialistas – anarquistas” e até mesmo de “comunistas”, como se qualificavam alguns imigrantes italianos.

Foram criados núcleos socialistas, realizados debates, manifestações e publicados jornais, mas o alvo principal, a grande massa de trabalhadores, em sua maioria não foi atingida. Muitas das várias reuniões que realizavam resumiam-se a debates de intelectuais, onde os operários ficavam isolados das

---

<sup>77</sup>Relatório da Comissão Executiva do Partido Operário do Brasil. apresentado no Congresso Socialista da II Internacional de Zurique, 1893. *apud*, FOOT, Francisco e LEONARDI, Victor. *História da Indústria no Brasil*. Ed. Global, São Paulo, 1982. pp237-238.

<sup>78</sup> TURCI, Alex Neriz. *Idéias Socialistas no Brasil: Formação e Consolidação de um Pensamento de Esquerda*. São Carlos, DCSO/UFSCar, 1997. p.18-19.

discussões, com a exceção de uns poucos, não por falta de interesse, mas sim por não compreenderem a linguagem e os termos usados que, às vezes, nem os próprios debatedores conheciam muito bem.<sup>79</sup>

A maioria dos operários não possuía conhecimento algum sobre o marxismo e os intelectuais ainda não tinham uma precisa concepção do mundo do ponto de vista da teoria de classes de Marx; muitas vezes misturavam idéias do socialismo utópico, do anarquismo pequeno – burguês e do marxismo.

Leandro Konder, em seu livro *A Derrota da Dialética*, explicita o quanto os ideais socialistas adotados pelos difusores de Marx no movimento operário eram vagos e enfáticos.<sup>80</sup> Ele cita um episódio do final do século XIX, quando Kautsky recebeu um jornal brasileiro, com uma matéria sobre um partido operário e seu programa e enviou-o para Engels, que compreendia o português. Este comentou, em uma carta sobre o periódico recebido: “a importância desses partidos sul-americanos está sempre em relação inversa à retumbância de seu programa”.<sup>81</sup>

Nunca houve maior interesse de Marx e Engels pela América do Sul, e muito menos pelo Brasil. O país foi citado pouquíssimas vezes na obra de ambos, mencionado como uma sociedade escravista e uma economia fornecedora de matérias-primas, um país pré-capitalista - e verdade que no contexto em que viveram, Marx e Engels não escaparam do eurocêntrismo na análise de aspectos históricos das sociedades.

No que se refere à avaliação que Engels fazia do movimento socialista no Brasil, no final do século XIX, deve-se reconhecer que não havia mesmo

---

<sup>79</sup> Idem 7

<sup>80</sup> KONDER, L. op. cit., p.79

<sup>81</sup> MARX – ENGELS – WERKE. volume 39, p.37 in KONDER, L. op. cit., p.80

nenhuma razão para otimismo. O socialismo entre nós progredia, de fato, muito lentamente e de maneira difusa.

Desde as primeiras décadas da República Velha a luta operária travou-se no sentido de conquistar os direitos fundamentais do trabalhador. Nos congressos operários e sindicais e nas inúmeras manifestações grevistas tornaram-se constantes as reivindicações visando melhoria salarial, redução na jornada de trabalho, regulamentação do trabalho da mulher e do menor, férias, estabilidade, etc.

Astrojildo Pereira, após relatar as lutas travadas nas primeiras décadas deste século, diz:

Não há dúvida que outras muitas das reivindicações pelas quais lutavam as massas trabalhadoras, nessa época, foram alcançadas, total ou parcialmente. Mas é um fato que a natureza e o volume das vitórias alcançadas não estavam em proporção com o vulto e a extensão do movimento geral. Mais ainda – as reivindicações formuladas, por aumento de salários, por melhores condições de trabalho, etc., constituíam como que um fim em si mesmo, e não um ponto de partida para reivindicações crescentes de nível superior. É que a realidade se tratava de lutas mais ou menos espontâneas, isoladas das outras, sucedendo-se por força de um estado de espírito extremamente combativo que se generalizou entre as massas.<sup>82</sup>

Esta formulação caracteriza as limitações do movimento operário na Primeira República. A predominância de uma pauta predominantemente reivindicatória explicava-se pela hegemonia anarquista e anarco-sindicalista no interior da classe operária. Mais ainda, o movimento operário anarquista no Brasil, tal qual nos países de origem do anarquismo, desconsiderava ou, mais ainda, não admitia na sua doutrina a criação da organização político-partidária das classes subalternas e, decorrentemente, além de isolar-se do cenário político, não permitia a formação de um bloco hegemônico das classes populares, pois não buscava uma necessária política de aliança com os demais setores dominados.

---

<sup>82</sup> PEREIRA, Astrojildo. *A Formação do PCB*. Rio de Janeiro, Editora Vitória, 1962, p.32

Neste sentido não me parece justo ver no movimento operário deste período um caráter revolucionário, apesar do relativo grau de mobilização operária. O fato de se utilizar a greve como instrumento privilegiado, de se limitar ao conflito interno nas fábricas através da ação direta, não permite a caracterização feita por algumas interpretações. Pois, a idéia de revolução coloca a mudança estrutural como de fundamental importância para alterar a situação de exploração do operariado por parte da classe burguesa.

Lígia Silva, ao discutir formulações que vêm caráter “revolucionário” no movimento operário na Primeira República, tece considerações relevantes sobre a verdadeira dimensão do anarquismo no Brasil. Mostra, por exemplo, que ao se estudar as conseqüências do movimento anarco-sindicalista, “torna-se difícil distinguí-lo do movimento sindical reformista dos marítimos e ferroviários do Rio de Janeiro”<sup>83</sup>

Luiz Werneck Vianna, captou com clareza os limites do movimento operário na fase de predominância do anarco-sindicalismo:

...o sistema liberal em curso não sofria ameaça de colapso por parte da ação das classes subalternas. A intensa movimentação operária, apesar do jargão anarco-sindicalista, que politizava agudamente seu discurso, não ultrapassou a luta por reivindicações econômicas e sociais, não se apresentando como um adversário político. Faltava-lhe organização partidária, estratégia para ação e um sistema de alianças que criasse as bases para sua influência política e social. O aliado clássico da classe operária – os camponeses e os trabalhadores do campo em geral – se encontravam ferreamente submetidos aos agrários. No plano da política oficialmente construída, as lideranças operárias passavam ao largo da dissidência oligárquica e das próprias rebeliões da juventude militar.<sup>84</sup>

Em meio à agitação da proclamação da República, surgiam os primeiros partidos operários socialistas no Brasil, mais de cunho reformista do que propriamente revolucionário. No ano de 1890 surgiram três ou quatro partidos

---

<sup>83</sup> SILVA, Lígia. *Movimento Sindical Operário na Primeira República*. Tese de mestrado, Unicamp, 1977, p.200.

<sup>84</sup> VIANNA, Luiz W. *Liberalismo e Sindicato no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1976, p.73

operários ou socialistas; no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Porto Alegre. No Distrito Federal foram criados três partidos; o primeiro sob o comando de Gustavo de Lacerda. O jornal que foi o porta-voz desta organização chamava-se *Voz do Povo*, era de cunho reformista e contra atitudes violentas (revolucionárias). O partido foi derrotado nas eleições desaparecendo rapidamente.

O Partido Operário de Luiz França e Silva, do qual Evaristo de Moraes, quando jovem, foi orador, também era reformista; pretendia obter a mudança social através da ação política e do sufrágio universal. O *Eco Popular* era seu órgão oficial onde se lia em abril de 1890: “Mal avisado anda quem procura inculcar no espírito público de que a classe operária, agrupando-se em torno de um principio político, pode ser nociva aos interesses vitais do país”<sup>85</sup>. E em maio do mesmo ano: “... O Partido Operário não almeja escalar o poder, nem monopolizar a direção suprema dos negócios públicos”<sup>86</sup>. Partido tão reformista quanto o anterior, com grande infiltração da pequena burguesia e das camadas médias, teve como presidente – Roberto J. Kisman Benjamin, descendente de ingleses e funcionário da New York Life Insurance Company. O nº37 do *Eco Popular*, de cinco de julho, deu publicidade ao seu discurso de posse, que tinha ocorrido dois dias antes. Um trecho significativo: “Emancipar a classe operária do estado comatoso em que se encontra do esquecimento e abandono em que ela tem jazido até agora, servirá, estou certo, para engrandecer e glorificar este país”. Nas eleições para a Assembléia, o Partido apoiou o Vice-Almirante Waldenkolk para o Senado e França e Benjamin para a Câmara. Obtiveram

---

<sup>85</sup> *Eco Popular*, nº14, 10/04/1890 in MORAES FILHO, Evaristo de. *O Socialismo Brasileiro*. Ed. UNB, Brasília, 1979. p.17

<sup>86</sup> *Eco Popular*, nº35, 31/05/1890 in MORAES FILHO, Evaristo de. op. cit., p.17



pouco mais de 800 votos, foram derrotados e desapareceram o Partido e o seu jornal.

O terceiro partido operário daquele mesmo ano de 1890 foi fundado por José Augusto Vinhais, maranhense, primeiro-tenente da Marinha de Guerra. Acusado do divisionismo político das classes trabalhadoras, dele se afastou França e Silva. Vinhais logrou eleger-se para a Assembléia como oitavo deputado dos dez eleitos pelo Distrito Federal. Republicano histórico, a ele havia sido conferido pelo Governo Provisório a guarda da Repartição Geral dos Telégrafos, a 15 de novembro. Coube a ele, em nome do seu partido, obter a reforma junto a Deodoro dos dois artigos do Código Penal contrários ao direito de greve. Amigo do chefe do Governo Provisório voltou-se mais tarde contra ele, participando do movimento de 23 de novembro de 1891, a favor de Floriano. Para isso, dirigiu e fez desencadear a greve dos empregados da Estrada de Ferro Central do Brasil, seu principal reduto eleitoral. Também participou da greve do porto de Santos de 1891.

Para reivindicar melhores salários, os estivadores de Santos paralisaram a movimentação do café no porto de Santos em maio de 1891. De São Paulo foram enviados fura-greves, unidades da Polícia, do Exército, e navios da Marinha para esmagar a greve.<sup>87</sup> Vinhais nomeou-se mediador entre o trabalhadores e empregadores. Partiu do Rio para Santos, onde conseguiu que o delegado local concordasse em retirar a polícia da área em greve sob promessa de que ele, Vinhais, acalmaria os trabalhadores. Mas quando os empregadores recusaram-se a entrar em acordo. Vinhais conseguiu assistência financeira para os grevistas e aconselhou-os a continuar a greve. Os negociantes locais pressionaram o delegado para expulsá-lo de Santos.

---

<sup>87</sup> *O Estado de São Paulo*. 13 de maio de 1891, pág.2

Em 1º de maio de 1892 França e Silva convocou, em nome do que chamava Partido Operário Nacional, uma reunião para comemorar a data e fazer reivindicações. Dizia ele:

O Partido Operário Nacional, aderindo às idéias do Congresso Operário Universal, reunido a 11 de junho na capital da França, e sancionadas pelo Congresso Operário de Haia, realizado em 1890, entende com aqueles congressos que o trabalho também tenha o seu dia glorificador, como princípio prudente humano, e reivindique as medidas necessárias à manutenção da harmonia, dos deveres e direitos até agora cerceados às classes operárias em geral...dia normal de oito horas de trabalho para todos os serviços, sem exceção, quer públicos, quer particulares, bem como outras medidas sábias que venham melhorar o estado calamitoso da classe operária.<sup>88</sup>

Lauro ,quem leu e fez transcrever nos Anais da Câmara dos Deputados o inteiro teor do manifesto, foi constantemente interrompido por Vinhais, desafeto de França. Falou das agitações e dificuldades européias, dizendo:

O mesmo se dará entre nós; chegaremos às mesmas dificuldades, se em tempo não cuidarmos seriamente de encaminhar uma questão que se impõe a todas as sociedades do mundo civilizado...Mas a diferença que deixo assinalada, de país a país, já não existe quando se examinam os grandes centros da população brasileira. Nesta capital, por exemplo, e em outras importantes cidades brasileiras, sérias, bem sérias, são as dificuldades de vida para o operário, que as vê agravadas pela dolorosa crise que vai atravessando a nossa pátria.<sup>89</sup>

A confusão era grande entre esses socialistas e reformistas cariocas, cujo movimento, porém, não era visto com maus olhos pelo governo republicano. Esses grupos não escondiam seu apoio aos trabalhadores, apelando para eles em diversas oportunidades e atacando os patrões “alienígenas”, no caso os portugueses, detentores de quase todo o comércio atacadista e a varejo, culpados pelo aumento do custo de vida. Essa simpatia

---

<sup>88</sup> *Discurso do 1º de Maio do Partido Operário Nacional*. 01/05/1892 apud MORAES FILHO, Evaristo de. op. cit., p.18

<sup>89</sup> MÜLLER, Lauro. *Anais da Câmara dos Deputados*. apud MORAES FILHO, Evaristo de. op. cit., p.18

ainda se reforçava mais com a pregação dos positivistas, que eram a favor da integração do proletariado à nova sociedade que surgia, dentro do seu tão decantado regime republicano. Ficou célebre a publicação de Teixeira Mendes apoiando as greves incipientes e as demais reivindicações do operariado.

Em 21 de julho de 1892, o *Eco Popular* congratulava-se com a fundação do Partido Operário de São Paulo, publicando-lhe o programa para que fosse de conhecimento de todos, pois parecia muito com as diretrizes do Partido homônimo no Rio de Janeiro.

Mais tarde, por uma iniciativa de França e Silva, foi realizado no Rio, de 1º de agosto a 5 de setembro de 1892, um novo congresso operário. O novo partido ainda recebeu o nome de Operário, embora com sentido socialista bem mais pronunciado. Compareceram 400 pessoas, e assim foi fundado o Partido Operário ou Socialista Brasileiro, como alguns o denominavam. O programa do recém criado partido tinha um sentido bem mais avançado e agressivo do que os anteriores; falava em “revolução social”, em “unidade de vistas entre os trabalhadores da América e Europa”. Os dois últimos argumentos do programa são mais significativos:

Considerando que por estas condições econômicas da sociedade atual a classe trabalhadora jamais poderá emancipar-se da tutela do capital, sem que se aproprie dos meios de produção, isto é, dos instrumentos do trabalho e das matérias primas, pela restituição do solo à coletividade; considerando, finalmente, que a emancipação econômica da classe trabalhadora é inseparável da sua emancipação política, o congresso operário nacional, aprovando este programa e constituição para o Partido Operário do Brasil manda-os a todas as corporações operárias do país para que, fazendo-os distribuir e correr por todos como neles contêm as resoluções promulgadas pelo mesmo congresso.<sup>90</sup>

---

<sup>90</sup> *Programa do Partido Operário do Brasil*. 05/09/1892 apud MORAES FILHO, Evaristo de. op. cit., p.19

No que podemos observar, os divulgadores do sindicalismo nos anos de 1890 tinham que ser bastante pacientes e dedicados. O país ainda vivia as conseqüências das campanhas abolicionista e republicana. As manifestações grevistas foram poucas até a passagem do século XIX, e as rebeliões porventura ocorridas afetavam apenas uma única empresa ou setor de uma fábrica. A resposta dos trabalhadores às idéias do sindicalismo foi lenta. Qualquer tentativa de organização de organização das massas era abafada.<sup>91</sup>

No final do século XIX algumas cidades já tinham o que podemos chamar de uma tradição de lutas. O caso de certos portos brasileiros que congregavam grandes leva de trabalhadores é exemplar: além do Rio de Janeiro e da cidade porto de Rio Grande, no Sul, um importante e tradicional palco das mobilizações operárias foi a cidade de Santos (SP). As várias categorias de portuários e de marítimos, os cocheiros e carroceiros, os ensacadores de café, os ferroviários e operários da construção civil, entre outros, tiveram sempre uma presença ativa nas lutas sociais santistas.<sup>92</sup>

A formação da Companhia Docas de Santos, em 1889, provocou um aumento muito grande do número de proletários em Santos, tanto da construção civil como de portuários. A companhia principiou por construir um cais de 4.726 metros de comprimento, por meio de um aterro ao longo do canal, com que os vapores passaram a atracar diretamente na muralha do cais. Vinte grandes armazéns foram construídos, na mesma época, ligados a várias linhas férreas. Com isso, o número de vapores entrados triplicou entre 1889 e 1910, diminuindo o número de embarcações à vela. O movimento marítimo de entrada de navios a vapor no porto, naquele último ano, foi de 1.576

---

<sup>91</sup> SIMÃO, Aziz.

<sup>92</sup> RODRIGUES, E. op. cit., pág.13

embarcações, para apenas 38 veleiros. Como o carregamento do café continuava sendo feito nas costas dos estivadores, a concentração proletária de Santos era enorme. Um observador italiano da época relata que movem-se ali, num tumultuar incessante, milhares e milhares de proletários, distribuídos por todos os ramos da atividade humana (...) que lutam contra a pobreza desesperadamente e por isso, nenhuma outra cidade apresenta um aspecto original de tão febril atividade”.<sup>93</sup>

No século XX podemos constatar o aumento das greves e manifestações motivadas pela organização mais concisa do movimento operário. Cento e onze greves operárias foram realizadas no Brasil entre 1900-10 e 258 no período 1910-20, de acordo com o levantamento parcial feito por Edgar Rodrigues. Boris Fausto, pesquisando somente os anos 1917-20, em relação a São Paulo (capital e interior) e Rio de Janeiro, levantou a ocorrência de mais de duzentas greves operárias. Estes dados servem para registrar a significativa presença da classe operária brasileira na Primeira República.

Embora com todos os problemas que enfrentava, o internacionalismo foi um elemento constitutivo importante do movimento operário brasileiro. Isto pode ser comprovado pela participação de socialistas brasileiros em manifestações na América do Sul (principalmente na Argentina) e pela presença de algumas lideranças européias no Brasil (mesmo que se possa discutir a relevância destas lideranças no contexto do movimento internacional). Outro indicador desta importante presença no cerne do movimento operário brasileiro são as leis criadas pelo governo para procurar estirpar o que consideravam “elementos nocivos” e disseminadores de “idéias

---

<sup>93</sup> HARDMAN, F. LEONARDI, V. História da Indústria e do Trabalho no Brasil. Ed. Ática, São Paulo, 1991

subversivas” junto aos trabalhadores brasileiros, por exemplo, a lei de deportação de estrangeiros.<sup>94</sup>

As análises feitas em relação ao movimento operário do final do século XIX e início do XX atribuíram um peso maior a presença anarquista, em função, do predomínio, nas regiões mais industrializadas, em especial São Paulo, de maior contingente imigratório, (muitas vezes desprezando os grupos denominados socialistas). Não estamos dizendo que se trata de optar entre anarquistas e socialistas, ou discutir qual possuiu maior ou menor relevância junto ao proletariado brasileiro. Estamos querendo mostrar que do ponto de vista da organização e da mobilização os grupos anarquistas, principalmente os anarco-sindicalistas tiveram uma participação mais decisiva nas lutas operárias no Brasil. No caso de Santos não podemos detectar esta participação, de acordo com a história do movimento operário naquela cidade, observamos é que no caso santista predominaram os ideais socialistas de caráter reformistas vinculados a associações beneficentes e mutualistas, muitas delas influenciadas por pessoas ligadas as camadas médias de Santos (o caso dos fundadores do Centro Socialista de Santos), que possuíam fortes ligações com os movimentos republicano e principalmente abolicionista. Outras organizações formadas por operários provenientes de imigrantes não se afastavam deste ponto (a fundação de entidades mutualistas e beneficentes), provocando um isolamento em relações aos grupos mencionados anteriormente, não são pelas questões de organização, mas principalmente pela situação de estrangeiro no país. Mesmo assim, estes dois tipos de grupos e suas organizações procuraram ser uma saída para a situação que a classe

---

<sup>94</sup> HARDMAN, F. LEONARDI, V. História da Indústria e do Trabalho no Brasil. Ed. Ática, São Paulo, 1991, págs.180-183

trabalhadora santista passou, lutando por melhores condições de trabalho, salários e instrução dos operários, isto é, procuraram atuar de acordo com a realidade que viviam, desmistificando alguns críticos que argumentavam que estas organizações foram totalmente avessas as questões próprias dos país.

Evaristo de Moraes Filho discorda dos críticos que afirmam que os programas destes partidos e grupos tenham sido alienados da realidade brasileira, feitos e escritos para a Europa. Pelo contrário, com um mínimo de ideologia e de utopia, procuravam esses socialistas da primeira hora ser bem práticos, atentos às necessidades de toda ordem, materiais e espirituais, da classe trabalhadora nacional. Tudo que eles reivindicavam fazia-se urgente entre nós, pela melhoria da qualidade de vida do proletariado que ia surgindo. Dizia o programa de 1892: “Considerando que o socialismo prático obedece a um único princípio universal, embora esteja sujeito às condições do meio e a modalidades diversas;...”<sup>95</sup>

A partir desta abordagem pretendemos analisar de maneira breve o movimento operário santista, suas especificidades as relações e influências, caso tenham ocorrido junto ao Centro Socialista de Santos e como foram manifestadas em sua publicação *A Questão Social*.

---

<sup>95</sup> Idem 39

### CAPÍTULO 3

#### **Santos no final do século XIX: O movimento operário local e a publicação de *A Questão Social***

Por volta da segunda metade do século XIX Santos passou por transformações causadas pelo avanço do café, fazendo com que o passado colonial fosse sendo deixado de lado, dando lugar a feições mais urbanas. A partir da década de 1850 o porto teve certo crescimento e também a cidade. Em 1859 foi apresentado o projeto da ferrovia Santos-Jundiaí, o que estabeleceu um canal de escoamento de quase todo o café do Estado de São Paulo. Criava-se então o binômio São Paulo–Santos que acabou provocando, segundo Araújo Filho, um verdadeiro colapso dos demais portos do litoral brasileiro, “deixando Santos como o grande monopolizador de todo o tráfego com o planalto”.<sup>96</sup> Porém, este aumento de movimentação produziu uma série de problemas, devido às condições do porto serem ainda precárias, pois não havia controle das embarcações, o que fazia com que todo e qualquer tipo de embarcação atracasse no porto, ficando as mercadorias encostadas em pontes e nas praias. Santos, o grande porto exportador, parecia um pequeno porto colonial.

As tentativas de modernização do local, com a construção de um cais, não foram bem sucedidas. A primeira companhia que adquiriu a concessão para realizar a construção fracassou e o governo do Estado não conseguiu sozinho dar continuidade ao projeto. Em 1888 um grupo de empresários ganhou a concorrência feita pelo Império e de acordo com os termos estabelecidos pela concessão, as obras foram iniciadas imediatamente. Mas a faixa de lodo que tinha que ser dragada para a construção do primeiro trecho de cais mostrou-se maior do que os estudos realizados tinham indicado e ao invés dos esperados 105.933 m<sup>3</sup> de lodo foram extraídos 498.689. Além desse problema, a empresa entrou em uma disputa judicial com donos de antigos armazéns (trapiches) que se encontravam no local da construção. A partir desta primeira contenda criou-se

---

<sup>96</sup> FILHO, J.R. Araújo. *Santos, Porto do Café*. Rio de Janeiro, IBGE, 1977 p.363.



uma rivalidade histórica entre as Docas e o comércio de Santos. Mesmo não constando no contrato de concessão que a Docas iriam monopolizar o embarque e desembarque de mercadorias, foi isso que aconteceu. Aos comerciantes interessava o controle sobre este processo de embarque e desembarque de mercadorias, e, ainda mais, interessava evitar que uma única empresa determinasse as taxas que eles teriam que pagar. A Docas tinha o apoio do governo, que alegava irregularidades na cobrança dos impostos alfandegários sobre as mercadorias que transitavam pelos antigos armazéns. Aos poucos os trapiches foram sendo derrubados pelo avanço do cais. Em 1897, um decreto determinou que eles só seriam utilizados quando a capacidade do cais estivesse lotada. Os últimos trapiches a serem derrubados foram os de Ferreira Gullart e Xavier Pinheiro, que resistiram o quanto puderam, principalmente por via judicial, mas as Docas venceram todos os recursos, alegando que a área onde se localizavam os armazéns pertencia à Marinha. Com a construção do cais da companhia Docas houve um controle muito mais eficiente do tráfego de mercadorias. Além do porto, a própria empresa Docas sofreu transformações. Em 1890, com um aumento considerável de seu capital, ela se reorganizou com o nome de Empresa de Obras dos Melhoramentos do Porto de Santos; tornando-se, em 1892, uma sociedade anônima, a Companhia Docas de Santos.<sup>97</sup> Esta empresa possuía uma série de privilégios concedidos pelo governo, o que foi alvo de discussões e críticas dentro do governo e na imprensa. Mas a Companhia contava com homens seus em posições-chave junto ao governo, como o político e Ministro da Agricultura Francisco Glycério, e também o presidente de São Paulo, Bernardino de Campos. Através de uma série de decretos, foram aumentados os prazos para entregas das obras da empresa, e esta, em troca, comprometia-se a criar melhorias no porto, no saneamento e na cidade de Santos.

A construção do Porto e a urbanização e saneamento de Santos são obras interligadas e para Maria Lúcia C. Gitahy fazem parte de um processo através do qual, nestes anos, reorganizou-se o trabalho e a própria face da cidade. A empresa Docas dragou e canalizou uma série de riachos que estavam em sua área de atuação. Já na esfera estatal, desde 1893 havia uma Comissão Sanitária do Governo Estadual, que foi responsável pelo combate de epidemias, controle dos cortiços, armazéns e vacinação, ou seja, responsabilizava-se pelo estado sanitário da cidade. Houve também uma Comissão de Engenharia Sanitária, que criou vários projetos para a rede de esgotos de Santos, galerias de águas pluviais, jardins ao lado dos canais e a

---

<sup>97</sup> LOBO, Hélio. *Docas de Santos: suas origens, lutas e realizações*. Rio de Janeiro: *Jornal do Comércio*, 1936, cap3. In GITARY, Maria Lúcia Caira. *Ventos do Mar: trabalhadores do Porto, Movimento Operário e Cultura Urbana em Santos, 1889-1914*. São Paulo, Ed. Unesp, 1992, p.29.

construção do Hospital de Isolamento, para o controle de possíveis epidemias, além do edifício da Imigração. A Comissão foi dirigida por um bom tempo pelo engenheiro Saturnino Brito.

Devemos entender todo esse esforço do governo dentro do contexto do novo regime republicano, que tinha a intenção de colocar o país no rol das nações civilizadas. A capital federal, o Rio de Janeiro, havia sido reurbanizada, e o governo, tinha assumido a construção do Porto de Santos, já o segundo porto do país.

Os comerciantes de Santos reclamavam, em 1897, das condições do porto e da cidade:

Sem cais e sem meios de descargas, assolado pela febre amarela e pela varíola, com uma alfândega desmantelada, que não possui um guindaste, que não possui armazéns para receber e acondicionar as mercadorias, que não possui pessoal suficiente para conferir e despachar com a indispensável presteza, que não possui os mais necessários utensílios, tendo sua baía coalhada de navios que esperam longos meses que lhe chegue a vez de descarregar, tendo as ruas e praças da cidade atulhadas de mercadorias sujeitas ao tempo e a rapinagem, vendo morrer diariamente a tripulação dos navios em estadia, dizimada pela febre amarela, tal é o triste espetáculo que hoje oferecem o porto e a cidade de Santos.<sup>98</sup>

Mesmo com estes problemas, o movimento portuário aumentava, e das 36.250 sacas de café exportadas em 1860, passou para dois milhões em 1895.

Na medida em que a cidade se desenvolvia, o porto se modernizava. As zonas centrais da cidade foram ocupadas por inúmeros cortiços, construídos às pressas para abrigar a grande quantidade de imigrantes. Com o aumento nas exportações de café aumentou o número de carroças que faziam o transporte do café para os navios e da carga para aos trens, o que fez com que aumentasse o número de cocheiras em Santos que, tal como os cortiços, eram

---

<sup>98</sup> FILHO, J.R. Araújo. op., cit., cap.2.

construídos às pressas, utilizando o material disponível: tábuas de caixote e folhas de zinco.

No que se refere ao crescimento populacional, o censo de Santos, realizado em 1872, nos fornece dados interessantes. Naquele ano havia 9.191 habitantes alojados em 1.392 prédios (6,6 pessoas por domicílio), incluindo a região dos morros, travessas e praias. Eram livres 7.585 moradores e 1.606 escravos. Havia 5.012 brancos, número maior que a soma dos 835 negros, 1.438 mulatos e 239 caboclos. Os estrangeiros chegavam a 1.577, entre os quais 931 eram portugueses e 255 africanos livres. Os dados referentes ao início da República são muito imprecisos. No censo realizado em 1890, Santos aparece com uma população de 13.012 habitantes, número menor do que apurado no censo de 1886, de 15.605 habitantes. Segundo os estudos realizados pelo professor Fuentes, da Universidade de Cornell, convidado para trabalhar no Serviço Sanitário de Santos, a cidade teria, em 1893, 30.000 habitantes morando em 3.234 casas, casebres e cortiços. Os inspetores sanitários em 1896 estimavam que a população da cidade girava em torno de 35.000 habitantes residindo em 3.600 moradias (9,7 pessoas por domicílio).<sup>99</sup> Em 1900 tentou-se fazer um novo recenseamento, mas este foi cancelado pelo então presidente da República, Campos Sales.

A cidade começava a ter contornos mais urbanos a partir da segunda metade do século XIX. Havia um número cada vez maior de ruas com calçamento, os trilhos dos bondes começavam a se espalhar, o lixo era recolhido em grande parte da cidade, a iluminação pública era feita por combustores de gás, que aos poucos foram sendo substituídos por eletricidade. As avenidas Conselheiro Nébias e Anna Costa estavam já

---

<sup>99</sup> GITARY, Maria Lúcia Caira. op., cit., p.31

abertas, as calçadas iluminadas. Foram inaugurados dois hotéis na praia do José Menino e criado um grupo escolar para 350 crianças. Como podemos ver, o pequeno porto de águas tranqüilas passou por uma série de transformações que, segundo Maria Githy ocorreram pela necessidade de articular melhor ao mercado internacional uma crescente produção cafeeira.

A construção e o controle do porto pela Companhia Docas acabou gerando uma reorganização do trabalho e do espaço da cidade. Esta “política civilizatória” estava de acordo com o novo regime republicano e a sua empreitada para o progresso da nação, o que ficava nítido pelas ações do governo do Estado, que criou uma série de órgãos e fez vários empréstimos para melhorar a infra-estrutura urbana. A cidade precisava de médicos para realizar o combate às epidemias e de engenheiros para construir não só o cais do porto, mas também redes de drenagem e esgoto e, posteriormente, os novos bairros e suas edificações; precisava também de professores para educar, na melhor tradição positivista.

É nesta cidade que encontramos o primeiro contingente significativo de trabalhadores urbanos do Estado de São Paulo, trabalhadores estes ligados ao café, o setor mais importante da economia no período, e também à construção da cidade como um espaço urbano no qual o proletariado realizou suas lutas iniciais.

Nos últimos anos do Império, Santos foi tomada pelas campanhas republicanas e abolicionistas, especialmente por esta última. Entre 1870 e 1880 este movimento se ampliou, atingindo toda a população. Os primeiros escravos a serem libertados foram justamente os que trabalhavam no porto. Havia um considerável número de escravos

alugados como estivadores, trabalhadores em armazéns e carregadores de café a cidade tornou-se ponto de atração para jovens escravos irem trabalhar no porto<sup>100</sup>.

A campanha abolicionista ampliou-se a partir de 1880 em Santos, contagiando toda a população. Desde as “damas” santistas - pilares das “ilustres” famílias da cidade que escondiam negros fugidos em seus quintais, até os carroceiros portugueses, que empregavam os que foram libertos à força, oriundos do famoso quilombo do Jabaquara ou do de Vila Mathias -, passando pelos jornais locais, por jovens idealistas, comerciantes, empregados da ferrovia, marinheiros, médicos, professores, funcionários e nos últimos anos, até mesmo a polícia e a administração local aderiram ao movimento.<sup>101</sup> Foram criados jornais abolicionistas, faziam-se comícios e espetáculos; nas reuniões clandestinas organizavam-se operações de resgate de escravos ou de busca de refúgio para eles. No dia 27 de fevereiro de 1886, uma lei municipal aboliu a escravidão e uma sociedade, destinada a fazer cumprir a lei, terminou com os últimos escravos na cidade no mês seguinte.

Segundo Maria Lúcia Gitahy, a campanha abolicionista de Santos ultrapassou o restrito círculo das “pessoas educadas” e ganhou as ruas. Ocorreram ações populares como, por exemplo, o resgate de dez negros que haviam chegado a Santos dentro de pipas de vinho (com a conivência dos funcionários da ferrovia) e que ficaram escondidos na casa de Geraldo Leite, um despachante da alfândega. Dois capitães-do-mato, acompanhados de

---

<sup>100</sup> SANTOS, Francisco Martins dos. *História de Santos (1532-1936)*. São Paulo, 1937, v.2, p.171.

<sup>101</sup> GITAHY, M.L.C. op., cit., p.33

numerosa força policial, autorizada a praticar qualquer violência pelo chefe da polícia de São Paulo, conseguiram capturá-los, mas:

Quando a carroça chegou às proximidades da Estação da Estrada de Ferro, já cerca de 500 populares aguardavam a sua passagem. Surgiu então um motim popular e o cidadão Fontes, distinto santista e excelente capoeira repentinamente derrubou em rasteiras os soldados da captura, enquanto o povo entre brados confundia-se com eles e Geraldo Leite saltava para (...) carroça tocando (...) para junto da água, onde uma embarcação (...) recebia os negros, carregando-os a força de remos para um os navios franceses (...) que dias depois levava-os para Valongo.<sup>102</sup>

Quando a campanha atingiu seu auge, os escravos fugitivos, que continuavam chegando à cidade de Santos em número cada vez maior, tornaram-se um problema. Não se tratava apenas de alguns negros, começaram a aparecer mulheres e crianças. Foi assim que se originou o refúgio do Jabaquara:

...construíram-se de madeira, de palha, de taipa e de folhas de zinco numerosas barracas e habitações ligeiras de todo gênero. Abriram-se caminhos, criou-se um pequeno comércio de varejo e, como por encanto, surgiu da noite para o dia a mais desconchavada e pitoresca das cidades, toda cercada de roças, com o azulado fumaçar dos fornos de carvão vegetal a cobri-la perenemente.<sup>103</sup>

O Jabaquara era considerado pelas autoridades da província de São Paulo um local perigoso e subversivo. Um delegado veio de São Paulo acompanhado por vários policiais para prender líderes abolicionistas que de alguma forma davam abrigo aos escravos que fugiam para a cidade. No entanto, as senhoras de Santos cercaram o trem tão logo parou na estação, impedindo qualquer pessoa de desembarcar. O delegado, surpreso e embaraçado, tentou sem sucesso negociar. Os trabalhadores da ferrovia, por sua vez, engataram uma locomotiva do lado oposto do trem e enviaram-no de

---

<sup>102</sup> SANTOS, Francisco Martins dos. *História de Santos (1532-1936)*. São Paulo, 1937, v.2, pp.182

<sup>103</sup> GITAHY, M.L.C. op., cit., p.34

volta a São Paulo. Esta teria sido a última tentativa oficial de acabar com o abolicionismo em Santos.

Havia em Santos um forte reduto republicano, liderado por Silva Jardim, que pregava a “ação revolucionária na imprensa e nas ruas”.<sup>104</sup> José Murilo de Carvalho explica que o tipo de revolução que ele propunha era basicamente a retórica da Revolução Francesa. Contra os chefes evolucionistas do Partido Republicano, queria a transformação feita revolucionariamente nas ruas com o apoio e a participação do povo. Mas nunca expôs sistematicamente suas idéias sobre como seria a participação popular no novo regime. Falava apenas da necessidade inicial de uma ditadura republicana, que lhe podia ter sido inspirada tanto por Robespierre quanto pelo positivismo, e que seria depois legitimada pelo sufrágio universal. Mesmo sendo uma figura de destaque no cenário político de Santos não conseguiu ser eleito para a Assembléia Constituinte, concorrendo também na capital onde tinha uma forte militância. Este fato, porém, não o surpreendeu<sup>105</sup>. Em 1890, apenas 5,5% da população do Rio de Janeiro votava. O povo que o acompanhava nas ruas e em seus ardentes discursos, na sua maioria não era eleitor. Além disso, a própria direção de seu partido o temia.<sup>106</sup>

Durante o ano de 1889 Santos passou por um sério problema de saúde pública, uma epidemia de febre amarela, devido às obras do cais, morrendo mais de 700 pessoas. A indiferença do governo imperial para com a situação da cidade foi um dos fatores apontados pelo historiador Francisco Martins dos Santos para a radicalização da campanha republicana na cidade. Enquanto o

---

<sup>104</sup> CARVALHO, J.M. op., cit., p.46.

<sup>105</sup> SANTOS, José Maria dos. *Os republicanos paulistas e a abolição*. São Paulo, Martins, 1942, p.183.

<sup>106</sup> CARVALHO, J.M. op., cit., pp.46-47: o radicalismo de Silva Jardim incomodava o grosso do partido e levou-o ao rompimento com a direção partidária. Foi-lhe ocultada até a data da “revolta de 1889” e ele dela participou por acaso (...) liderando o coro da Marselhesa pelas ruas.

Governo da Província de São Paulo não fez mais do que enviar um conto de réis como donativo, devolvido com indignação pela Câmara Municipal, os membros do Partido Republicano Santista organizaram o combate à peste com os recursos da própria cidade<sup>107</sup>.

A atitude solidária do jornal *A Província de São Paulo*, na ocasião, veio mais tarde a cindir o Partido Republicano Santista entre a candidatura de Júlio de Mesquita e a oficial do partido, de Bernardino de Campos. Estas duas facções, depois da Proclamação da República, agruparam-se respectivamente no Centro Republicano e no Clube Nacional, marcando a política local.

Não pretendo discutir o processo da Abolição e da República em Santos, mas mostrar o peso que tiveram ambas as campanhas na formação de certas características da luta política local. Embora o componente radical seja evidente nas descrições das campanhas acima, e embora este radicalismo tenha de fato influenciado as lutas dos trabalhadores durante estes tempos de definição, é preciso compreender os estreitos limites históricos em que estas questões foram levantadas, como os outros setores da sociedade atuaram e os magros resultados obtidos na época em termos de mudança social.

O Brasil foi o último país a abolir a escravidão na América. Em 1888 os escravos, que eram a mais da metade da população do país em 1822, representavam 5% da população total. Emília Viotti da Costa mostrou que 65% da população escrava concentravam-se nas regiões cafeeiras do sul. Em São Paulo, os escravos, que eram 28,2% da população em 1854, estavam reduzidos a apenas 8,7% em 1886. O problema não requeria mais uma mudança total no sistema econômico para ser resolvido, mas sim uma busca de adaptações que permitissem ao mesmo sobreviver e funcionar, de forma

---

<sup>107</sup> SANTOS, Francisco Martins dos. *História de Santos (1532-1936)*. São Paulo, 1937, v.2, pp.183



efetiva, sob as novas condições. É possível observar, portanto, que o movimento abolicionista, especialmente na sua fase radical da década de 1880, apenas contribuiu para tornar mais rápido o processo de transição da mão-de-obra escrava para a livre. É importante esta perspectiva mais ampla para evitar que os aspectos mais radicais do movimento abolicionista em Santos nos levem a pensar como o engenheiro francês Louis Couty, que viajando pelo Brasil da época acreditou que o país estivesse às vésperas de uma revolução social.<sup>108</sup>

Quanto à República, como é sabido, ocorreu um fenômeno semelhante. As mudanças no sistema político ficaram muito aquém do esperado por alguns componentes da chamada ala radical, como Silva Jardim. Não obstante, ela despertou expectativa de participação mais ampla entre vários grupos sociais, especialmente nas cidades, logo após a proclamação. Nas primeiras tentativas de organizar o novo regime, os grupos que apoiaram a República – uma facção militar, os cafeicultores paulistas e membros das camadas médias urbanas – dividiram-se e outros grupos aproveitaram para levantar suas vozes. No Rio de Janeiro, pequenos proprietários, empregados, funcionários públicos organizaram associações republicanas, o que acabou influenciando também uma série de organizações na cidade de Santos.

A população da cidade de Santos compunha-se basicamente de imigrantes, principalmente de origem portuguesa e espanhola, de escravos que chegaram nos anos finais do Império e de trabalhadores nacionais. A cidade trazia para os trabalhadores uma promessa que dificilmente se realizava, a de liberdade e de um futuro melhor. Para os estrangeiros, significava “fazer a América”, enriquecer, com a esperança de voltar a seus países de origem.

---

<sup>108</sup> COSTA, Emília Viotti da. *Brasil: do Império a República*.

Para os ex-escravos, era uma maneira de permanecer na “terra da liberdade”. Para as elites e autoridades locais, o ideal seria transformar a população trabalhadora, enquadrando-a nos novos modos de produção e de vida que se consolidavam, isto é, ao mesmo tempo que se constituía uma nova cidade, moldavam-se seus habitantes.<sup>109</sup> Estas diferentes perspectivas entre os grupos sociais resultaram em tensões e conflitos, como veremos adiante.

No século XIX a imigração portuguesa não estava mais integrada a um projeto imperial do Estado português, era resultante dos problemas e disparidades decorrentes do desenvolvimento do capitalismo na Europa. Países como Portugal e Espanha, centros da expansão europeia no século XVI, no século XIX estavam à margem do sistema e transformaram-se em exportadores de mão-de-obra como nações que nunca desfrutaram de posições hegemônicas no período da chamada viagens ultramarinas.

O governo Imperial brasileiro tentou implantar uma política de colonização, procurando atrair estrangeiros que possuíssem algum capital para constituir núcleos coloniais, garantindo para estes imigrantes o acesso à propriedade da terra. A partir de 1850, com o fim do tráfico negreiro, estancou-se o suprimento de mão-de-obra escrava. Os altos índices de mortalidade, contrapostos aos baixos índices de natalidade entre a população cativa indicavam a urgência em se pensar alternativas para o trabalho escravo. O tráfico entre as províncias logo se mostrou limitado diante do receio de que a concentração de escravos em uma determinada região do país pudesse levar a formação de vários conflitos revolucionários.

A política imigratória, definida no Império e mantida pelo governo republicano, subvencionava as passagens dos estrangeiros vindos sob

---

<sup>109</sup> SARTI, I. *Porto Vermelho*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1981, p.167

contrato para trabalhar nas fazendas. Era uma política de atração de mão-de-obra para a lavoura, resolvendo dessa forma o problema fundamental de suprimento de trabalhadores para o setor do café paulista. Esta política de atração de mão-de-obra manteve a desterritorialização (isto é, concentrar esta mão-de-obra em uma única região) do mercado de trabalho, característica do Brasil colonial, e possibilitou que muitos capitais anteriormente envolvidos no tráfico de escravos permanecessem inseridos nos circuitos internacionais do capital, como áreas de investimentos e atração de trabalhadores. Foi esse o caso do senador por São Paulo, Nicolau Campos Vergueiro, que de grande traficante de escravos transformou-se em importante contratador de imigrantes oriundos da Europa.

A importação de imigrantes subvencionados, ou imigrantes engajados<sup>110</sup>, como no caso dos portugueses, não se consolidou como a forma prioritária de atração de mão-de-obra para Santos. Os imigrantes, sobretudo portugueses, que povoavam a cidade de Santos vinham por conta própria e não faziam parte do fluxo imigratório subvencionado para a grande lavoura.

Os portugueses moradores e estabelecidos na cidade, eram os responsáveis pela chegada da maioria dos novos trabalhadores estrangeiros que vinham em busca do sonho da propriedade e prosperidade econômica. Chegavam já com as ocupações urbanas definidas e sustentadas, em muitos casos, por redes de relações familiares e pessoais.<sup>111</sup>

Estes imigrantes podiam ser encontrados como trabalhadores em todas as atividades urbanas. Quando da construção da ferrovia São Paulo Railway, 2.000 deles foram contratados para a execução dos serviços. Portugueses e espanhóis predominavam nos serviços ligados ao porto e eram também

---

<sup>110</sup> “Engajados” eram os imigrantes contratados que vinham com obrigação de prestação de serviços.

<sup>111</sup> FRUTUOSO, Maria Suzel Gil. *Emigração portuguesa e sua influência no Brasil: o caso de Santos – 1850 a 1950*. Dissertação de Mestrado, História, FFLCH, USP, São Paulo, 1989, p.151.

carroceiros, pedreiros, vendedores de leite, alfaiates, empregados de armazéns, dos negócios de secos e molhados e rede de serviços urbanos em expansão. Sua participação nos movimentos grevistas e como formadores das primeiras associações operárias foi decisiva para constituir uma das muitas imagens da cidade de Santos, como por exemplo a de “cidade vermelha”. As greves geralmente espalhavam-se por várias atividades profissionais e paralisavam a cidade, fazendo com que às vezes, os representantes consulares servissem como intermediários do conflito; mas essas paralisações do trabalho acabavam resultando na instauração de processos criminais que pretendiam punir os líderes e participantes dos movimentos. Afinal, a questão do trabalho era tratada mais como caso de polícia do que um problema social.

Na segunda metade do século XIX a população quase dobrou. A alta proporção de negros na população de Santos caiu significativamente assim como em outras cidades (refiro-me a proporção negra em relação a população total). Isto se tornou ainda mais significativo como já mencionamos a medida que aumentou o fluxo de imigrantes para a cidade. Os portugueses formaram a colônia mais numerosa de imigrantes em Santos nas décadas de 1870 e 1880. Estes imigrantes acabaram por participar de inúmeras atividades econômicas e também criaram instituições como: O Grêmio Português, Associação Portuguesa de Socorro Mútuo D.Carlos I, sendo a Beneficência Portuguesa de Santos a mais importante (fundada em 1859). As hostilidades entre portugueses e brasileiros foram acirradas ao longo de toda história de Santos. Um dos fatos que mais provocou estes acirramentos foi a participação do que os portugueses mias pobres denominavam de elite brasileira na direção da Associação.

O papel das sociedades beneficentes foi de muita relevância para a história de Santos e do movimento operário. Em uma cidade atingida por epidemias com um crescente contingente proletário em condições precárias. Estas associações passaram a ser vistas pela elite santista como o meio de “ajudar as pobres criaturas”. Os fundadores do Centro Socialista de Santos e editores de *A Questão Social* tiveram papel ativo nestas sociedades, principalmente Silvério Fonte e Sóter de Araújo por serem médicos. É interessante observar que esta idéia de sociedade beneficente influenciou a formação do Centro, no sentido de se colocar como a responsável pela ajuda ao pobres trabalhadores, isto ficava evidente nos artigos publicados em *A Questão Social*, que procuravam manifestar a importância dos trabalhadores de participarem das reuniões e das palestras organizadas para, segundo os líderes, promover a evolução dos operários.

Além dos estrangeiros encontramos também registros de trabalhadores nacionais que, por conta própria ou arregimentados nas suas regiões de origem por contratadores de trabalho, vinham para Santos em busca de melhores condições de vida; a maioria dos nacionais compunha-se de paulistas, mas existiam, por exemplo, muitos sergipanos na cidade. Eles, como a maioria dos habitantes sobre os quais encontramos registros no Arquivo de Santos, residiam na cidade há pouco tempo, dado que indica a mobilidade destas pessoas e também aponta para o crescimento da cidade. Aliás, nenhuma cidade cresce sem atrair pessoas de outros lugares. Em 1892, por exemplo, foi a Sergipe um aliciador de mão-de-obra, também sergipano,

agente da companhia concessionária do Porto de Santos, com o propósito de contratar quatrocentos trabalhadores para a reforma e ampliação do porto.<sup>112</sup>

Segundo Hélio Lobo, a Companhia Docas de Santos tentou por repetidas vezes trazer trabalhadores de várias regiões do país. Em 1892, a Companhia contratou quinhentos alagoanos que foram impedidos de embarcar pelo governo do estado. De outra feita, foram contratados centenas de baianos, mas a maioria deles, cerca de trezentos, desembarcou no Rio de Janeiro recusando-se a seguir viagem. Em outra tentativa foram aliciar trabalhadores da Região Sul do país e da Capital Federal num total de 2.500 pessoas, incluindo quinhentos portugueses. A maioria deles morreu nas epidemias de 1893.<sup>113</sup> Muitas vezes os migrantes chegavam a Santos e recusavam-se a trabalhar nas Docas ou mesmo a permanecer na “cidade insalubre”. Dirigiam-se para outras ocupações ou regiões que avaliavam ser mais atraentes aos seus objetivos.

A cidade de Santos nunca foi um grande centro de população escrava. Na década de 1880, no entanto, o movimento abolicionista teve aí força especial. A constituição de quilombos, especialmente o do Jabaquara, que serviram ou foram especialmente criados para acoitar escravos fugidos, teve características distintas das dos existentes no país durante o período colonial. A rebeldia ganhava, nos anos finais da escravidão, contornos diferentes e colaborou para a derrocada do escravismo.

As fugas e quilombos sempre existiram na sociedade escravista do Brasil. A partir dos anos 1870 inseriram-se nas lutas pela abolição e especialmente nos casos limites (como o do já mencionado quilombo do

---

<sup>112</sup> SOBRINHO, Josué Modesto dos Passos. *Migrações internas: resistências e conflitos (1872-1920)* in: Anais do XX Encontro Nacional de Economia. Campos do Jordão, dezembro de 1992, pp.308-309.

<sup>113</sup> LOBO, Hélio. op., cit., p.46

Jabaquara). Era comum a cena de negros fugidos andando pelas estradas, dirigindo-se para as cidades. Notícias sobre quilombos, tentativas de eliminá-los e seu reaparecimento eram também correntes na imprensa e em relatórios oficiais. Ao mesmo tempo, setores cada vez mais amplos da população livre envolviam-se no acoitamento de escravos, no patrocínio de fugas ou em acobertar “delitos” que eles praticavam, tais como freqüentar e comercializar em “vendas” (armazéns) sem autorização de seus senhores.

Os próprios escravos, nos seus movimentos de rebeldia, pleiteavam sua incorporação como trabalhadores livres assalariados, por exemplo, nas fazendas onde trabalhavam. Relatos policiais fazem referência a casos de escravos rebeldes que se dirigiam para cidades próximas das fazendas onde eram cativos.

Santos, no início dos anos de 1880, funcionou como pólo aglutinador desses escravos em fuga, não mais para a marginalidade do quilombo, mas na procura da liberdade e, corolário necessário, da integração no mundo do trabalho livre. A crescente importância do porto, o desenvolvimento das atividades comerciais, um incremento sensível da vida urbana e a conseqüente necessidade de trabalhadores fizeram dessa cidade um lugar atraente para escravos em fuga. A existência de grupos abolicionistas locais facilitava esta opção. Além disso, uma vez vencido o obstáculo da Serra do Mar, a cidade funcionava como uma fortaleza. A realidade de uma cidade portuária, com seus múltiplos serviços, com certa internacionalização de costumes fez com que Santos, assim também como o Rio de Janeiro, fossem territórios próprios aos avanços das idéias de liberdade.

Na cidade de Santos, a difusão do ideário republicano só aconteceu quando seus propagandistas assumiram um compromisso explícito com a causa abolicionista. Este era o tema que mobilizava os grupos sociais nesta cidade. No Rio de Janeiro, a associação dos abolicionistas com a Monarquia era muito mais decisiva, levando mesmo a uma diferenciação ideológica de líderes como José do Patrocínio e Silva Jardim.<sup>114</sup>

A população livre da cidade envolvia-se de forma crescente no processo da abolição. Afrontava as autoridades policiais que chegavam pelo trem, em tentativas cada vez mais frustradas de recuperar os negros fugidos. Participava de saraus, conferências e festas abolicionistas. Eram promovidos passeios em favor da abolição e fundavam-se associações. A cidade foi declarada território livre em 1886. Em carta enviada ao jornal carioca *Diário Popular*, o intelectual santista Aristides Lobo falava sobre a “cidade livre”:

Santos emancipado, sem escravos quando toda a província repousa ainda sob regime da escravidão se bem que esforçando-se herculeamente para se descartar dela; eis uma coisa intolerável. Nosso imperador é um demagogo, por estimular a rebeldia sem tomar medidas efetivas para acabar com a escravidão. Isso porque, quando da sua visita a Santos, recriminou a prisão de quatro negros, dizendo que a cadeia não era seu lugar.<sup>115</sup>

A “vocação para a liberdade” dos santistas era denunciada, com certa freq encia, como uma forma ilícita de explora o e manuten o disfarçada da escravidão. Tanto o chefe de Polícia de Santos como alguns dos próprios mentores do quilombo do Jabaquara afirmavam que a iniciativa de fato ocultava uma explora o dos ex-cativos e que, em nome da liberdade, o que de fato se conseguia era mão-de-obra barata e submissa.

---

<sup>114</sup> CARVALHO, José Murilo. *Os Bestializados*. São Paulo, 1987.

<sup>115</sup> Aristides Lobo, *Se o de Cartas do Rio do Diário Popular* de 25 de novembro de 1886 e 26 de novembro de 1886.



Espalhados pela cidade, os trabalhadores tinham os cortiços como alternativa mais comum de moradia. Os preconceitos das autoridades e da chamada “sociedade de bem”, estigmatizando esta população, causavam vários problemas, como discussões em público, brigas, ofensas em jornais da cidade. Nem todos os trabalhadores, porém, moravam em cortiços; alguns moravam nos seus locais de trabalho ou nos morros, onde as condições de habitação não eram melhores do que as das casas coletivas.

Muitos dos que trabalhavam no comércio viviam nos próprios armazéns ou lojas. Em um de seus trabalhos, Jaime Franco, descrevendo as condições de vida dos empregados do comércio, afirmou que eles viviam como escravos. Começavam a trabalhar lá pelas 7 horas da manhã e iam até altas horas da noite. As casas comerciais funcionavam todos os dias, mesmo aos domingos, quando fechavam mais cedo, em torno das três da tarde.<sup>116</sup> Em muitos casos os empregados no comércio se casavam com as filhas ou sobrinhas dos patrões. Parte dos seus ordenados era creditada em conta corrente e quando atingia certo volume tornavam-se sócios do negócio. Então o casamento arranjado era inevitável para impedir a partilha do patrimônio. Os trabalhadores que moravam nos estabelecimentos comerciais tinham condições de vida melhores que os encortiçados. Os caixeiros eram alfabetizados e dispunham de alguma confiança e convivência com os patrões, participando de muitas atividades em comum com eles, que podiam ou não ser parentes.

Os morros também foram locais de moradia das classes trabalhadoras. A presença da população negra era aí marcante, em especial na área do antigo quilombo do Jabaquara. Ocupavam casebres de madeira, cercados por

---

<sup>116</sup> Jaime Franco, *Beneficência: memória histórica da Sociedade Portuguesa de Beneficência e contribuição para a história de Santos*. Santos, 1951.

capinzais e cortados por caminhos que davam acesso a diferentes arrendamentos.

Apesar da ocupação destes morros pela população local, nenhum tipo de infra-estrutura ou melhoria urbana foi realizado. A quase ausência destas áreas nos documentos pesquisados sugere que aí ficava a parcela mais marginalizada da população, banida até mesmo das rondas policiais. O pequeno porto de águas tranqüilas, que começou a se movimentar com as tropas do açúcar, sofreu, nestes vinte anos da virada do século XIX, transformações profundas, que encontraram sua razão na necessidade de ser de melhor articulação ao mercado internacional de uma crescente produção cafeeira. A construção e o monopólio do Porto pela Cia. Docas geraram uma reorganização do trabalho e do próprio espaço da cidade sob o signo da disciplina e da eficiência capitalista. O apoio por parte do Estado à empresa, fazia parte da “missão para o progresso” característica do discurso do novo governo republicano.

### **3.1 O Movimento operário santista**

A presença da classe operária começou a ser notada no Brasil, no final do século XIX, com o surgimento das primeiras greves, e a cidade de Santos foi cenário de algumas das primeiras greves operárias no país: em 1877, os carregadores de café entraram em greve, em 1888 os operários da construção civil, em 1889 os trabalhadores do porto e no mesmo ano também os cocheiros. Na década de 1890, Santos tinha a maior ocorrência de greves, cerca de dez.<sup>117</sup> estas greves foram significativas para o surgimento da organização e do movimento operário santista.

---

<sup>117</sup> SIMÃO, Azis. *Sindicato e Estado*. São Paulo, EDUSP, 1966, p.105.

Em agosto de 1894, houve greve entre os telegrafistas e trabalhadores dos escritórios da São Paulo Railway de Santos, que exigiam um aumento de 30% nos salários. Os manifestantes foram despedidos e substituídos, mas houve uma paralisação em apoio aos conferentes e operários grevistas e eles foram readmitidos. A imprensa local registrou o fato:

Inúmeras tem sido as greves feitas pelo pessoal da Inglesa, e alguma até caprichosas (...) sendo a estrada o tronco de todas as vias férreas paulistas (...) Aqueles que, conhecedores destas condições, abusam (...) devem ser rigorosamente punidos. Os interesses do público não podem ficar à mercê do interesse particular dos empregadores da Inglesa.<sup>118</sup>

A falta de informações mais completas sobre estas greves, assim como sobre as primeiras tentativas de organização dos trabalhadores santistas, impossibilitou-nos de acompanhar de perto as relações entre estes dois fenômenos na década de 1890. O primeiro manifesto socialista data de 1886, o jornal *O Socialista* surgiu em 1888 e o Partido Operário, fundado por Benedito Ramos, foi criado em 1892. Segundo o jornal *O Operário*, os socialistas deste partido objetivavam criar “seguros mútuos, associações de ofícios, e cooperativas de crédito e consumo”.<sup>119</sup>

Um espectro social mais complexo na cidade, ao lado de crescentes e diversificadas atividades econômicas, contribuiu para a criação de sociedades mutualistas: o combate a epidemia de febre amarela, e outros problemas ligados a situação da população de Santos, principalmente dos trabalhadores, proporcionou a criação de um ambiente social no qual não apenas sociedades beneficentes foram criadas, mas também mutualistas. A Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio de Santos, fundada em 1879, e que até hoje existe, foi uma delas. Outra foi a União Operária, fundada em maio de

---

<sup>118</sup> GITAHY, M. op., cit., p.60

<sup>119</sup> CARONE, E. *A República Velha*. São Paulo, DIFEL, 1975, p.200

1890 pelos mestres da construção civil, para oferecer cuidados médicos e educação aos seus membros. Na greve de 1891, a União Operária, montou uma comissão para mediar a situação, porém, a comissão não teve sucesso na obtenção de um acordo. A União Operária, que não era uma liga operária com fins revolucionários, era mais moderada, publicou uma carta declarando sua missão cumprida e deixando claro que nenhum de seus associados havia participado da greve. Cinco anos depois, a União Operária aproximou-se mais do que poderíamos chamar de socialista, e seu presidente, Serapião Palma, fala do Primeiro de Maio, como “um dia de greve”.<sup>120</sup> Logo depois a União fundiu-se com o Centro Socialista, de Silvério Fontes, e com o Partido Operário, de Benedito Ramos. A União Operária institucionalizou-se como uma entidade assistencial, inclusive com recursos da prefeitura, com uma biblioteca, escola, assistência médica e odontológica para seus membros. O Dr. Sóter de Araújo aparece como médico no quadro da União. Silvério Fontes também trabalhou como médico em uma associação com as mesmas características, a Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio de Santos. Como dissemos anteriormente a participação dos dois nestas sociedades acabaram por contribuir no perfil do Centro e também na linha editorial de *A Questão Social*.

Com a construção, na década de 1870, da São Paulo Railway, houve um aumento no fluxo de cargas muito além das possibilidades das precárias condições do Porto de Santos. A situação começou a mudar quando o porto passou a ser transformado pela Cia. Docas. Mas isso não significou melhorias para o grande número de trabalhadores imigrantes, ex-escravos e nacionais. A indiferença do Governo Imperial levou a uma série de manifestações na cidade

---

<sup>120</sup> *A Questão Social*, Primeiro de Maio de 1896.

e é dentro deste contexto que vai ser realizada a primeira greve do Porto de Santos, em 1889. O conflito foi violento, sendo necessário o envio de 40 praças para conter os grevistas que, parados, também obrigavam os companheiros que não estavam no movimento a parar de trabalhar. Houve confronto entre os trabalhadores e os praças e a imprensa local registrou que dois militares foram atirados ao mar e um foi ferido, além de avarias em vários navios.

Os ânimos só foram acalmados e os operários voltaram ao trabalho com a mediação do conflito pelos cônsules português e espanhol, o que sugere a importância do contingente operário destas nacionalidades no porto. Não se sabe qual foi o número exato do aumento conseguido, mas deve ter sido substancial, uma vez que em 1892 um trabalhador sem ofício recebia 6\$000, e em 1886 este salário era de 1\$600 a 2\$000.<sup>121</sup>

Os carregadores do porto dirigiam sua greve contra a Associação Comercial, onde se reuniam seus patrões. É bom lembrar que a Cia. Docas, neste primeiro momento, só empregava trabalhadores na construção do porto. Os patrões estavam nas casas exportadoras de café. A falta de um canal para as negociações fazia os grevistas apresentarem suas reivindicações ao delegado, que era um tipo de “mediador”. Os cônsules, como vimos acima, também apareciam com a mesma função.

No caso da greve de 1889, temos uma exceção ao padrão que será estabelecido nas greves seguintes: uma greve rápida (em torno de seis dias de duração), restrita a uma única categoria de trabalhadores, com final vitorioso. A vitória pode ser atribuída, em boa parte, à escolha de um momento bastante favorável à paralisação: a epidemia, as obras do porto, parte da safra de café

---

<sup>121</sup> GITAHY, M. op., cit., p.78

ainda no porto esperando o embarque - vários fatores empurravam os salários para cima. Sob outros aspectos, assemelha-se às demais. Repressão e conciliação, já nesta primeira greve, aparecem combinadas. Todos os meios são válidos, da violência à cooptação. As autoridades – fossem os senhores da Associação Comercial ou a diretoria da Cia. Docas fossem as autoridades governamentais ou policiais – foram bastante pragmáticas, não hesitando em utilizar qualquer instrumento a seu alcance desde que os operários fossem contidos.

E nossa pesquisa nos arquivos da cidade de Santos e principalmente na Biblioteca da Sociedade Humanitária dos Trabalhadores do Comércio, onde se encontra a Biblioteca do Centro Socialista e de Silvério Fontes, não foi encontrada nenhuma menção a esta greve, e nada pudemos apurar, nem mesmo referências posteriores à greve, nas edições de *A Questão Social*. Mesmo outras manifestações grevistas, não foram comentadas.

As dificuldades dos operários em se organizarem além das péssimas condições de vida nos chamados bairros operários em Santos, levaram este grupo a pensar em um primeiro momento em associações de assistencialistas, este motivo aproximou alguns líderes de trabalhadores em se aproximarem dos médicos da Santa Casa de Misericórdia de Santos, o apoio que receberam dos médicos – profissionais liberais – e daí a influência “reformista” no socialismo santista.

A situação estratégica de Santos, especialmente no caso dos transportes, colocou estes trabalhadores em posição ambígua, mostrando, ao mesmo tempo, sua fraqueza e força. Se as pilhas de café começassem a se acumular ao longo do cais ou nos armazéns da “Inglesa”, toda a economia

cafeeira seria afetada, motivo suficientemente forte para justificar qualquer medida. Somente com a construção de uma organização muito forte os trabalhadores dos transportes poderiam reverter esta situação a seu favor. As dificuldades para tanto eram inúmeras. A greve que ocorreu em 1891, nos mostra algumas delas. A greve eclodiu em maio, entre os carregadores do Porto: estivadores, trabalhadores da ferrovia, do matadouro, do cemitério e de várias outras categorias. O número de grevistas chegou a 4.000. Os representantes da Associação Comercial, autoridades locais e diretores da ferrovia telegrafaram ao governador e ao chefe de polícia pedindo providências.

O governo mobilizou a Força Pública e navios da Marinha e o tenente da Marinha José Augusto Vinhaes foi enviado para Santos como mediador. Como nenhum acordo com os empregadores foi alcançado, ele apoiou a posição dos grevistas, colaborando inclusive financeiramente com um fundo de greve que ajudou a criar naquele momento. Uma comissão da Associação dirigiu-se ao chefe da polícia conseguindo a retirada de Vinhaes da cidade, pois, segundo a Associação, ele estava favorecendo os operários. Dias depois segundo o *Correio Paulistano*:

(...) a greve terminou, houve apenas um ou outro fator sem importância, como a tentativa de impedimento de trabalho alheio por parte de alguns grevistas encontrando pela frente a polícia que soube manter o direito dos que queriam trabalhar. Como é natural (*sic*), a coisa não se faz sem algumas prisões e sem algumas rifladas.<sup>122</sup>

Podemos observar a partir daí qual seria o principal entrave a uma organização operária consistente no período: o excesso de oferta de força de trabalho. Em relação a este aspecto, Maria Lucia Gitahy aponta para o afluxo

---

<sup>122</sup> GITAHY, M. op., cit., p.80

de ex-escravos, que junto com o café trouxe para Santos um aumento da mão-de-obra, e que foi utilizado para furar várias vezes as greves, principalmente na pedreira do Jabaquara, que fornecia pedras para a construção do Porto.

Depois de 1891, só em 1897 voltou a ocorrer outra greve. Era um movimento contra a Cia Docas. O que detonou o movimento foi um acidente ocorrido no vapor *Sallinas* durante o trabalho noturno, quando doze estivadores ficaram feridos e um morreu. A partir deste acidente os estivadores iniciaram o movimento na manhã seguinte, com a adesão imediata dos carregadores e uma série de trabalhadores do porto. A greve foi derrotada após 15 dias de luta, pela total intransigência da Cia Docas, amparada por maciça repressão. A violência aberta – tiros, pancadaria, prisões nos navios de guerra, deportações -, com que as autoridades coagiram os grevistas a voltar ao trabalho foi chamada, de maneira irônica, de manutenção da liberdade de trabalho. Para substituir os estivadores as companhias de vapores obrigaram as próprias tripulações dos navios a fazer o serviço. As Docas enviaram auxiliares para o trabalho, procurando demonstrar que a situação estava tranqüila e manter as aparências.

Foi nesta cidade, que passava por uma série de transformações urbanas, econômicas e sociais, proporcionadas pela expansão do setor cafeeiro que agregava mão-de-obra nativa e estrangeira, que nasceu um movimento operário combativo e participante. Estes elementos - além das camadas médias urbanas santistas, remanescentes das campanhas republicana e abolicionista - foram os atores dos movimentos que se desenvolveram no final do século XIX na chamada “Barcelona Brasileira”, como



era chamada a cidade de Santos. Expressavam suas reivindicações, através de associações, sindicatos, tentativas de partidos, centros e jornais.

Este último elemento foi, no caso de Santos, amplamente utilizado. Inúmeras foram as publicações ligadas a várias correntes de pensamento. Neste trabalho procuramos enfocar as publicações que se diziam dedicadas aos trabalhadores e de tendências ditas socialistas, especificamente a do Centro Socialista de Santos, que procurava, de alguma forma, informar, organizar e até mesmo mobilizar os operários santistas.

Com a evolução das cidades, o crescimento demográfico e, mais tarde a industrialização, o problema social tendeu a agravar-se, levando a classe trabalhadora a procurar solucioná-lo dentro das condições que o momento histórico lhe oferecia. Foi com o crescimento das cidades e o desenvolvimento dos meios de comunicação e transportes, do telégrafo, das estradas de ferro e de rodagem, dos navios e dos automóveis que parte da população brasileira, principalmente nas grandes cidades, se constituiu, segundo Leônicio Basbaum, em povo, expressão fundamentalmente política de uma nação<sup>123</sup>. Foi no seio desse povo que ia se formando, concentrando-se e adquirindo um mínimo de idéias políticas comuns, que cresceu e se desenvolveu a luta dos trabalhadores em busca de seus direitos.

O processo de politização que se iniciou com a chegada e a participação dos operários imigrantes foi o ponto mais importante da história do trabalhador e da imprensa operária brasileira. Entretanto, não posso discutir este processo sem tocar no papel desempenhado pelos intelectuais, que foi de grande utilidade para a movimentação e difusão das chamadas doutrinas sociais no meio operário. Para Maria Nazareth Ferreira, o papel dos imigrantes e dos

---

<sup>123</sup> BASBAUM, Leônicio. *História sincera da república*. 2º ed. São Paulo, Ed. LB, 1962. p.202

intelectuais foi fundamental para a luta operária neste país. Se os primeiros desenvolveram e difundiram as novas idéias sociais, os segundos foram os responsáveis por uma parcela significativa desse trabalho, através principalmente da fundação de jornais<sup>124</sup>. Assim, os inúmeros jornais aparecidos por iniciativa de intelectuais foram armas importantes, que levaram à discussão de idéias, criaram o hábito de leitura, preparando o terreno para o desenvolvimento de um aspecto da imprensa operária na virada do século XIX<sup>125</sup>. Como mencionamos, estas publicações possuíam inúmeras funções, informativas, educativas, organizativas.

Segundo Moniz Bandeira, de 1860 a 1869, apareceram no Brasil vinte publicações operárias, número este que aumentou para quarenta e seis no decênio seguinte. Os títulos, que se repetem muitas vezes, denotam a tendência do jornal: *O Operário*, *O Trabalho*, *O Proletário*, *O Socialista*, *O Brado da Miséria*, *O Grito dos Pobres*. Havia alguns, porém, como *O Anarquista Fluminense*, *O Anarquista*, *O Comunista*, *O Incendiário* e *O Carbonário*. Em 1876, havia no Rio de Janeiro, um periódico que se considerava socialista e se chamava *Revolução*, vivendo na ilegalidade até a proclamação da República. Também no final do século XIX surgiram diversos clubes socialistas, com forte inspiração do Partido Social-democrata Alemão (SPD), dirigido por August Babel e Wilhem Liebknecht. Dentre a publicações semanais, destacamos: *O Internacional Socialista*, em Salvador, *O Socialista*, do Rio de Janeiro e *O Tribuno Socialista* de Pelotas no Rio Grande do Sul, *O Socialista* em Salvador, *O Niilista* no Rio de Janeiro, *O Socialista* em Minas

---

<sup>124</sup> FERREIRA, Maria Nazareth. *A imprensa operária no Brasil 1880-1920*. Editora Vozes, Petrópolis/RJ, 1978. p.45

<sup>125</sup> idem 2. p.46

Gerais, *O Operário* de Fortaleza e *O Panificador* do Rio<sup>126</sup>. Sem esses periódicos principais e as centenas de pequenos jornais, a classe operária não poderia sustentar-se na sua infância, nos primeiros enfrentamentos.

Cláudio Batalha não tem dúvida de que a expressão mais visível da cultura operária foi a sua imprensa. Ela foi o principal instrumento de propaganda e debate, assumindo formas diversas: periódicos de correntes político-ideológicas (anarquistas, socialistas, comunistas, católicas, etc.); jornais sindicais, publicações destinadas à classe operária em geral. Muitas dessas publicações, que normalmente eram jornais de quatro páginas com periodicidade mensal, tiveram vida efêmera, mas houve exceções, como *A Plebe*, editada em São Paulo de 1917 a 1951.

No campo das publicações não faltaram folhetos de propaganda, por vezes editada sob a forma de fascículos (folhetim) nos periódicos operários. Assim, textos não disponíveis em português foram traduzidos, tornando-se mais acessíveis<sup>127</sup>.

Dentro da história da imprensa do Brasil, Santos ocupa, sem contestação, um lugar de grande importância. Nos cento e trinta e oito anos decorridos desde o aparecimento do primeiro jornal impresso houve uma sucessão de jornais e revistas escritos pelos mais diversos intelectuais, principalmente impulsionados pelas campanhas abolicionista e republicana que, como vimos, encontraram em Santos um reduto de grande importância.

Para Alcindo Gonçalves, a imprensa santista do final do século XIX foi o canal de divulgação de intelectuais que defendiam o binômio ideológico deste

---

<sup>126</sup> BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *O Ano Vermelho*. Editora expressão popular, São Paulo, 2004. p.18-19

<sup>127</sup> BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Jorge Zahar editor, Rio de Janeiro, 2000. p.64

período, o abolicionismo e o republicanismo (conseqüentemente também o positivismo de Comte, que era à base destas correntes). Mesmo outras idéias não fugiam a esta influência, embora a presença dos imigrantes tenha possibilitado a chegada de idéias como o anarquismo e o socialismo reformista da Segunda Internacional. A influência desta, principalmente, acabou predominando nas primeiras organizações denominadas socialistas de Santos, porque interagiu com a perspectiva positivista dos intelectuais locais.<sup>128</sup>

A imprensa na cidade iniciou-se, segundo a historiografia local, a partir da iniciativa do Dr. Guilherme Délius - médico e professor do Colégio Alemão de Santos -, de fundar, em 2 de setembro de 1849, a *Revista Comercial*, de início de caráter informativo e realmente comercial, circulando apenas aos domingos. Ao fim do primeiro ano de existência, exatamente na edição de 16 de setembro de 1850 (Ano II, nº 1) publicava Délius o seguinte editorial:

Com o número antecedente terminou o primeiro ano jornalístico da Revista Comercial. As dificuldades com que temos lutado em um lugar onde faltam os recursos imediatos e indispensáveis foram estorvos que, no sentido material, não se admitiam senão um melhoramento progressivo, porém vagaroso. Responda o público, se temos ou não lealmente cumprido com nossas obrigações, e, conforme as circunstâncias, com a nossa tão árdua e ingrata tarefa (...). Não há nada de perfeito, e das obras mais necessárias e filantrópicas, que nascem no seio de uma povoação pacífica e bondosa, porém – cumpre dizê-lo – pouco acostumada às lutas da imprensa, não podia deixar de suscitar certos receios e certas animosidades; opiniões particulares acharam-se chocadas e ressentimentos de toda natureza recaíram sobre nós; foi isso a conseqüência inevitável da carreira que encetamos, e nada diremos dos amargores e das decepções que não nos faltaram. (...) A Revista Comercial, dedicando-se aos interesses industriais e comerciais da Província de S. Paulo, e à propagação das idéias humanitárias, conquanto estas se achem ligadas com aqueles, sem tendência política e sem ambição pessoal, procura ser útil a todos e portanto despreza qualquer tentativa de difamação. (...) <sup>129</sup>

A *Revista Comercial* perduraria por vinte e quatro anos, abrindo espaço

para a criação de *O Nacional* em fins de março de 1850, dirigido pelo Dr.

<sup>128</sup> GONÇALVES, Alcindo. *Lutas e Sonhos: Cultura política e hegemonia progressista em Santos 1945-1962*. Editora UNESP, São Paulo, 1995.

<sup>129</sup> Revista Comercial. Santos, 16-07-1850, Ano II nº 1 apud. SANTOS, Francisco Martins dos. *História de Santos*. Santos, Editora Caudex., 1937 capítulo XXV p.269

Martins Fontes Ribeiro de Andrada. De certa forma estes dois primeiros periódicos iniciaram a intensa história de publicações de grandes e pequenos jornais, efêmeros ou não, como por exemplo: *O Popular*, *O Clamor Público* e *Juventude Libertária*.

Nesta primeira década da imprensa local, importantes acontecimentos para Santos se desenvolveram refletidos e comentados por aqueles primeiros jornais, como por exemplo, a ação do Gabinete Ministerial de 1851 de alterar o funcionamento da Alfândega de Santos. Nesta altura começavam também a despontar as primeiras manifestações jornalísticas no sentido da abolição.

Dentre os grandes jornais que passam a assumir o caráter abolicionista-filantrópico podemos destacar: *Revista Comercial* (1865), *Correio de Santos e Comércio de Santos* (1869). Como mencionamos acima, paralelamente a chamada grande imprensa, eram criados pequenos jornais, em sua maioria elaborada por intelectuais e médicos, que muitas vezes utilizavam suas páginas expondo idéias abstratas sem de fato elaborar uma discussão sólida e de posições mais definidas. Entre estes pequenos jornais, destacamos, *O Indicador* (1884), onde foram publicados os primeiros artigos e poemas de Vicente de Carvalho, que mais tarde seria figura sempre presente nas reuniões do Centro Socialista de Santos.

À medida que a campanha abolicionista se intensificava e somava-se a republicana, proliferavam as publicações santistas que levantavam estas bandeiras. Além da preocupação com os escravos, os trabalhadores livres e suas precárias condições de vida também se transformavam em matérias ou, às vezes, concretizava-se em ações filantrópicas. Dentro deste contexto surgia em 1886, *A Evolução*, jornal do médico sergipano, Silvério Fontes. O caso de

Silvério Fontes e de outros médicos e intelectuais na cidade de Santos é de grande relevância para o entendimento da história do pensamento socialista no país, principalmente do vínculo que procuraram estabelecer com os movimentos abolicionista e republicano aonde tiveram participação importante na cidade de Santos através de suas atuações como médicos em entidades beneficentes auxiliando negros (No caso de Silvério Fontes e Sóter de Araújo) e professores (Carlos Escobar). O vínculo com estes movimentos influenciou profundamente a constituição do Centro Socialista e também a estruturação de sua publicação quinzenal. Nos poucos artigos que se encontram no arquivo Edgard Leuenroth, percebemos esta relação, que mais adiante procuraremos demonstrar.

A figura do Dr. Silvério Fontes era a do livre-pensador com imensa popularidade, principalmente devido a suas participações no combate as epidemias de tifo e febre-amarela de 1889. O filantropismo e a então denominada medicina humanitária transformou Silvério Fontes em uma das grandes figuras da sociedade santista, sendo apontado como representante do pensamento socialista. Toda esta imagem de Fontes também se consolidava devido a sua relação com a família Andrada, pois, casou-se com Isabel, filha do jornalista e defensor da campanha abolicionista-republicana. Francisco Martins dos Santos Andrada foi diretor-proprietário, juntamente com Eurico Saldanha, do jornal *Santos Comercial*. Outro ponto também muito importante que influenciou no estabelecimento de vínculos de Fontes com o binômio republica-abolição, foram seus laços com Sóter de Araújo e Carlos Escobar, que já tinham fortes relações com estas correntes. No caso deste último, além de Santos, participou de grupos abolicionistas pelo interior de São Paulo

(Campinas, Sorocaba). A “forte amizade” (mencionada assim na biografia do filho de Silvério Fontes, Martins Fontes) com líder republicano Silva Jardim, que era freqüentador assíduo da casa dos Fontes, também influenciou muito Silvério na sua aproximação com os ideais mencionados.

O jornal *A Evolução*, criado por Silvério Fontes, tornou-se um espaço de exposição de vários intelectuais como Vicente de Carvalho, Alberto Souza, Aprígio de Macedo, Martin Francisco, João Guerra. Neste periódico, Fontes começava a esboçar o que entendia como socialismo, enquanto seus colaboradores lançavam ao público artigos ligados a abolição e ao movimento republicano.

Na trilha de *A Evolução* outras publicações surgiam: *A Idéia Nova*, *O Colibri*, *O Santista*, *O Reclame*, *O Incolor*. Fica claro que nestes jornais estava mais evidente o ideal abolicionista e republicano do que o socialista, embora também pareça evidente que tais ideais não estivessem tão separados. *A Evolução* e depois a *Ação Social*, foram de extrema importância para a formação da base do que seria mais tarde *A Questão Social*. Esta influência fica clara, nos artigos e editoriais, carregados da visão positivista e evolucionista, características do ideário de seus idealizadores e também presente no socialismo reformista do final dos século XIX e início do XX.

Após a vitória do movimento abolicionista e republicano, as novas publicações só fizeram aumentar. As idéias e os artigos, porém, concentravam-se no tipo de República que se pensava para o Brasil e nas disputas das facções republicanas a partir de 1889 (como o *Diário da Manhã*, *O Nacional*, *A Revista Ilustrada*, *O Biscoito*).

Em 1891 começaram a circular órgãos de imprensa ligados ao operariado de Santos e principalmente à União Operária (órgão operário do qual partiu a idéia da fundação da Escola Benemérita da União Operária, ainda hoje existente.) Em 1892 apareceriam *O Operário*, *O Santos Esportivo* (o primeiro jornal de esportes em todo Estado de São Paulo), *O Leque*, *Carta Branca* e *a Ação Social*, fundada por Silvério Fontes, Raimundo Sóter de Araújo e o professor Carlos Escobar, estes dois grandes articuladores nas campanhas abolicionista e republicana. Este jornal seria mantido por três anos, sendo substituído pela *Questão Social* (1895). Em 1893 circulariam mais cinco jornais: *A Escola*, *O Olho*, *A Notícia*, *O Novidades* e *o Santos Comercial*. O ano de 1895 foi bastante fecundo no campo jornalístico santista. Surgem: *O Bonde*, *O Lanterna*, *A Luva*, *O Combatente*, *A Questão Social*.

Em suas publicações o jornalista Olao Rodrigues listou entre 1873 e 1914 em Santos 150 jornais. Entre esses jornais, oitenta e três foram efêmeros: diários (treze) ou jornais de economia (sete) e jornais de pequeno formato, humorísticos (dezesseis), estudantis (dois), culturais e literários (treze). Os jornais abolicionistas eram quinze, enquanto os republicanos eram doze e monarquistas somente um, durante os primeiros anos do regime republicano. A colônia portuguesa tinha dois jornais diferentes, a colônia italiana tinha três, e as colônias espanhola e turca tinham um cada uma. Doze pequenos jornais eram ligados a sociedades beneficentes, clubes, grupos dramáticos e sociedades de danças. Um destes, *A formiga*, era editado, em 1877, pelas senhoritas que dirigiam a sociedade recreativa e a sociedade dançante do mesmo nome. Quatro outros pequenos jornais aparecem associados a sociedades carnavalescas, entre 1822 e 1897. As sociedades mutualistas



publicaram três jornais, havendo dois jornais socialistas e dez outros jornais operários<sup>130</sup>.

### **Jornais fundados e editados em Santos, 1873-1913:**

	<b>DIÁRIOS</b>
Correio de Santos (1869-1878)	Diário da Manhã (1889-1891)
A Imprensa (1870-1874)	Gazeta do Povo (1890)
Diário de Santos (1872-1912)	A Tribuna (1894-hoje)
Diário de Notícias (1877)	A Folha (1895)
Diário do Comércio (1884-1891)	Cidade de Santos (1898)
Correio de Santos (1884-1891)	O Tempo (1898)
Jornal da Tarde (1884-1887)	O Jornal (1905)
Diário da Tarde (1888-1889)	A Vanguarda (1908-1912)
Cidade de Santos (1888)	
	<b>EFÊMEROS</b>
O Buscapé (1875)	O Lidador (1895)
O Desfalque (1877)	O Democrata (1896)
O Furo (1884)	Sequilha (1896)
Gazetinha (1886)	Zagala (1896)
Ensaio (1886)	O Combate (1896)
O Incolor (1887)	O Gaúcho (1896)
Novidades (1891)	Opinião (1896)
O Leque (1892)	O Boer (1900)
Carta Branca (1892)	A Fanfarra (1900)
Olho (1893)	Tarde (1900)
A Revolução (1894)	Santos (1901)
Neto do Diário (1894)	A Coisa (1902)
Correio da Semana (1894)	A Revisão (1904)
A Lanterneta (1895)	A Notícia (1912)
A Luva (1895)	Jornal de Santos (1912)
Louvre (1895)	O Dia (1913)
	<b>LITERÁRIOS</b>
Sempreviva (1875)	O Colibri (1887)
Revista Nacional (1877)	O Lepidóptero (1888)
O Domingo (1879)	A Luneta (1891)
A Comédia (1881)	O Mercantil (1904)
O Popular (1885)	O Verso (1904-1905)
A Evolução (1886)	A Berlinda (1913)
O Pince-Nez (1886)	
	<b>ECONÔMICOS</b>
Correio Mercantil (1873)	A Revista (1890)
Gazeta Comercial (1880)	Santos Comercial (1894-1896)
Jornal de Anúncios (1884)	O Corretor (1895)
O Reclame (1887)	
	<b>ESTUDANTIS</b>
A Luta (1884)	O Colegial (1885-1887)
	<b>OPERÁRIOS</b>
O Operário (1892)	Tribuna Operária (1909)
A Greve (1897)	A Revolta (1911)

<sup>130</sup> RODRIGUES, Olao. *História da imprensa de Santos*. Santos, A tribuna, 1979.

União dos Operários (1905)  
A Aurora (1907)  
Aurora Social (1909)

O Proletário (1911)  
A Dor Humana (1911)  
A Rebelião (1914)

#### MUTUALISTAS

O Caixeiro (1879)  
O Tipógrafo (1885)

O Dois de Fevereiro (1905)

#### SOCIALISTAS

Ação Social (1892)

A Questão Social (1895-1896)

#### REPUBLICANOS

Revista (1885)  
Idea Nova (1886)  
A Luz (1888)  
Flora (1888)  
O Patriota (1889)  
O Dever (1889)

A Verdade (1889)  
O Nacional (1890)  
O 15 de Novembro (1894)  
Floriano Peixoto (1894)  
O Brazil (1896)  
A República (1911)

#### CARNAVALESCOS

Arco da Velha (1882)  
Revista dos Mercados (1882)

Processo da Galinha (1882)  
O Carnaval (1897)

#### COLÔNIAS IMIGRANTES

O Aporo (1884)  
Santos/ Andaluza (1885)  
L'Independente (1894)  
Jornal Brasil Otomano (1896)

Il Bersagliere (1900)  
Vanguarda Portuguesa (1902)  
O 31 de Janeiro (1911)

#### MONARQUISTAS

A Notícia (1893)

#### ABOLICIONISTAS

O Raio (1875)  
O Porvir (1881-1883)  
O Embrião (1881-1883)  
O Pirata (1881-1883)  
O Guarani (1882)  
O Periquito (1882)  
O Papagaio (1882-1883)  
O Alvor (1884)

O Piratiny (1885)  
Idea Nova (1886)  
27 de Fevereiro (1886)  
A Vila da Redenção (1887)  
A Procellaria (1887)  
Luis Gama (1888)  
A Luz (1888)

#### CONSERVADORES

A Lei (1877)

A Gazeta de Santos (1883)

#### CLUBES E ASSOCIAÇÕES

O Foguete (1877)  
A Formiga (1879)  
Tômbola (1884)  
Flor-de-Maio (1887)  
Cruz Branca (1889)  
A Pérola (1890)

Magnólia (1891)  
O Eco (1895)  
A Arte (1896)  
A Idéia (1897)  
O Estímulo (1899)

Fontes: Francisco Martins dos Santos, *História de Santos (1532-1936)*, São Vicente, Caudex, 1986 e Bandeira Júnior, *Almanaque da Baixada Santista*, Santos, 1975

Em Santos, já na década de 1880, havia jornais operários e um deles, *O Operário*, propôs em suas páginas, a necessidade de fundação de um partido operário que acabou surgindo em 1892. Em 1889 foi fundado o Círculo Socialista de Santos, que editava o jornal *A Ação Social*, publicação lançada por Silvério Fontes em 1892. O jornal teve vida curta. Três anos depois, em 1895, Silvério Fontes, juntamente com Sóter de Araújo e Carlos Escobar, transformaram o Círculo em Centro Socialista de Santos e passaram a editar *A Questão Social*.

As referências dos contemporâneos a Silvério Fontes são de “notável cientista” que prestou um importante serviço à cidade de Santos, por ter ajudado a conter a epidemia de febre amarela em 1889; possuía um espírito superior e que era um ilustre sociólogo e livre pensador preocupado com os problemas dos mais necessitados. Silvério nasceu em 1º de fevereiro de 1858, em Aracaju, mudou-se muito jovem para o Rio de Janeiro, onde se doutorou em 1880, com uma tese sobre microbiologia, baseada nos estudos de Pasteur. Tornou-se positivista, como tantos médicos. No que se referia a Sóter de Araújo não diferiam muito, incluindo nos elogios, sua grande fé católica e sua grandeza por ocupar cargos administrativos<sup>131</sup>. Ambos vieram para Santos no mesmo ano de 1881, quando travaram conhecimento. Os dois eram médicos da Santa Casa de Misericórdia de Santos, e desde logo tomaram contato com as precárias condições de vida e trabalho na cidade; aderindo de pronto às campanhas abolicionista e republicana.

Em 1886, Silvério Fontes, já casado na tradicional família Martins dos Santos, fundou o jornal *A Evolução*. Como se pode supor pelo nome, era uma publicação marcada pelo evolucionismo e o positivismo, que adviam de sua

---

<sup>131</sup> Informações encontradas em biografias no *Arquivo Edgard Leuenroth*. UNICAP, Campinas

paixão pela biologia. A influência republicana, como mencionamos anteriormente, se deu pela amizade com Silva Jardim e os vínculos com a família Andrada. Como já assinalamos, *A Evolução* juntamente com a *Ação Social* foram as publicações que serviram de base para *A Questão Social* e embora não existam exemplares dos dois primeiros, esta relação fica evidenciada na manutenção do positivismo e o evolucionismo nos artigos e editoriais e que de certa forma estavam permeando o socialismo da II Internacional.

Em *A Evolução* colaboraram muitos intelectuais locais, abolicionistas, republicanos e positivistas, entre eles: Martim Francisco, João Guerra, Cândido Carvalho e Francisco Martins dos Santos. Na mesma época Carlos Escobar, que já estava totalmente ligado a causa abolicionista, atuou em Santos e Mogi-Mirim. Em São Paulo, participou de uma espécie de entidade clandestina, a Confraria de Nossa Senhora dos Remédios, e colaborava no jornal *Redenção*. Em Campinas, colaborou no jornal abolicionista de Henrique Barcelos, e participou da famosa noite dos “quebra-lâmpioes”.<sup>132</sup> Em 1889, os três - Silvério Fontes, Sóter de Araújo e Carlos Escobar - fundaram o primeiro círculo socialista brasileiro, do que ficou o registro em seu *Manifesto socialista ao povo brasileiro*, datado de 12 de fevereiro de 1889, mas que só foi publicado em 1902 no *Estado de São Paulo*.

O Centro Socialista de Santos (CSS) foi fundado no dia 15 de setembro de 1895. De início, a finalidade do Centro era a de divulgar o socialismo, um socialismo reformista, partindo mais tarde para defesa da formação de cooperativas de trabalhadores e de um partido socialista. Organizavam

---

<sup>132</sup> Conflito entre tropas da cidade de Campinas comandadas pelo capitão Collatino e vários abolicionistas, in: SANTOS, Francisco Martins dos, op., cit., p.231

palestras para divulgar o “socialismo científico” para os trabalhadores e montaram uma biblioteca para seus associados. No mesmo dia de fundação do Centro publicaram o seu jornal oficial, *A Questão Social*. No número inicial do jornal, Marx era apresentado no editorial escrito por Silvério Fontes:

Apresenta-se hoje na arena jornalística *A Questão Social* defendendo uma causa justa – a reivindicação dos direitos do proletariado. Na Europa, onde o socialismo chegou a seu período de maturação histórica, a propaganda vai fazendo seu proselitismo. Ali, como na América do Norte, não se confunde a doutrina que já entrou em sua fase positiva, nem com a República, como ensinou Platão, nem com a utopia, como a idealizou Tomás Morus. Resultado de estudos acurados duma plêiade de pensadores, representando o *primus inter pares* Karl Marx, o socialismo encontrou, principalmente na Alemanha, sua base científica. Não queremos dizer com isso que o problema socialmente seja uma questão de ventre. É incontestável que deve ocupar o primeiro lugar a transformação econômica, pois dela nascerá a principal reivindicação proletária. Entretanto, forçoso é confessar que as aspirações humanas devem ser integralizadas e a questão social passa a ser complexa, isto é, tanto literária como filosófica, tanto afetiva como estética, tanto moral como política. E seremos nós indiferentes ao estudo desses problemas, quando talentos de primeira ordem tanto se têm preocupado com sua difícil solução? Entre nós, as condições atuais não nos permitem encarar o socialismo como medida que se imponha por uma agitação revolucionária. Desfraldando a bandeira do coletivismo reformista, propõe-se *A Questão Social*, sem paixões, que considera antagônicas à idéia de processo, lutar tenazmente para que sejam mais rápidos os efeitos do movimento evolucionista científico, que deve dar em resultado a nova organização da sociedade. Por maiores que sejam as preocupações dos excessivamente tímidos e as apreensões dos privilegiados, a repercussão no Brasil, das idéias que agitam o velho mundo há de ser fatal, a bem dos interesses gerais da coletividade. Oxalá, o esforço que ora fazemos, pugnado pela implantação de doutrina regeneradora, encontre eco em todos os que compreendem o alcance das idéias altruísticas, em todos os que combatem pelo nivelamento das classes, entrando com o contingente de sua colaboração para que se levante, em breve, o majestoso edifício da solidariedade e da justiça social.<sup>133</sup>

Parece haver, pelo manifesto, influência do evolucionismo de Spencer e por isso uma confusão sobre evolução e revolução, assemelhando-se ao modo de pensar que vigorava na Segunda Internacional neste período, como por exemplo, as posições de Kautsky. O movimento socialista perdia seu caráter

<sup>133</sup> *A Questão Social*. n. 01, Santos, 15/09/1895.

revolucionário, sendo substituído pelo reformismo e por uma visão evolucionista da história. De qualquer forma não podemos afirmar com precisão e certeza que os fundadores do Centro de Santos tenham sido influenciados pela corrente de pensamento da Segunda Internacional, pois não encontramos bases concretas que possam comprovar essa nossa hipótese; Silvério Fontes e os demais líderes foram ardorosos propagandistas da Abolição e da República, e é mais provável que daí tenha vindo esta influência do evolucionismo e do positivismo, que sempre permeou o modo de pensar desses movimentos.<sup>134</sup>

Quando Silvério aponta no artigo de apresentação de *A Questão Social*, que era preciso fundamentar a nova organização da sociedade a partir de um movimento evolucionista científico, além de falar da necessidade da solidariedade e do altruísmo, vemos o uso de termos característicos do jargão filantrópico e também presente no ideário positivista do qual seus diretores faziam parte. Esta linha se confirma em uma leitura mais atenta do Manifesto Socialista escrito alguns anos antes pelos editores de *A Questão Social*.

Diz-se no Manifesto Socialista ao povo brasileiro:

A história das sociedades humanas, desde que se constituíram e onde quer que evoluíssem, é a história da luta de classes; e desse pugnar incessante resultou, com o decorrer dos tempos, a eliminação de algumas dessas classes, podendo-se atualmente considerar que somente duas permaneceram, extremadas em campos adversos, inconciliáveis em seus interesses: tais são a classe da burguesia e a classe dos assalariados...<sup>135</sup>

Como podemos ver neste trecho inicial, existe muito do pensamento de Marx, extraído do Manifesto Comunista, mas que logo é abandonado,

---

<sup>134</sup> TURCI, Alex Neriz. *Idéias Socialistas no Brasil: formação e consolidação de um pensamento de esquerda*. Monografia, São Carlos, DCSO/UFSCar, 1997, p.21.

<sup>135</sup> *Manifesto do Partido Socialista Brasileiro*. Publicado originalmente em O Estado de São Paulo, 28/08/1902.

passando a uma linha paternalista ou como denominou Evaristo de Moraes Filho, “de benevolência”.

Dando-lhes publicidade, apresentando-os ao critério das pessoas que no Brasil sejam capazes de um ligeiro esforço mental e de impulso de generosidade – porque o tema socialista, em sua concepção genérica, é desses que se originam simultaneamente na razão e nos sentimentos afetivos, falando por igual ao espírito e ao coração – o Conselho Geral do Partido faz apelo às duas diferentes classes, a dos possidentes e a dos despossuídos, em que a população deste país se acha dividida, como em toda parte, para que compenentrem da urgente e indeclinável necessidade de atender ao que se passa nos outros países civilizados, com referência à questão social, que a muitos deles convulsiona e a todos está interessado profundamente.<sup>136</sup>

O Manifesto fazia um apelo à bondade da classe dominante, que não deveria “cerrar os olhos à miséria que transparece por toda parte”; apelava também à classe proletária para que obtivessem a sua liberdade “sem os abalos subversivos que se fazem sentir em outras regiões políticas, onde o espírito de tolerância não se tem podido infundir entre a classe espoliadora e a espoliada”. Do partido socialista devem, pois, fazer parte todas as pessoas que, por sentimentos humanitários ou pela razão, estejam convencidas de que a felicidade do indivíduo está na proporção direta do bem-estar econômico de todos os membros da sociedade. Tudo isso deve ser dito principalmente entre nós, brasileiros, cujo coração é reconhecidamente tão afetivo e tão rico de ideais liberais.<sup>137</sup>

No manifesto, Marx é citado duas vezes. O manifesto de 1902 parece tentar acertar e adotar os princípios do que era chamado socialismo científico; porém, os apelos feitos à boa vontade e à benevolência da classe dominante, nos remetem ao tempo dos grandes utopismos. Antônio dos Santos Figueiredo,

---

<sup>136</sup> MORAES FILHO, Evaristo de. op cit, p.36.

<sup>137</sup> Idem 58, p.37.

em seu livro *A Evolução do Estado no Brasil*,<sup>138</sup> aponta essas contradições no manifesto:

Os signatários do documento, inspirando-se no filantropismo, dirigem um apelo – que ingenuidade! – as duas diferentes classes, a dos possidentes e a dos despossuídos ...Depois, tentam chamar, para o seu seio, monárquicos e republicanos...contam episódios da dantesca porfia entre proletários e burgueses, mas procuram não molestar a estes.<sup>139</sup>

Na década final do século XIX, e nos primeiros anos do século XX, o movimento socialista no Brasil viveu, segundo Evaristo de Moraes Filho, como que num “verdadeiro delírio”, em um autêntico “porre ideológico”, no qual se confundiam e se misturavam todo o tipo de formas de pensamento de reforma social, desde os mais exaltados, até os da linha do socialismo reformista e os social-democratas. E isso era muito nítido nas diversas organizações socialistas que foram criadas, como o Centro Socialista de Santos e suas publicações, como *A Questão Social*. Os editoriais da publicação sempre eram carregados deste discurso, a idéia da superação do capitalismo nocivo a partir de uma evolução do trabalhador em procurar superar esta etapa e construir a verdadeira justiça social e procurando agir no sentido reformista.

Em 1895 o Centro Socialista de Santos passou a publicar o quinzenário *A Questão Social*. Como já mencionamos, no editorial da primeira edição a publicação dizia que estava “desfraldando a bandeira do coletivismo reformista”, apoiada nos ensinamentos de uma “plêiade” de pensadores socialistas, dos quais o “primus inter pares” era exatamente Karl Marx. O que Marx diria se ficasse sabendo que no Brasil seu nome estava sendo invocado pelos que desfraudavam a bandeira do “coletivismo reformista”? O Centro Socialista de Santos seguia na onda do movimento socialista europeu.

---

<sup>138</sup> FIGUEIREDO, Antônio dos Santos. *A Evolução do Estado no Brasil*. Porto, 1926.

<sup>139</sup> Idem 42, p.159-161.



Astrojildo Pereira valorizou seus dirigentes - Sóter de Araújo, Carlos Escobar, e principalmente Silvério Fontes, que considerou “o primeiro socialista brasileiro de tendência marxista, o pioneiro do marxismo no Brasil”.<sup>140</sup>

Em um artigo publicado em *A Questão Social* (1896), Silvério Fontes deixou claro o seu entrosamento com as perspectivas da Segunda Internacional, demonstrando sua adesão ao que podemos chamar de trilogia marxista: interpretação materialista da história, e luta de classes.

Isso aparece também no primeiro número do jornal, na seção chamada noticiário, no regimento interno do Centro Socialista de Santos. Havia ainda um artigo escrito por Carlos Escobar, com o título de “Ao proletário”, com a intenção de mostrar aos trabalhadores de Santos o que deveriam entender por questão social e os conclamando para participarem das reuniões do Centro:

...A questão social, amigo interessa-te como o pão de cada dia. Duvidas! A questão social vás tu dizer-nos, interessa ao bacharel, que vive da política; mas não pode interessar a quem ganha a vida com suor do seu rosto. Cala-te. Não gostarias da vida sem privações para ti e para os teus? A questão social é esta questão (...) A questão social é muito complexa. Não podemos apresenta-la num artigo, em todos os seu detalhes. Si quizeres seguir o nosso pensamento, lê a nossa revista, o porta-voz do *Centro Socialista de Santos*. Prevenimos-te entretanto, que, apesar de combatermos com energia a organização economica da actualidade, não somos inimigos rancorosos do capitalista. Este teve seu papel histórico. O capitalismo preparou o socialismo, absorvendo a pequena propriedade dividida pelo maior número. Prevenimos-te, outrosim, que usaremos da maior descrição em nossa propaganda. Não queremos ser filados pela polícia. Somos antes de tudo boas pessoas. Não sahimos á rua erguer barricadas. Expomos doutrinas. A revolta, por um golpe de estado, não daria ao obreiro, sahido da escravidão, os habitos de moralidade necessários ao regimen socialista. Não somos revolucionários. Somos reformistas.<sup>141</sup>

Como podemos observar na leitura do artigo de Escobar, fica bem clara a posição do CSS, uma posição científicista e reformista, completamente contra

<sup>140</sup> PEREIRA, Astrojildo. *Silvério Fontes, pioneiro do marxismo no Brasil*. Rio de Janeiro, PCB, Estudos Sociais, nº 12, 1962.

<sup>141</sup> *A Questão Social*, Santos, nº 01, 15/09/1895, p.4

qualquer tipo de ação revolucionária. Este periódico quinzenal dedicava o maior número de suas páginas às discussões socialistas de autores estrangeiros ou da cidade . O jornal trazia artigos de Benoît-Malon, influência importante no jornal e no CSS. Havia também artigos de Victor Hugo e Filippo Turatti traduzidos por Sóter de Araújo e Spiridione di Mëdicis. No número inicial há um artigo do ex-ministro das finanças da Áustria, Albert Schäfte, “A quinta-essência do socialismo”, traduzido do alemão para o francês por Malon, e do francês para o português por um membro do CSS, J.F. Lima Cortes, artigo este que volta a nos mostrar todo o reformismo e a perspectiva anti-revolucionária da corrente socialista difundida em Santos:

...Observamos primeiro que tudo o principio econômico do socialismo afastando primeiro seo lado passageiramente agitadoro, seos phenomenos e tendencias religiosas e políticas e suas senhas de applicação provisoria. É fora de duvida que se trata aqui duma questão economica; é ao menos em primeiro lugar uma questão do estomago...<sup>142</sup>

Queremos frisar a influência importante dentro do CSS e de *A Questão Social* do pensador francês, Benoît-Malon, que estava sempre presente no jornal como base do pensamento socialista da organização, sendo a leitura de suas obras sempre recomendada pela direção aos membros do CSS. Malon era adepto de um socialismo que não via na revolução um instrumento de transformação da sociedade, influenciado pelo positivismo e a tradição humanista francesa, (que não englobava apenas a luta política e econômica, que era vista como uma limitação do socialismo marxista; o socialismo deveria englobar todos os campos da atividade humana: ciência, filosofia e moral). Como diz em seu livro *O Socialismo Integral*; o socialismo era anunciador de inovações reparadoras e progressistas. A evolução da sociedade não era definida apenas pelos que pregavam os valores marxistas, pois, não eram

<sup>142</sup> SHÄFFLE, A .F. *A Quinta essência do Socialismo. A Questão Social*. Santos, 15/09/1895, p.6

somente fatores econômicos, mas também religiosos, filosóficos, políticos sentimentais, estéticos que unindo-se ou se contrapondo determinavam a natureza e o movimento das civilizações.<sup>143</sup> Esta postura era defendida pelo CSS, uma posição reformadora e positivista, sempre argumentando no sentido de uma mudança na moral para a transformação social. Isto era explicitado em textos de *A Questão Social* :

...E, se o socialismo é e deve ser uma aspiração da humanidade, no momento verdadeiramente crítico, por que ela passa na hora actual, porque é que, no Brazil, não devemos trabalhar pelo mesmo ideal, empregar os mesmo esforços empregados pelo grande partido do proletariado europeu, quando a doutrina socialista é essencialmente de amor e solidariedade, é fundamentalmente de tolerancia e de concordia, e estamos convencidos de que para a realização de sua victoria faz-se necessario tão somente o apparecimento dos homens dotados de poderosas energias, homens que por assim dizer tenham vigorosos musculos na vontade, que queiram firmemente e que estejam dispostos a sacrificar-se pelo seu ideal e pela sua fé, porque só a fé é que será capaz de produzir martyres...<sup>144</sup>

O grande partido operário ao qual o texto se referia era o Partido Social-democrata Alemão (SPD) que nesta época, como o socialismo de um modo geral, tinha perdido a ligação com as teorias de Marx e seus elementos revolucionários. Isto nos parece claro se observamos a corrente de pensamento dominante na Segunda Internacional, uma corrente reformista e positivista, tendo como seus representantes principais Kautsky e outros intelectuais da organização. Observamos estas idéias nas páginas de *A Questão Social*, embora não tenhamos encontrado nenhuma menção direta a Segunda Internacional. Uma das poucas menções à Internacional, encontrei em uma nota extraída do livro de Benoît Malon, *Lundis Socialiste* e publicada

---

<sup>143</sup> MALON, B. *Précis Historique, Theorique et Pratique de socialisme*. Paris, F.Alcan/Librairie de la "Revue Socialiste", 1892, p.143

<sup>144</sup> *A Questão Social*, Santos, nº 43, 18/03/1896, p.04. o autor deste texto assina como Benoit, mas não conseguimos descobrir se era o pensador francês ou alguém utilizando seu nome como um pseudônimo.

na seção “Notas Socialistas” de *A Questão Social*, criticando alguns grupos que, discordando das premissas da Internacional, argumentavam que as organizações proletárias só deveriam ter em seus quadros operários e não intelectuais. Mais uma vez encontramos a posição contrária a qualquer tipo de ação revolucionária:

Alguns grupos sectarios, tem tentado restringir a divisa da *Internacional: A independencia dos trabalhadores deve ser resultado de seu próprio trabalho*, pretendendo excluir das organizações proletarias todos que não sejam operários manuaes; não obstante, não tiveram imitadores e não consta que tenham respondido a esta irrefutavel argumentação de Julio Guesde. Retirae dos partidos operarios os elementos mais particulamente cerebraes, reduzio-os unicamente a associações de operarios manufactureiros, e as suas conquistas se limitarão a rebeliões, que, mesmo victoriosas, serão estereis.<sup>145</sup>

Segundo Astrojildo Pereira, analisando os artigos de Silvério Fontes no jornal, observa-se sua facilidade em passar do positivismo para o socialismo. Na verdade podemos observar que estas duas correntes a todo o momento estão presentes nos escritos do socialismo reformista adotado pelo CCS, e por Silvério, além da influência evolucionista a que estava predisposto como médico de sua época. Em *A Questão Social* isto fica evidente nos artigos da primeira página que eram escritos em sua maioria por Fontes:

...sujeito á lei geral do progresso correlativo das sciencias, ao desenvolvimento da nova instituição corresponderão, no dominio político, a republica social, com tendencia cada vez mais acentuada a substituir o governo reaccionario dos homens pela adminstração consciente das cousas; na esphera da Ethica, o ego- altruismo de Spencer (...) Republica política, individualismo, egoismo, presentes, serão em breve substituidos pela republica social, pelo colletivismo, pelo ego- altruismo; e depois, segundo os principios geraes de sucessão dos phenomenos de que o movimento scientifico contemporaneo auctorisa a previsão, pelo anarchismo, communismo e altruismo. As reformas, porém, devem sempre provir de seus antecedentes lógicos. Eis porque as tentativas revolucionarias abortam geralmente, quando construções preparatórias não amparam-n’as convenientemente. E a vantagem

<sup>145</sup> MALON, B. *Lundis Socialiste. A Questão Social*. Santos, nº 01, 15/09/1895, p.5

principal do collectivismo reformista, que consiste na produção commum e consumo individual, é saber d'onde vem para onde vae, aproveitando as lições do passado e os esclarecimentos do presente. Si às elocubrações dos scientistas está preposta a parte theorica, ás dedicações dos proletarios está entregue a parte pratica. Si aos primeiros incumbe precisar os meios de acção, aos segundos compete não desperdiçar forças em actos improficuos de violencias, que só se justificam pelo desespero(...).<sup>146</sup>

Como podemos observar correntes de pensamento misturavam-se na defesa de um socialismo reformista, em defesa da idéia de progresso. O jornal sempre deixava claro em seus artigos sua posição anti-revolucionária, e ressaltava seu patriotismo. O jornal, além de instrumento de informação, era visto por seus editores com uma ferramenta de esclarecimento (característicos desse tipo de publicação), segundo Carlos Escobar *A Questão Social* devia ser entendida como “luz que despertaria os trabalhadores da cegueira da exploração”.<sup>147</sup>

*A Questão Social* também nunca deixou de manifestar a posição filantrópica de seus fundadores, pela qual tinham grande prestígio na cidade. Esta posição aparecia na seção chamada noticiário. Eram pequenas notas, internacionais e da cidade de Santos, ao lado de palavras de intelectuais como: Liebknecht, Bebel, Laveley, Malon etc. As notas, falavam, por exemplo, da presença do Professor. Dilloti, membro do CSS, no lançamento da pedra fundamental do Asilo da Infância Desvalida, “onde o povo santista deu mais uma prova de dedicação dos fortes para com os fracos”,<sup>148</sup> ou, a mensagem de Carlos Escobar aos espíritas tentando a sua adesão ao socialismo:

...Não venho também contestar pontos da doutrina espirita. Longe de mim a pretenção de discutir o que está acima de meus fracos recursos

<sup>146</sup> FONTES, S. *Republica Social. A Questão Social*. Santos, nº 47, 01/07/1896, p.01

<sup>147</sup> *A Questão Social*. Santos, nº 47, 01/07/1896, p.03

<sup>148</sup> *A Questão Social*. Santos, nº 07, 15/12/1895, p.01

intellectuaes. A vaidade ainda não me cegou. O meu proposito, dirigindo-me aos discipulos de Allan Kardek, aggremiados em Santos, principalmente, é mostrar-lhes, citando o ensinamento dos espiritos, que elles, por força da doutrina, hão de ser socialistas, estão moralmente obrigados a trabalhar connosco, não podem furtar-se a esse dever a menos que não queiram renegar a crença que professam com sinceridade e entusiasmo. (...) não se pode ser espirita renegando o socialismo(...) Os nosso principios, mesmo os que os burguezes denominam revolucionarios, fazem parte integrante do espiritismo(...).<sup>149</sup>

Em outro artigo, Escobar conclamava os espíritas do resto do país a seguirem o exemplo dos espíritas santistas, e aderirem ao socialismo:

...Não nos admira que pensam deste modo os discipulos de Allan-Kardek. O espiritismo é uma crença racional, baseada em dados scientificos, comprovada pela historia de todos os povos. Os seu dogma é o progresso indefinido, o seu culto são as artes, o seu tempo é a natureza, os seus sacerdotes são homens virtuosos e instruidos. Alguns espíritas, ainda sob a presença do catholicismo, sustentando que este é um planeta de provações, admitem que a viloencia e a miseria são fataes para o homem. Mas esses espíritas esquecem-se de que depende de nós transformar a terra em um mundo regenerador. Allan-Kardek ensina que os planetas estão submetidos a lei do progresso. Mirem-se neste espelho os espíritas defensores do capitalismo.<sup>150</sup>

Um grande número de espíritas filiou-se ao CSS, sem nunca deixar de colocar sua posição pacífica, descartando qualquer tipo de adesão a posições revolucionárias.

Ao analisarmos as páginas do jornal, não conseguimos encontrar relações diretas, do Centro com as lutas operárias ou outros movimentos sociais da cidade de Santos. Em um deles encontramos um artigo que apoiava as reivindicações dos caixeiros de loja com relação ao horário de trabalho, (pediam que as horas de trabalho fossem reduzidas de 14 para 12 horas por dia). No mesmo número encontrava-se a notícia da morte de Engels e de uma

<sup>149</sup> ESCOBAR, Carlos. *Aos Espíritas. A Questão Social*. Santos, nº 02, 01/10/1895, p.11

<sup>150</sup> ESCOBAR, C. *Reformador. A Questão Social*. Santos, nº 05, 15/11/1895, p.07

greve de sopradores de vidro em Carneaux, França.<sup>151</sup> Havia também referências a outros centros socialistas em São Paulo e Rio de Janeiro.<sup>152</sup> Só em 1896 encontramos uma carta de João Serapião Palma, da União Operária de Santos sobre as comemorações do 1º de maio. Parece que a partir desta publicação iniciaram-se os contatos entre operários e o CSS, embora tais contatos não terem tido os resultados esperados, como a formação de uma aliança mais sólida entre os dois:

Companheiros! O primeiro de Maio representa a parte mais essencial da revolução social; e a greve geral de um dia; é a chamada a postos aos obreiros de todas as nações afim de prepararem meios de conquistar a carta de liberdade, o direito de cidadão. A democracia burguesa é uma burla para nós em todas as suas partes, como são outras instituições desta ordem. Se não tratarmos de nossos direitos, não devemos estranhar que sejam recrutados nossos filhos analphabetos e que sejam polluidas nossas filhas, e por fim, para complemento depois de havermos concorrido com o nosso trabalho para a coletividade, acabar nossos dias na indigencia ou no hospital. Além de ser um dia de reivindicação social para nós, que devemos prevenir antes que punir, porque vivemos em um paiz que aos poucos os industriosos políticos collocar-nos-hão nas mesmas contingencias de nossos irmãos da Europa, é também um dia de reparação para o organismo do trabalhador braçal, que gasta a seiva da vida em muitas horas de trabalho, difficultando o estudo, collocando-nos sempre em pessimas condições pela falta do necessario: a instrução. Salve data gloriosa, começo das reivindicações de nossos direitos tanto tempo postergados.<sup>153</sup>

Neste mesmo número, Carlos Escobar criou a seção chamada “Informações” que tinha a finalidade de informar os leitores sobre fatos considerados importantes para suas vidas. Argumentava que queria partir para um “socialismo prático”, e anunciava no jornal a criação de um curso para operários com a finalidade de instruí-los. Ao que parece Escobar considerava que o Centro deveria tomar uma posição de maior participação na vida do

<sup>151</sup> *A Questão Social*. Santos, nº 04, 01/11/1895, pp.1-5

<sup>152</sup> *A Questão Social*. Santos, nº 11, 15/2/1896, p.4; e nº 9, 15/1/1896, p.4. Referem-se, respectivamente, aos socialistas de França e Silva, no Rio de Janeiro, e ao Centro Socialista de São Paulo.

<sup>153</sup> PALMA, João Serapião. *1º de Maio*. *A Questão Social*. Santos, nº 45, 1/5/1896, p.2

operariado santista, porém em nenhum momento fala em participação em greves, muito menos revoluções. Ao que parece considerava que a classe não estava preparada para as reformas sociais necessárias para a igualdade e justiça que o Centro defendia. Não escondia a decepção em relação às dificuldades dos trabalhadores de aprender, fossem as teorias socialistas, fosse a leitura de um jornal ou a realização de contas simples. Argumentava que a maioria dos trabalhadores estava sempre muito cansada para estudar depois de 12 horas de trabalho e dizia que enquanto o capitalismo dominasse, o operário continuaria inculto.<sup>154</sup>

Carlos Escobar aparece como um elemento chave nos artigos de *A Questão Social*. A maioria desses artigos parece indicar que ele era o editor chefe que (principalmente na página de apresentação onde constavam os nomes responsáveis pela publicação), além dos artigos com a função de apresentar as idéias do Centro e de buscar novos membros, procurava convidar pessoas influentes na sociedade santista, principalmente intelectuais, para artigos e palestras. Sabemos muito pouco de Carlos Escobar e de Sotér de Araújo, outra importante figura do Centro e sua publicação. Sobre ele conseguimos apurar alguns dados biográficos na Biblioteca Humanitária dos Empregados do Comércio de Santos e em *A Questão Social*. No caso de Escobar, esteve vinculado ao movimento abolicionista santista através da Confraria de Nossa Senhora dos Remédios, chegando inclusive a participar de movimentos em Campinas com Henrique Barcelos e em São Paulo com Vicente de Souza.

Outra seção do jornal que também tinha a finalidade de instruir os trabalhadores, era a que destacava pensamentos de figuras de proa, tais

---

<sup>154</sup> *A Questão Social*. Santos, nº 45, 1/5/1896, p.3-4



como: Victor Hugo, Voltaire, Marx, Chevalier, Danton, Benoît Malon, entre outros. Havia também uma seção de lista de livros, sempre no fim de cada número de *A Questão Social*, recomendados para os membros do CSS, livros esses que se encontravam em sua Biblioteca.

Silvério Fontes procurava conseguir adesões ao pensamento socialista em outros estados, enviando números de *A Questão Social* para amigos, Veja-se a resposta que recebeu de seu amigo de Sergipe, o médico Lima Júnior, agradecendo o envio de exemplares do jornal, diz:

...Não podia aparecer em melhor oportunidade um jornal nas condições do – *A Questão Social*, uma vez que não se proponha a transigir com os bandos de especuladores, que vivem por toda parte a pescar em águas turvas nas épocas eleitoraes. O nosso novo vale tão pouco como elemento propulsor de mecanismo social. Tem se aviltado tanto, se tornado de tal modo ludibrio dos falsos prophetas, victima que beija os pés dos seus algózes, que faz desconfiar de sua cnsancia na luta pelos interesses, e sobretudo na dedicação sincera aos melhores servidores. A meu ver, a importancia que merece a propaganda em favor do proletariado em paiz como o nosso, não consiste tanto na aspiração europea de uma reforma radical de instituição governamental, como na reforma dos costumes, o que só se pode alcançar por meio de profunda transformação moral. Sem isto, nada se conseguirá de positivo, senão estragar um bellíssimo ideal. Para conseguir encarnar o ideal no verdadeiro, há mister de virtudes muito heroicas e mui lenta evolução. Por enquanto, a propaganda dirigida sob o ponto de vista scientifico, terá feito muito, operado prodigios, se obtiver nullificar as influencias malleficas, que, mentindo á democracia, se oppoem á *proclamação da Republica do Brasil*. (...) A missão de *A Questão Social*, como de todos os órgãos de propaganda da mesmas idéias, deve, por enquanto limitar-se a sanear, livrando-o destes miasmas, que os *historicos*, tem sido primeiros a espalhar em nosso ambiente social. Fallo, como disse, como *historico*, que se envergonha do que fazem os companheiros na tribuna popular, no jornalismo, no parlamento, e em toda parte onde acham pessoas sem escrupulos a quem mandar. Não será, pois, transigindo com o meio actual, que achará guarida o ideal socialista.(...).<sup>155</sup>

*A Questão Social* não foi o único jornal que informou os trabalhadores das realizações do CSS. Antes da criação de sua própria publicação, o jornal *Santos Comercial*, que veio depois a imprimir o periódico do Centro, publicou

<sup>155</sup> JUNIOR, Lima. *Carta para o Dr. Silvério Fontes. A Questão Social*. nº 44, Santos, 01/04/1896, p.2

artigos e informes relacionados ao que poderíamos chamar de socialismo. O jornal era de propriedade de Américo Martins Fontes e Francisco Martins dos Santos, irmão e pai de D. Isabel Martins, mulher de Silvério Fontes. Publicou ao longo de vários de seus números um artigo de B. Malon, chamado “Ludis Socialiste: um golpe de vista sobre o futuro”, onde o autor criticava a exploração do homem pelo homem, chamando-a de “flagelo que domina a todos”, e afirmando ser o socialismo anunciador das “inovações reparadoras e responsável pelo progresso social”.<sup>156</sup> Publicavam-se até mesmo críticas aos socialistas do Centro. Um dos críticos mais eloqüentes foi o operário e um dos diretores do Partido Operário em Santos (PO), Benedito Figueiredo Ramos, de certa forma estas críticas por parte de Ramos mostram um descolamento do discurso do Centro e a classe operária santista. Em um pedido ao CSS, publicou um artigo em que duvidava do conhecimento dos membros daquela organização, sobre o socialismo:

Não desconhecemos o vasto conhecimento científico de pouquíssimos cavalheiros que fazem parte do centro, assim como também sabemos que a sua maioria nunca soube o que é socialismo.(...) fazem um socialismo casto (...) Não somos exclusivistas, querendo só para a classe operária a glória de serem socialistas; não; mas nós sabemos que os direitos do povo, a sua liberdade, a felicidade comum, em fim, estão à mercê da minoria (...)<sup>157</sup>

Em outro número do mesmo jornal criticou a formação de um partido socialista em Santos, através da fusão de várias organizações ditas socialistas, no Primeiro de Maio. Ramos achava o partido uma boa idéia, mas divergiu da maneira como havia sido criado: “reuniram-se em uma casa e fundaram o Partido Socialista, acusando o PO de não participar e não se ocupar da forma

---

<sup>156</sup> MALON, B. *Ludis Socialiste: um golpe de vista sobre o futuro*. Santos Comercial, Santos, 09/06/1895, nº 246, p.02.

<sup>157</sup> RAMOS, Benedito F. *Partido Operário*. Seção Livre. Santos Comercial. Santos, 07/06/1895, nº 244, pp.02-03.

coletivista e reformista”. Afirmava que o “Partido Socialista era composto de republicanos e governistas”.<sup>158</sup>

A figura de Benedito F. Ramos é realmente intrigante. Não conseguimos encontrar outros relatos sobre a sua pessoa, além dos que vimos em o *Santos Comercial*, e nem sobre o seu Partido Operário.

No número de aniversário de *A Questão Social* (15/09/1896), há uma notícia de que o CSS, o PO de Benedito Ramos e União Operária de Cirilo Costa

em uma grande reunião, constituíram o Partido Operário Socialista. Foram eleitos para o diretório: Silvério Fontes, Sóter Araújo, Benedito Ramos e Nêvio Vianna. Foi aceito o programa do Partido Democrata-Socialista de São Paulo. Formando partido de classe, obedece (...) a orientação do socialismo evolucionista (...) Não tem absolutamente em mira aguçar ódios entre individualidades, mas atacar instituições através de reformas.<sup>159</sup>

Ainda segundo Carlos Escobar, em artigo de *A Questão Social*, “ao proletariado cabe a tarefa de regeneração social, que só poderá conseguir-se, construindo um partido de classe”.<sup>160</sup>

No editorial do número 49, Silvério Fonte argumenta:

“A Questão Social tem colocado, sempre o problema socialista em base científica, sem fantasia, nem sentimentalismo, encarando-o, sobretudo debaixo do ponto de vista econômico. Tem sempre aconselhado que deve ser resolvido por meios pacíficos, aproveitando-se o sufrágio universal e constituindo-se o operariado em partido de classe”(…) <sup>161</sup>

Magalhães Lima, em conferência na sede do jornal *Atheneu Comercial*, aponta para a necessidade de um partido operário: “Nossa marcha deve ser

<sup>158</sup> RAMOS, Benedito F. *Partido Operário II*. Seção Livre. *Santos Comercial*. Santos, 05/06/1895, nº 242, p.02.

<sup>159</sup> *A Questão Social*. Santos, nº 19, 15/09/1896

<sup>160</sup> *A Questão Social*. Santos, nº 07, 15/12/1895

<sup>161</sup> *A Questão Social*. Santos, nº 07, 15/12/1895. p.1

para as urnas, com o estabelecimento do sufrágio universal, o voto veio a ser uma arma formidável nas mãos do operário..”<sup>162</sup>

Para reforçar seu argumento cita a referência base do Centro Socialista de Santos, o pensador reformista, Benoit Malon:

Os operários em vez de destruírem as forças políticas, econômicas e sociais existentes devem ao contrário apropriá-las para fazê-las funcionar em benefício do povo trabalhador, em consequência o primeiro dever da classe operária para chegar à emancipação social é conquistar o poder público.<sup>163</sup>

O professor Artur Breves de São Paulo, também em artigo para o Centro de Santos, indica que a formação de um partido operário faria com que o operariado pudesse intervir na vida política. Nesta mesma edição foi publicada a convocação para uma reunião em conjunto com o Centro Socialista de Santos, Partido Operário e a União Operária, com o objetivo de criar um partido composto de operários e socialistas. O diretório do futuro Partido Operário Socialista era composto por: Sóter de Araújo, Silvério Fontes, Benedito Ramos Guilherme Avallhe e Névio Vianna. A convocatória dizia:

A Questão Social órgão do partido convida os companheiros que estão convictos da necessidade de aproveitar-se o sufrágio universal, de modo a apressar a solução da questão social, a vir se alistar...Formando partido de classe, obedece o operariado a orientação do socialismo evolucionista, ainda há pouco brilhantemente defendido no Congresso Internacional de Londres...<sup>164</sup>

O Partido Operário Socialista durou pouco tempo, e parece não ter tido ligações mais profundas com o movimento operário. Em um relatório enviado ao Congresso da Internacional Socialista (Londres, de 26 de julho a 02 de agosto de 1896) por uma associação de trabalhadores alemães sediada em

<sup>162</sup> *A Questão Social*. Santos, nº 07, 15/12/1895. p.2

<sup>163</sup> *Idem*, 52

<sup>164</sup> *A Questão Social*. Santos, nº 07, 15/12/1895. p.3 e 4

São Paulo, afirmava-se serem a única associação social-democrata em São Paulo:

pois as associações social-democratas brasileiras que se formaram aqui e em Santos não podiam ser consideradas como verdadeiras organizações operárias, apesar de seus líderes, saídos da burguesia esclarecida, se esforçarem por difundir as idéias socialistas no povo.<sup>165</sup>

Os socialistas de Santos não eram desconhecidos completamente pelo movimento internacional. Em 15 de outubro de 1895, *A Questão Social*, publicou um telegrama enviado ao CSS pelo Congresso Socialista de Breslau:

Em Santos, há uma União Operária e um Partido Operário que são social-democratas. Em 1895, alguns intelectuais fundaram um Centro Socialista, grupo que é também social-democrata, mas fortemente influenciado pelas obras de Benoît-Malon, que o Sr. Magalhães Lima divulgou nessas regiões. Esse grupo publica um jornal bimestral – *A Questão Social*. Os homens mais em vista da democracia brasileira são Srs. Silvério Fontes, Sóter de Araújo, Carlos Escobar, Esperidião de Médicis, Mariano Garcia, Benedito Ramos.<sup>166</sup>

Podemos observar que havia certa confusão no que se refere aos membros do Centro, como por exemplo, colocar o nome de Benedito Ramos, do PO, como um dos membros fundadores do Centro, ele que, como mencionamos anteriormente, era um crítico do Centro.

Segundo Astrojildo Pereira, depois de 1896, o Centro Socialista teve que lutar duramente com as condições adversas em que desenvolvia suas atividades, e acabou cedendo às pressões de tais condições. A publicação de *A Questão Social* foi suspensa e o Centro parou suas atividades.<sup>167</sup> Não conseguimos informações mais precisas dos motivos que levaram a dissolução do Centro e do fim da publicação de *A Questão Social* Silvério Fontes e seus companheiros, entretanto mantiveram-se em contato com outros grupos e

<sup>165</sup> PINHEIRO, P.S. e HALL, M. *A classe operária no Brasil (1889-1930) Documentos*. São Paulo, Ed. Alfa-Ômega, 1979, p.32.

<sup>166</sup> *A Questão Social*. Santos, nº 02, 15/10/1895.

<sup>167</sup> PEREIRA, A. *Silvério Fontes, pioneiro do marxismo no Brasil*. Estudos Sociais, Rio de Janeiro, PCB, nº 12, 1962, p.409

centros socialistas de São Paulo e Rio de Janeiro. Silvério colaborou na criação do diário socialista *Avanti!*, fundado em 1900 por socialistas italianos e brasileiros de São Paulo e redigido em italiano dirigido por Antônio Piccarollo. Também colaborou na organização do Segundo Congresso Socialista Brasileiro em 1902. O Partido Socialista Brasileiro, criado neste Congresso, foi modelado tendo como base o Partido Socialista Italiano. Em sua breve vida de dois anos, pregava a necessidade de uma ação sindical mais consistente e trabalhou também pela constituição de ligas de resistência, participando de greves junto ao movimento operário de São Paulo.<sup>168</sup> Os exemplares da publicação se perderam, os poucos que restaram junto a família Fontes, foram entregues aos cuidados da Universidade de Campinas.

Silvério Fontes faleceu no dia 27 de junho de 1928, aos setenta anos, tendo aderido, no fim de sua vida, ao Partido Comunista do Brasil (PCB). Foi firme em suas convicções, dizia que:

a revolução social está em marcha no mundo inteiro e a sua vitória será para breve. Esta revolução, segundo Silvério Fontes, processar-se-ia de acordo com as leis evolutivas em crescentes e lentas adaptações, à medida que se fossem vencendo as reações de forças contrárias, sob a fiscalização de um poder central, como transição para o sonhado período da liberdade individual.<sup>169</sup>

---

<sup>168</sup> PINHEIRO, P.S. e HALL, M. op., cit., p.32.

<sup>169</sup> FRANCO, J. op., cit., p.270

15 de Setembro de 1895

# A Questão Social

## ORGAM DO CENTRO SOCIALISTA

Um por todos e todos por um

---

Anno I. Santos      Publicação Quinzenal      Brazil      Num. 1

---

DIRECTORES:

SILVERIO FONTES, SOTER DE ARAUJO e  
CARLOS DE ESCOBAR.

**Assignatura**

Serie de 24 Numeros . . . . . 5\$000.  
Numero Avulso . . . . . \$200

---

ESCRITORIO  
48, PRAÇA DE REPUBLICA N. 48

---

Apresenta-se hoje na arena jornalística A „Questão Social“ defendendo uma causa justa — a reivindicação dos direitos do proletariado.

Na Europa, onde o socialismo chegou a seu periodo de maturação histórica, a propaganda vai fazendo grande proselytismo.

Alli, como no America do Norte, não se confunde a doutrina, que já entrou em sua phase positiva, nem com a republica, como a ensinou Platão, nem com a utopia, como a idealizou Thomaz Morus.

Resultado de estudos acurados d'uma pleiade de pensadores, representando o *primus inter pares* Karl Marx, o socialismo encontrou, principalmente na Allemanha, sua base científica.

Não queremos dizer com isso que o problema social seja uma reforma exclusivamente economica; que o socialismo seja unicamente uma questão de ventre.

É incontestavel que deve occupar o primeiro lugar a transformação economica, pois della nascerá a principal reivindicação proletaria.

Entretanto, forçoso é confessar que as aspirações humanas devem ser integralizadas, e a questão social passa a ser complexa, isto é, tanto litteraria, como philosophica, tanto affectiva, como esthetica, tanto moral, como politica.

E seremos nós indifferentes ao estudo desses problemas, quando talentos de primeira ordem tanto se tem preocupado com a sua difficil solução?

Entre nós, os condições actuaes não nos permitem encarar o socialismo como medida que se imponha por uma agitação revolucionaria.

Desfraldando a bandeira do collectivismo reformista, propõe-se „A QUESTÃO SOCIAL“, sem paixões, que considera antagonicas á idea de progresso, a lutar tenazmente, para que sejam mais rapidos os effectos do movimento evolucionista scientifico, que deve dar em resultado a nova organização da Sociedade.

Por maiores que sejam as precauções, dos excessivamente timidos e as apprehensões dos privilegiados, a repercussão, no Brazil, das ideas que se agitam no velho mundo, ha de ser fatal, a bem dos interesses geraes da collectividade. Oxalá o esforço que ora fazemos, pugnando pela implantação de doutrina regeneradora, encontre eco em todos os que comprehendem o alcance das leis altruistas, em todos os que combatem pelo nivellamento das classes, entrando com o contingente de sua collaboração para que se levante, em breve, o majestoso edificio da solidariedade e da justiça sociaes.

---

**AO PROLETARIO**

[A questão social . . . Torces o nariz? Desconfiado! Os democratas enganaram-te com pro-

Ilustração 1: *A Questão Social* número 01- pág.1 – texto de apresentação escrito por Silvério Fontes / Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP



messas estrondosas. Julgas que te queremos explorar? Nem todos os gatos são pardos.

A questão social . . . Ainda desconfias? Sabemos o que vás dizer: «Trabalho de manhã á tarde; volto cansado para casa; não tenho tempo de pensar.» Ah! agrada-te a posição de escravo! Levas a vida do bruto!

A questão social, amigo, interessa-te como o pão de cada dia. Duvidas! «A questão social, vás tu dizer-nos, interessa ao bacharel, que vive da politica; mas não pôde interessar a quem ganha a vida com o suor de seu roste.» Cala-te. Não gostarias da vida sem privações para ti e para os teus? A questão social é esta questão

Ouve. Em nome do povo, portanto, em teu nome e dos teus, operam-se os milagres da politica. Assististes assombrado á mudança de regimen. O Brazil foi imperio; é agora republica. A graça de Deus deu lugar á soberania do povo. Melhoraste de sorte? Continuas o que eras: pobre e ignorante. Os partidos revesaram-se no poder. Este movimento de pessoas, verdadeira troca de rotulo, trouxe-te ao contrario dias bem amargos — a vida cara, a *derrubada*, a guerra.

Não deves contar com a providencia — estado, quer com papo de tucaio, quer de barrete phrygio. Has de ser o obreiro de ti mesmo si quizeres caminhar. Conta contigo para a revindicação de teus direitos. O estado, imperio ou republica, é o guarda-costa de teus oppressores.

A tua sorte não é essa. Vás de manhã ao serviço. Lá está o mestre o dia todo a ver si não perdes tempo nem esperdiças cabedal. Trabalhas assim a semana como besta de carga. E, no fim da vida, quando o patrão está podre de rico, não tens ganho senão para comer. Deves trabalhar; não te aconselhamos a vadiagem. Mas é preciso que o teu trabalho seja remunerador. Pelo trabalho o homem tem direito á domicilio proprio, a alimentação sadia, a vestuario commodo, a educação para os filhos, o descanso para si, a recreação para a familia, a consideração social, a velhice ao abrigo da miseria. O teu trabalho apenas serve para não morreres de fome. Não gozas dos beneficios da civilização.

Bonito programma, vás responder-nos, resignado com a tua posição de besta. Porque não accrescen-

tas que os prazeres foram feitos para os ricos? Deixa-te de covardia. A natureza não fez ricos nem pobres. Tal distincção é puramente social. Sacode esse corpo. Não te quero molle. Trabalharemos de concerto para reconquistarmos as posições perdidas. A resignação é fraqueza. Vem. A união faz a força.

Não te convences? Argumentemos. És pobre porque descendes de pobres. Não ha duvida que o nascimento decide da sorte dos individuos. Mas os teus avós, porque elles foram pobres? Esses velhos deixaram-se embair pela religião. Esta impoz-lhes o padre e o rei. Teus avós ficaram sendo ovelhas a subditos. Aos verdugos da coroa ajuntou-se o patrão, guarda-costa da igreja e do throno, e accrescentou aos braços de teus velhos mais o titulo de assalariados, depois que elles passaram pela escravidão e pela servidão. Padre, rei e patrão, abolido o chicote, conseguiram, pelo terror do inferno e da cadeia, que teus avós trabalhassem toda a vida para o céu. Em consequencia elles legaram-te a ignorancia e a miseria. Está explicada a tua historia.

Não queremos negar que o catholicismo trazia em seus flancos o socialismo em estado latente. A vida em commum dos primeiros christãos e os anathemas dos padres da igreja contra a riqueza o provam com eloquencia. Mas o catholicismo moderno collocou-se ao lado de teus algozes. Elle está tão afastado do Christo como tu estás do anthropophago da idade da pedra.

Tens de combater tres inimigos; a sacerstia, o capital e o quartel. O primeiro é a noite, o segundo é a fome, o terceiro é a morte. Mas não caias na tolice da bomba de dynamite. Os governos mandar-te-iam fuzilar com applausos da população ordeira. O teu plano de combate está traçado pela *Constituição*. Tens de começar frequentando o nosso club e lendo a nossa revista. Convencido da doutrina que pregamos, engrossaras as fileiras do socialismo, para nos auxiliardes a conquistarmos posições na politica. Quando formos poder, ja se sabe . . . nem padre, nem capitalista, nem general. E, com a retirada para a reserva desses capitães — mores, deixarás de ser ovelha, subdito e assalariado.

Não concordas? A escravidão não foi extincta. Ella tomou outras formas. Escravidão, servidão,



proletariado são fôrmas diversas do captivo. Hontem como hoje domina-te o capital. Pouco importa que o represente o patricio romano, o senhor feudal ou o capitalista moderno. Não queres quebrar os taes grilhões? Olha teus filhos. Será grande crime deixal-os captivos do capital. Elles te reproduzirão; seguirão a tua trilha miseravel.

Benzenz-te? Por ventura esperas alguma cousa da religião? Pobre besta! O papa, o rei e o capitalista estão de mãos dadas para te explorarem em proveito da igreja, do throno e da fabrica. Formaram uma Santa-Alliança. Deixa-te de medo. A melhor religião é a que dispõe o homem a bem servir aos semelhantes. E, para tanto, elle precisa de ter os meios materiaes de o fazer. Com a tua ignorancia e a tua pobreza, não conseguirás a felicidade de teus filhos, nem a de teus amigos, nem a de teus companheiros de infortunio. A vida da terra importa mais a tua salvação.

O padre ensina-te a humildade: Tartufo! Ensina-te o que não practica. A humildade diante do oppressor é a escrayisação do homem. Deyez-te rebellar contra toda a especie de oppressão. O capitalista fala-te de economia. Mas elle não deixa de comer presunto e beber vinho do Porto. Aconselha-te a abstinencia para amontoar riquezas. Pois quanto menor for o teu salario, maior serão os seus lucros. O general ordena-te a disciplina. Ordena-te o morte. A disciplina dos quartéis é uma ameaça á civilisação.

Substitue a sacristia pela escola, o quartel pela officina, a fabrica pela associação. Terás o saber, a paz, a abundancia. Não serás mais a victima do fanatismo religioso, da espoliação capitalista, do servilismo militar.

Examinemos mais de perto a tua situação. Occupas logar subalterno nas minas, nas fazendas, nas fabricas, nos grandes estabelecimentos commerciaes, conforme és mizeiro, lavrador, tecelão ou caixeiro. O benefício nos diversos ramos da industria é para o capitalista. Si fosses socio em vez de empregado, só sahirias com o bolso vasio? O teu esforço, portanto, reduz-se a eliminar de toda a empreza em que te met-

teres — da industria extractiva, agricola, manufactureira ou commercial — o capitalista, esse vampiro que te esgota a vida. Onde arranjarás capital para te estabeleceres por conta propria? Não se trata aqui de multiplicar as fabricas de espoliação do trabalho. O contra veneno do capitalismo é o socialismo. Este ha de crear por toda a parte a associação. Na associação occuparás o logar de socio e não de empregado.

Ha o trabalho nervoso — da cabeça, e o trabalho muscular — dos braços. O primeiro é privilegio de teus oppressores e o segundo é a tua palma de martyrio. Não ha razão seria para que os representantes do trabalho nervoso gozem das vantagens que não tens. Os productores directos formam a base do edificio social. Trabalho nervoso e trabalho muscular hão de ser annivelados pelo socialismo. Elle proclama a justiça social.

Dizem os teus oppressores que não tens habilidade para fazeres prosperar as associações. Na opinião desses senhores só tens geito para besta de carga. Responde-lhes que a participação aos beneficios, as sociedades anonymas e as cooperativas, tão em voga, estão fazendo a tua educação, estão-te preparando para gerires os teus negocios.

Mas lembra-te sempre que o socialismo não é só uma questão de ventre. O teu bem-estar material, que o socialismo procura, deve ser em proveito de teu progresso moral. A nossa aspiração é construir na terra o paraizo transportado ao céu. Queremos mudar instintos de chumbo em sentimentos de ouro.

Não te deves arrecear da luta. Ella não é tão rude como parece. Não precisamos deitar os bofes pela bocca para chegarmos á solução do problema economico. O socialismo é uma fatalidade historica. Ha de vir com o tempo. Apressemos, entretanto, a sua vinda. Pouparemos deste modo maior numero de victimas do capitalismo.

Tens medo da tua insufficiencia intellectual? Pobre homem! Ainda acreditas no merito dos litteratos! Estes passam a vida penteando a phrase ou elogiando as damas. A fôrma e a cupidez são as occupações favoritas desses ca-



malhas. Nem. Tens animo e criterio. E' quanta basta para a victoria de tua causa.

[ A questão social é muito complexa. Não podemos apresental-a num artigo, em todos os seus detalhes. Si quizeres seguir o nosso pensamento, lê a nossa revista, o porta-voz do „Centro Socialista“ de Santos. Prevenimos-te, entretanto, que, apesar de combatermos com energia a organização economica da actualidade, não somos inimigos rancorosos do capitalismo. Este teve o seu papel historico. O capitalismo preparou o socialismo, absorvendo a pequena propriedade dividida pelo maior numero. Prevenimos-te, outrossim, que usaremos da maior descripção em nossa propaganda. Não queremos ser filados pela policia. Somos antes de tudo boas pessoas. Não sahimos á rua erguer barricadas. Expomos doutrinas. A revolta, por um golpe de estado, não daria ao obreiro, sahido da escravidão, os habitos de moralidade necesarios ao regimen socialista. Não somos revolucionarios. Somos reformistas.

Animam-nos as boas intenções. A elevação moral dos desherdados, como consequencia do seu bem-estar material, eis o que buscamos com tanto entusiasmo, sacrificando o nosso descanso e o nosso interesse. Auxilia-nos nesta obra de redempção. O nosso destino é destacar a estrada do futuro.

CARLOS DE ESCOBAR.

#### Definições preliminares

Mermex, em seu excellente livro — „La Franco Socialiste“ — insiste na necessidade de precisar bem o sentido de certos termos, a que os socialistas deram significação restricta. Escripito de boa fé, como elle proprio confessa, começa pelas seguintes definições cuja clareza é necessaria á boa comprehensão da questão social:

1.ª „Natureza é o conjunto de todas as cousas que existem, sem que tenham sido produzidas por ninguém.

N'esta cathogoria estão a terra e todas as forças naturaes (solo, sub-solo, florestas, plantas, animaes-oceanos, atmosphera, toda a natureza, em summa

2.ª Trabalho é o esforço de homem no intuito do accommodar a seu uso a materia e as forças naturaes.

3.ª Capital é a reunião dos meios de producção naturaes e artificiaes: materias primas, utensilios, machinas, fabricas, meios de transporte e de circulação.

Tudo que pode ser utilizado pelo trabalho do homem no sentido de servir a suas necessidades chama-se capital.

Na terminologia socialista comprehende tambem: descobertas, invenções, applicações á industria das

forças naturaes, creadas pela humanidade, em todas as epochas.

4.ª Riqueza é constituída pela accumulacão dos productos do trabalho.

Assim, a machina de fabricar latas de sardinhas representa um capital: cem mil latas de sardinhas, uma riqueza.

5.ª Capitalista é todo aquelle que detem meios de trabalho: Terra, utensilios ou machinas.

6.ª Trabalhador ou proletario, ou operario é todo aquelle que, mediante um salario, põe em accão o capital de outrem, isto é, que empregou sua força de trabalho em produzir, com os meios de producção que lhe fornece o capitalista, uma riqueza que não lhe pertence integralmente, vista que elle terá somente uma parte, tendo a outra o capitalista.

7.ª E' capitalista quem tira proveito do trabalho alheio.

8.ª Burguez é synonymo de capitalista, como proletario é de trabalhador.

9.ª Todo aquelle que trabalha mediante salario pago por outra pessoa, é trabalhador.

O engenheiro que percebe cincoenta mil francos de salario, pagos por uma sociedade de minas, não é capitalista: é trabalhador assalariado, da mesma maneira que o mineiro que ganha somente cinco francos diarios.

10.ª E' explorado todo assalariado, pois o patrão retira para si uma parte do producto do seu trabalho.

#### Notas socialistas

Quando Malthus faia daquelles para os quaes não ha logar no banquete da vida, e cuja eliminacão a natureza não tarda a operar, applica como principio a theoria da luta pela existencia.

O christianismo estende a mão aos desgraçados e pede um logar para os desherdados.

Darwinismo e economismo lhes dizem que são de mais e que só lhes resta desaparecerem.

O darwinismo inclina-se diante do facto em nome das leis naturaes e da necessidade. Em nome do ideal, o christianismo insurge-se contra este facto que pretende submitter ás prescripções da razão e da equidade.

#### Laveleye „Le socialisme Contemporain“

—o—

A febre das espucalações tudo invade: a luta inclemente substituaie á emulacão fecunda, a pequena industria é aniquilada, o trabalho profissional cae em desfallecimento; os salarios perdem o valor, o explorado sente germinar em seu coração um odio implacavel e o unico asylo e soccorro que restam, são a resistencia e a guerra.

Idem

—o—

O defeito da situação actual provem do antagonismo que existe entre o capital e o trabalho.

Mas, se o mesmo individuo for, ao mesmo tempo, capitalista e trabalhador, a harmonia forçosamente se estabelecerá.

Que o assalariado actual, chegue a possuir uma parte da usina, da herdade, da estrada de ferro, da mina, onde é empregado, recebendo uma quota do lucro.

A guerra entre classes cessará, uma vez que só haverá uma, todo o capitalista trabalhando e todo trabalhador possuindo um capital.

O desigmo final é pois fazer passar todos os instrumentos de produção para as mãos das sociedades cooperativas, afim de restabelecer, na grande industria moderna, uma organização de trabalho semelhante ás corporações de misteres da idade media

*Idem.*

Alguns grupos sectarios têm tentado restringir a divisa da *Internacional*: *A independencia dos trabalhadores deve ser o resultado de seu proprio trabalho*, pretendendo excluir das organizações proletarias todos que não sejam operarios manuaes: não obstante, não tiveram imitadores e não consta que tenham respondido a esta irrefutavel argumentação de Julio Guesde: «Retirae dos partidos operarios os elementos mais particularmente cerebraes, reduzi-os unicamente a associações de operarios manufactureiros, e as suas conquistas se limitarão a rebeliões, que, mesmo victoriosas, serão estereis.»

B. MALON—LUNDIS SOCIALISTE.

A iniquidade economica é a mais atroz, mas não é a unica a combater. O socialismo deve combater todos os males sociaes e moraes, e por fim não só a exploração do homem pelo homem, todas as oppressões e injustiças, mas ainda t. da sorte de egoismo, toda a severidade nociva, e por consequencia todos os sofrimentos evitaveis.

*Idem.*

O socialismo é a Humanidade em caminho de uma civilização superior, levando nas dobrás de seu manto constellado, collectivamente, todas as esperanças de libertação e de justiça para os opprimidos e explorados, assim como todas as altas aspirações mentaes, sentimentaes e estheticas da alma humana.

*Idem.*

Que pensaes vós, mulheres intelligentes? E' sobre tudo á vossa attenção que me dirijo. Vos disseram que o socialismo tem em vista vos rebaixar; mentiram— Sois vós quem mais proveitos terá com a nova ordem social, vós que na sociedade actual sois civilmente subordinadas, politicamente menores, conjugalmente

escravizadas e economicamente mais prejudicadas, mais extenuadas e mais exploradas ainda do que os trabalhadores, sem falar dos insondaveis sofrimentos da prostituição, que tocam ás mais desgraçadas de vossas irmãs, sem falar no deprimimento e debilitante celibato, a que são condemnadas as mais dignas d'entre vós, por não serem ricas.

O socialismo vos livrará de todos esses males: vinde pois a este supremo consolador, a este poderoso renovador, que, a cada ser humano, quer dar a vida farta, no saber, na excellencia moral, no bem estar, na justiça e no amor!

*Idem.*

Seremos nós tão culpaveis por querermos a suppressão da guerra e a abolição da exploração do homem pelo homem, a paz internacional e a fraternidade social?

*Idem.*

## NOTICIARIO

CENTRO SOCIALISTA — A sua curta existencia, de mezes apenas, assignala-se por commettimentos de real proveito á causa do proletario.

O *Centro*, em tres mezas, realisou doze conferencias, despertou a attenção do publico, organisou uma bibliotheca e fundou esta revista. Publicamos em seguida o seu regimento interno.

### Regimento interno do Centrè socialista de Santos

Art. 1.º O *Centro socialista*, destinado á propáganda do socialismo, compõe-se de cidadãos emancipados, sem distincção de nacionalidade, nem de sexo, nem de profissão.

Art. 2.º São socios todos os que se assignarem num livro especial do *Centro*.

§ unico. O *Centro* admite a cooperação dos que sympathisarem com a sua causa, embora não estejam inscriptos como socios, por motivos alheios á vontade propria.

Art. 3.º O *Centro* tem uma directoria, composta de tres membros, eleitos annualmente por maioria de votos.

§ unico. Esta directoria escolherá entre os membros do *Centro* um secretario e um thezoureiro.



Art. 4.º Fica á directoria o dever de instituir conferencias de propaganda, organizar bibliotheca, fundar revista e crear escolas para o operario.

Art. 5.º A directoria providenciará no sentido de serem organisadas cooperativas que melhorem a vida da classe proletaria.

Art. 6.º O Centro organisará um partido que conquiste, por meio das urnas, as reformas na legislação municipal, estadual e federal, necessarias ao progresso da collectividade.

Art. 7.º Os socios do Centro poderão retirar livros da bibliotheca, pelo prazo de trinta dias, assignando o registo de sahidas, apresentado pelo secretario.

Art. 8.º Cada socio, para as despesas da propaganda, pagará segundo as suas posses.

§ unico. Haverá rateio entre os socios para as despesas extraordinarias.

Art. 9.º Nenhuma despza será paga sem o «cumpra-se» da directoria, assignado por todos os seus membros.

Art. 10.º A directoria apresentará, no fim do anno, aos socios, reunidos em assembleia, relatório do movimento do Centro.

Art. 11.º Será punido com a pena de eliminação o socio que se mostrar avesso ao socialismo.

§ unico. A eliminação será resolvida em assembleia de socios, convocada pela directoria.

Foram eleitos directores do Centro os srs. dr. Silverio Fontes, dr. Soter de Araujo e Carlos de Escobar.

O Centro funciona, todas as noites, das 7 horas em diante, á Praça da Republica, 48.

#### A entrada é franca.

O NOSSO MANIFESTO. — Collaborará no manifesto que havemos de dirigir as classes laboriosas do paiz, o distincto companheiro dr. Vicente de Souza, da Capital Federal.

À NOSSA BIBLIOTHECA. — Os companheiros do paiz ou do estrangeiro, que quizerem enriquecer as nossos collecções, dignem-se enyiar-nos pelo correio os seus presentes de livros pró ou contra o socialismo.

A IMPRENSA. — Permutamos a nossa revista com todos os collegas.

QUE É O SOCIALISMO. — Está no prelo este folheto de nosso companheiro Carlos de Escobar.

São editores os srs. Mattos & C., a 1\$000 o exemplar, para pagamento de impressão, ao mais tardar até principio de Outubro.

QUINTA ESSENCIA DO SOCIALISMO. — O nosso companheiro Lima Cortes, professor de linguas,

traduziu esta obra de Schaeffle, antigo ministro das fincas na Austria.

É o collectivismo exposto e discutido de modo scientifico, na opinão de Laveleye, o autor do livro classico „*De la propriété et de ses formes primitives*“.

Como é pequena a obra de Schaeffle, resolvemos publical-a nesta revista.

## A QUINTA ESSENCIA DO SOCIALISMO

POR

A. F. Schaeffle

Traduzido do allemão para francez por Benoit Malon  
e do francez para portuguez por

J. F. LIMA CORTES

### CAPITULO I.

Primeiro esboço da ideia fundamental do socialismo.

Desde as ultimas eleições do Reichstag allemão (1874), o «espectro vermelho» fez sua apparição até nas mais infimas tavernas; mas o que ha de curioso, é que a quintaessencia e o fim da propaganda socialista são quasi desconhecidos ainda, e isto não só no mundo dos polittiqueiros de lotequim, mas tambem nas camadas das classes possuidoras e instruidas, e até entre os partidarios socialistas.

Estamos mesmo a nos convencer todos os dias de que uma massa de concepções falsas, de esperanças e de apprehensões exageradas de todo genero se espalham a propósito do socialismo.

Os inimigos e os desprezadores do socialismo e tambem os innumeráveis crentes do novo Evangelho não fizeram, mesmo parcialmente, uma ideia justa da cousa que elles tomem, abominam ou desprezam, ou que elevam até as nuvens.

Neste estado de confusão, em que se acha a opinião publica, a cousa mais necessaria é certamente ter-se um conhecimento preciso da natureza e do fim da reorganização socialista e sobretudo dissipar as concepções falsas e as ignorancias que envolvem este grave assumpto. Tal é o fim da presente *Quintaessencia do socialismo*.

Por uma exposição mui clara desta questão, esperamos obrigar um certo numero de leitores dos *Deutsche Blätter*, quando mesmo ficassem desagradavelmente sorprendidos pelo proprio assumpto.

Crems ao menos esclarecer a questão social por um estudo geral e sobretudo isento de prejuizos.

Si nos enganamos, ao menos a illusão é involuntaria.

A verdade antes de tudo.

Isto posto, entremos no movimento social.

7

1. Observemos primeiro que tudo o principio economico do socialismo afastando primeiro ao lado passageiramente agitador, seus phenomenos e tendencias religiosas e politicas e suas senhas de applicação provisoria:

E' fóra de duvida que se trata aqui duma questão economica; e ao menos em primeiro logar uma questão do estomago.

2. Esta questão e o producto d'uma mudança fundamental na organização da transformação social da materia (ou produção em geral), isto é, d'um phenomeno economico saído do desmoronamento do systema industrial burguez em pequena escala (petit bourgeois), e por conseguinte o fim do movimento socialista é, antes de tudo, uma transformação fundamental da economia social actual. Todos convém neste finalmente.

3. Eis em sua substancia o programma do socialismo e o verdadeiro fim do movimento socialista internacional.

Substituição do *Capital* privado — isto é, do modo de produção especulador privado, sem outra regra social que a livre concorrência — pelo *Capital* colectivo, isto é, pôrem modo de produção que, fundado sobre a *possessão colectiva* de todos os meios de produção por todos os membros da sociedade, produziria uma organização mais unificada, social, colectiva, do trabalho nacional.

Este modo de produção „collectivista“ suprimiria a concorrência actual collocando as partes da produção das riquezas que podem ser executadas collectivamente (socialmente, cooperativamente) sob a direcção das organizações profissionais e effectuando sob esta mesma direcção a *repartição dos productos communs* (sociaes) de todos por todos, em razão do valor de uso social do trabalho de cada um.

Por mais divergentes e confusos que pareçam estes meios aos agitadores socialistas, isolados, tal é, reduzido á sua mais simples expressão, o fim do socialismo contemporaneo.

4. No Estado capitalista actual, quem quer que possue um capital faz livremente toda empreza de qualquer com uma parte da produção nacional, isto em seu interesse particular, e não soffre uma influencia social qualquer sinão pela reacção hydrostatica por assim dizer, de todos os outros concorrentes, que estão como elle, á procura do ganho.

No Estado socialista, pelo contrario, os meios de organizar toda produção e toda circulação de riqueza (isto é o *Capital*, a somma dos meios de produção), seriam a propriedade commum da sociedade cujos órgãos collectivos de uma parte coordenariam todas as forças separadas do trabalho para fundilas na organização do trabalho colectivo, e, de outra parte distribuiriam todos os productos desta cooperação social pelo prorata do trabalho de cada um. Consequentemente, não haveria mais nem negocios privados, nem emprezas privadas, mas só o trabalho colectivo de todos um estabelecimento de produção e da permuta socialmente organizados com o capital

collectivo. As relações de ganho (para os capitalistas) e de salariado (para os operarios) seriam abolidas.

Os trabalhadores receberiam emolumentos em razão de seu trabalho.

Os meios necessarios para cada genero de produção deveriam ser fixados pela investigação official e continua das administrações da venda e pelos commissões directoras da produção. A industria social se regularia sobre estas determinações. O deficit ou acrescimo occasional dos productos seria balanceado, de tempos em tempos, relativamente ás necessidades por uma somma de reserva nos armazens que tornar-se-iam verdadeiros *emporios publicos*.

Tal é incontestavelmente e tomado em seu sentido mais geral o collectivismo, opposto ao capitalismo; tal é a quintaessencia da organização social do trabalho, opposto a esta „concorrência anarchica“ actual que, segundo os socialistas, em lugar de exercer uma função social, unificada e consciente, da produção e da circulação das riquezas, não passa de um jogo e em combate de concorrentes lutando para terem uma maior parte no despojo.

Os chefes do movimento internacionalista, e notadamente Karl Marx, em sua obra principal, a *Capital*, obra de mordente critica e de um incontestavel poder de precisão, tão mui prudentes nas manifestações de seu programma positivo ellas quem sabe ler e pensar considerará com razão as ideias referidas por nós mais acima como tendo a base e o fim do socialismo. Isto resulta da larga critica dos socialistas contra a organização capitalista e individualista actual da economia politica. Isto depende tambem dos theoremas da sciencia socialista sobre o trabalho considerado como substancia de todo valor e dos riquezas, e dos mesmos theoremas sobre a futura repartição das rendas privadas, regulado pelo tempo de trabalho que cada um terá dado á produção social e sobre a abolição do numerario, etc.

Emfim, pode-se tirar a mesma conclusão dos programas positivos da organização socialista nova da economia politica conforme estes programas foram desenvolvidos ou mencionados pelos pensadores do partido. Uma ideia domina estes programas em sua parte critica como em sua parte dogmatica: *Propriedade Collectiva* em logar de *propriedade privada* de todos os meios da produção (bens de raiz, officinas, maquinas, ferramentas, etc.); substituição da concorrência capitalista sem unidade pela organização social do trabalho, isto é corporação, e direcção social dos estabelecimentos privados pela organização da produção; divisão publica do trabalho commum sobre a base da possessão colectiva por todos de todo material do trabalho social; emfim a repartição dos productos collectivos de todo genero com os trabalhadores, na razão da quantidade e do valor de seu trabalho.

6. Os produtores tornados individualmente não passariam de *trabalhadores* (e não capitalistas); porquanto os meios da produção (ou capitães) não seriam mais appropriaveis individualmente; todos os produtores trabalhariam servindo-se dos meios de produção da comunidade: não seriam pois empreiteiros parti-



culares, nem os assalariados de um empregado privado, mas trabalhadores *profissionais* eguaes, tendo deveres *immediatos* para com a sociedade e remunerados por ella.

Por conseguinte, contecer-se-ia mais esta distincção fundamental, dos *rendas* privadas duma parte como lucro (quota eventual dos interesses tirados pelos capitalistas sobre os lucros dos devedores) e doutra parte como *salario*; mas todas as rendas representariam regularmente o equivalente da parte directa que cada um teve na produção nacional (isto é, que seriam as rendas do trabalho *exclusivamente*), e em razão da quantidade e da qualidade deste mesmo trabalho.

Os que prestassem á sociedade serviços de utilidade geral, isto é os que não produzissem directamente, taes como os juizes, os empregados de administração, os membros do corpo docente, os artistas, os pensadores, etc., receberiam, para fazerem face ás suas necessidades, uma parte do producto nacional, proporcional ao tempo de trabalho que teriam prestado á sociedade.

7. O leitor que nunca estudou bem este plano de reorganização terá muita dificuldade em comprehendello; nós mesmos gastamos annos para delle nos penetrar.

E todavia estas idéias têm já um partido, que o torna superior a muitos outros partidos por seu zelo ardente, seu enthusiasmo e uma fé que transporta as montanhas. O partido socialista tem uma organização particular, uma extensão internacional; faz todos os dias mais proselytas e olha para o futuro com a certeza da victoria.

Eis porque é urgente a todo mundo penetrar nesta ordem de idéas opposta á organização social actual, pelo menos bastante longe para comprehender seu adversario.

Tereñois pois que explicar mais claramente os principios fundamentais do socialismo exposta acima, por algumas considerações mais estensas.

8. Para combater um adversario importante, duma maneira efficaç, é preciso primeiro conhecer exactamente, imparcialmente, sinceramente, si se pode assim falar, que *quer* este adversario e o que, segundo seus principios, *elle deve querer*.

Mas para chegar a esse ponto, não é preciso tomar por bases as loucuras subjectivas de algumas cabeças esquentadas; estas elocubrações não são senão um accessorio e não uma emanação necessaria do principio fundamental. Convém ter em conta o que deriva necessariamente do principio, *a formulação mais logica e mais sensata que se possa formar da nova ideia*.

Isto agora é tanto mais facil quanto não será d'aqui a alguns annos que a *nova fé dos trabalhadores* vai se realisar.

Por nossa parte, é neste sentido, tão objectivo quanto possivel, e cortando os accessorios pouco importantes que tentamos apresentar a ideia socialista. Convém confessar que neste ensaio de exposição, ab-

solutamente intuitivo, da *ordem positiva* meditada pelo socialismo, encontram-se grandes difficuldades immediatas.

Uma serie de mots d'ordre suchas emitidas pelos oradores secundarios só tem uma significação agitadora passagiera e são o producto de um momento dado de agitação; não fazem parte dos dados determinantes (*maassgebenden Catechismus*) do socialismo.

Os velhos planos de reorganização fantastica do Carlos Fourier e outros innovadores, bem que contenham em suas exposições todas as ideias fundamentais do socialismo contemporaneo, todavia não constituem mais o programma deste ultimo.

O Collectivismo agitador da nossa epocha é sem duvida alguma muito mais razoavel. Não se encontram allí mais as imaginações fourieristas e saint-simonianas bem que os chefes mais influentes não se deem inteiramente conta de si. Nello não se transigiu muito com os principios do individualismo e do liberalismo economico.

O proprio Lassalle agia assim em todas as proposições positivas, de sorte que Karl Marx repellio ás ditas proposições; por exemplo, *associações productivas* abonados pelo Estado.

9. Quanto aos fins positivos, como elles devirão da transformação dos numerosos capitales privados em um capital social, propriedade collectiva de todos os membros da sociedade, os agitadores mais consciétes de seus fins, e notadamente Karl Marx, não se pronunciam sinão com uma extrema prudencia e com uma politica sabedoria. Sabem porque agem assim.

Nenhum delles duvida que a agitação pela nova ordem collectivista esteja ainda bem longe de sua realisação; sabem que esta agitação está num periodo de começo em que se trata sobre tudo da negação e da critica da ordem social existente e a despertar geral da consciéncia das massas por palavras sorprendentes. Sabem muito bem que o modo produção actual deve ser tocado á suas ultimas consequências praticas, isto é, á completa absorção da pequena propriedade e ter assim quasi executado a divisão plutocratica da população em uma massa de proletarios duma parte e em um punhado de alguns grandes ricacos da outra parte, antes que as massas populares e notadamente os camponezes e os pequenos burguezes possam chegar ao principio do collectivismo.

(Continuação)



Tudo isto é um ponto de vista, no ponto de vista das ideias actuaes, porquanto diversos estabelecimentos de transportes são já publicos e centralizados, como por exemplo os correios e os telegraphos, assim como uma parte dos caminhos de ferro.

Quasi todo mundo está satisfeito neste ponto.

Continua

## “REFORMADOR”

Escreve este organ de propaganda espirita

«A Questão Social» — Sob este titulo fomos brindados pelo Centro Socialista da cidade de Santos com o primeiro numero de um jornal que, como seu organ, acaba de vir a luz.

Escrepto em linguagem ao alcance de todas as intelligencias, como convém a uma revista desta natureza, «A Questão Social» vem batalhar pela causa do proletariado, propondo-se esclarecel-o, atrahil-o para a organização de suas forças dispersas e ajudando-a a preparar-se para o advento da reforma social que, tenta emborá, ha de vir, facilmente tomar o seu lugar na ordem das conquistas com a que a gerção actual vive accostumada a malferir a civilisacão.

O advento do socialismo, tal como o traçou em fundamentos eternos, no seu primeiro numero, «A Questão Social», é uma necessidade que se impõe com a força de um curso razoveis.

Que felizes não sermos nós de dar ao mundo o exemplo da prioridade na adopção de uma medida que é em todos os paises uma legitima aspiração das classes opprimidas no velho mundo, por exemplo, que chegam a produzir esses hediondos attentados do dynamitismo, que são uma contradita palpitante da doçura que devera revestir a civilisacão actual!

Nos que demos o exemplo fecundo da inercuente abolição do throno e do escavo, demos tambem o exemplo que completa essas gloriosas conquistas, da pratica do socialismo, por via da evolução.

Nem salario, nem exploração. Seja a remuneração proporcionada á somma do trabalho. Que haverá mais justo do que isto?

Depois venha a libertação das consciencias pelo livre exame, que é o nosso lema. E a humanidade prosiguirá desassombrada e satisfeita, com passo firme pela senda do progresso material.

Um bravo aos denodados reformadores.

E que estas expressões, levando-lhes o testemunho de nossa communião de ideias, lhes signifiquem tambem os nossos cordiaes votos pela sua prosperidade e pela rapida victoria da Santa causa porque se batem.»

(Não nos admira que pensis deste modo os discipulos de Allan-Kardec. O espiritismo é uma crenga racional, baseada em dados scientificos, comprovada pela historia de todos os povos. O seu dogma é o progresso indefinido, o seu culto é as artes, o seu templo é a natureza, os seus sacerdotes são os homens virtuozos e justos.)

Alguns espiritas, ainda sob a influencia do catholicismo, sustentam lo que os planetas de provações, admittem que a influencia ea miséria são fataes para o bem do homem. Mas esses espiritas esquecem-se do que depende de nós transformarmos a Terra em mundo regenerador. Allan-Kardec ensina que os planetas estão submettidos á lei do progresso.

Mirem-se neste espelho os espiritas defensores do capitalismo.

Carlos de A. Bar.



A Questão Social nº 05  
15/NOV 1895



# A Questão Social

ORGAM DO CENTRO SOCIALISTA

Um por todos e todos por um

ANNO I	SANTOS	Publicação Quinzenal	BRAZ. L.	NUM. 7
--------	--------	----------------------	----------	--------

## Directores

Silverio Fontes, Soter de Araujo e  
Carlos de Escobar

## Assignaturas

Serie de 24 numeros. . . . . 3\$000  
Numero avulso. . . . . 200

## ESCRITORIO

15-Praça da Republica-15

15 de Dezembro de 1895.

## DOCTRINA SOCIALISTA

Sobre tres planos superpostos á consciencia, á vontade e á liberdade do maior numero e dos mais laboriosos, repousa o actual edificio politico-social das nações européas e americanas. Não vaidosamente ciosas dos foros de livres e adiantadas.

Esses planos — *propriedade reconhecida, exercitios permanentes, impostos e taxas lançadas pelo legislador e pelo executor*, servem de apoio a toda monstruosidade politica, social, economica e moral, das quaes resulta, em ultima razão, a existencia nacional dos povos contemporaneos com este seculo.

Duas classes oppoem-se uma á outra e, por astucia e insidias da menos numerosa, da exploradora, da indolente, submettida e subjugada está a mais numerosa, a explorada, a laboriosa e activa; a verdadeira e real productora.

Por indiscutivel absurdo, os que operam, os que dedicam-se a diuturnos labores, aceitam passivamente, convencidamente, a sua propria exclusão do meio social, onde, desdobra-se o bem estar material, a tranquillidade mental dos que . . . aprenderam a ordenar, a mandar fazer e a ser obedevidos.

Nos decursos seculares que se vão escoando, a observação dos factos sociais é o criterio da analyse,

que se impõe, irreductivel: duas classes verdadeiramente compoem as nações modernas: a dos *explo-dores* e a dos *explorados*.

Pertencem á primeira monarchias e olygarchas, os plutocratas e os *politicos*, industriaes de governação e dominio, sejam o prolongamento derivado dos thronos; seja o representante da falsa democracia, adornada com o titulo vão de Republica.

Excluida a natureza do poder hereditario e perpetuado nas familias reinantes e, em algumas monarchias tradicionaes, a perpetuidade e a herança dos titulos nobiliarchicos, a monarchia é a *alma parens* das *republicas politicas*, que dellas guardam os moldes politicos, financeiros e militares, confundem-se.

E, quando esmagados com a comparação com a forma monarchica, os *democratas* republicanos buscam algum phenomeno diferencial delles; para os substitutos das magestades, longe de encontral-o, sentem inilludivel a redução.

Supprimem a aristocracia herdada; annullam, por pactos e constituições, a vangloria nobiliarchica . . . chegam á Republica burgueza, á aristocracia brutal do capital: ao dominio da riqueza de alguns sobre milhares e milhares de outros homens.

Supprimem-se as cortes e os sequitos; mas logo appellam para os ministros, para os parlamentos, para as autoridades *eleitas e constituídas*, e tudo isso rodeado e bem apoiado no symbolismo.

E essa ligação inquebravel do *principio da autoridade e da encarnação da lei*, com as formulas que as representam, produz o *symbolismo*, que é o mesmo ou semelhante nos palacios dos presidentes da Republica e nos paços dos Reis; nas casas militares e nos sequitos reaes e nas casas militares e civis dos chefes dos Estados Republicanos.

E porque as monarchias e as republicas são o *direito de propriedade, os impostos, a força armada*, trazida a serviço obrigatorio e a obediencia passiva, e a lei até a *pena de morte e o exilio*; por mais que busquem os industriaes, que professam a manipulação dos Estados monarchicos ou republicanos, nada encontram que os torne realmente *adversos* aos seus *adversarios*.

Por vezes a grande massa opprimida e explorada tem reagido; mas sempre illudida, vendo a sua fe-

Ilustração 10: texto "Doutrina Socialista" de Vicente de Souza – *A Questão Social* 15/12/1895 número 7 p.1 / Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP



## A QUESTÃO SOCIAL

trahida por aquelles a que se confiára; vencida pela colligação dos que se não cansam de explorar e de absorver em seus interesses a actividade e o producto de muitos, resolve ella ao seu papel de gado humano, utilizado até a morte pelos astutos e pelos ambizes.

Dois factos cumulum provas historicas: na esphera espirital e no terreno social e politico.

São elles: a Reforma annunciada por Lutero e a Revolução Franceza de 1789.

E ambos esses brados revolucionarios, -- um que promettia *libertar do duplo yugo a consciencia dos povos*; outro que *proclama a liberdade, igualdade e fraternidade* --, nem um desses brados foi seguido da realidade prenunciada.

Decorreu dali, dessa falha dos effeitos de dois dos maiores feitos revolucionarios, que para a doutrina social, na sua natural tendencia á conquista de liberdade, não houve alteração benéfica; não houve solução favoravel.

E' forcoso, pois, recommençar hoje a lucta pela *liberdade*: abrindo os olhos a luz que permite bem ver o quadro social; tal qual elle é.

G. Palante, traduzindo da 4.ª edição de Th. Ziegler -- *A Questão Social é uma Questão Moral*, escreve: Ninguém dentre o povo desconhece a gravidade do momento historico; sómente as classes *dirigentes* se não apercebem delle.

« A *questão social* tornou-se uma especie de *tdro vermelho*, através do qual - o mundo contemporaneo encara a situação geral com todas as materias e todos os problemas cohesos com ella.

« Achamo-nos em estado critico, que absorve, necessariamente, todos os outros interesses, ou modela-os á sua imagem e que, como terrivel ameaça, impõe se á attenção dos mais cegos e dos mais indifferentes, obrigando-os a resolver.

« Os factos, ponto de partida da *Questão Social*, não são novos.

« Si não contemporaneos com os primeiros seculos do mundo, o são com a primeira civilização desenvolvida e historica.

« Acaba-se de reconhecer, por escripto de Aristoteles recentemente descoberto, que, em Athenas, antes de Solon, as causas da longa lucta entre o povo e a nobreza foram todas sociaes.

« Toda a propriedade do sólo, diz a *Politica dos Athenienses*, por Aristoteles, achava-se em poder de pequeno numero de ricos, aos quaes os camponezes empobrecidos sujeitavam-se e submettiam-se com suas mulheres e filhos.

Eram os *sextarios*; porque recebiam apenas a *sexta parte* da renda da terra, como salario pela cultura dos campos.

« Entregavam ao rico oppressor, ao *proprietario* das terras os cinco sextos e, quando retardavam-se no pagamento dessa imposição, pessoa e familia do culti-

vador passavam a ser propriedade do rico possuidor do sólo.

« Roma com as luctas dos Gracchos, a revolta dos escravos; a idade media, com as guerras dos camponezes, tiveram suas revoluções sociaes.

« Quanto mais poderoso e mais vasto; quanto mais profundo e mais radical é o movimento que, hoje, manifesta-se e actua?!

« Não vem com intuito de derrocar oppressões momentaneas; quer, sim, a transformação da civilização actual, a função da vida humana tal qual deve ser socialmente.

*Tudo ou nada!* Entre estes dois termos é que torna-se urgente a escolha.

(Continúa).

Rio, 6 de Dezembro de 1895.

VICENTE DE SOUZA.

## Vícios do Capitalismo

[ Tentamos expor, em linguagem ao alcance do povo, o systema de Max. Não é facil semelhante tarefa, porque temos de encontrar a cada passo com ideias novas, que não estão no dominio do publico, e por isso mesmo inteiramente ignoradas. A boa vontade, entretanto, nos dá esperanças de successo. Chamamos a attenção dos estudiosos para os nossos artigos. Seremos claro e conciso nesta exposição feita ao publico brasileiro.]

As condições de existencia do capitalismo são que certos homens monopolisem os meios de produção e outros só possuam os seus braços. Si não houvesse ricos e pobres, não existiria este monstro. Vê-se que o capitalismo é uma aberração social: exige que uns sejam ladrões e outros miseraveis.

Precisamos dar uma prova historica desta asserção. Não será difficil surprehendê-la nas colonias. O capitalismo encontra ali obstaculos quasi invenciveis, porque a maior parte dos trabalhadores são proprietarios pelo menos de terras; e uma das condições para a vida do monstro, como dissemos, é o misero do operario. A propria economia classica confessa que o capitalismo não se desenvolve nas colonias, enquanto são os colonos proprietarios.

A principio, o obreiro apresenta-se no mercado sem os meios de produção, mas possuindo um officio. Observamos ao leitor que denominamos meios de produção á terra, ás materias primas, ás materias auxiliares e ás machinas de toda a especie. O obreiro sabe todas as partes de seu officio, conhece o officio por inteiro. Mas, com o desenvolvimento da industria vem necessariamente a divisão manufactureira do trabalho, e depois de alguns annos, o nosso obreiro, em vez do officio completo, sabe apenas uma parte desse

Ilustração 11: texto "Doutrina Socialista" de Vicente de Souza – *A Questão Social* 15/12/1895 número 7 p.2 e texto de Carlos Escobar "Vícios do Capitalismo" / Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP



Ilustração 12: A Questão Social 15/12/1895 número 7 p.3 e texto de Carlos Escobar “Vícios do Capitalismo” / Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP







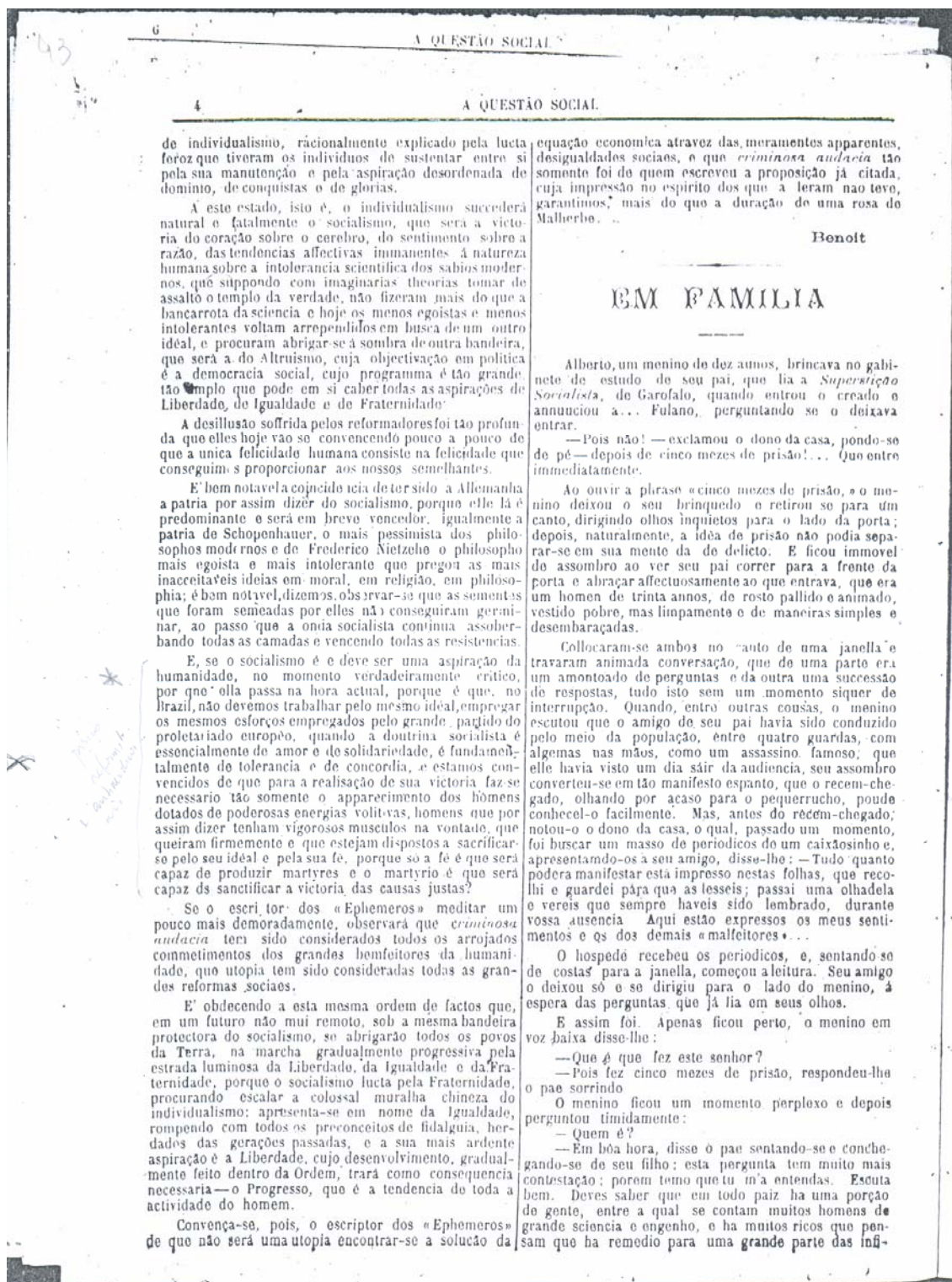


Ilustração 14: *A Questão Social* 18/03/1896 número 43 p.4 e texto de Benoit Malon "Contestando" / Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP

a religião, a seita que professais, em matéria de liberdade e de vantagens sociais e domésticas?

Sois o sereis, o rebanho dos poderosos que se dizem eleitos ou aclamados para o governo do mundo.

Roma, a capital catholica, impõe aos seus religiosos o poder infallível de seu pontífice; o protestantismo e o schisma oriental encarnam em seus monarcas a suprema representação religiosa e fazem delles o pontífice a que se deve obedecer, sem reflexão nem protesto; sem raciocínio e sem reacção.

Discuti, abraçai, transmitti as crencas mysticas; voltai-vos para vosso Deus e para vossas doutrinas, em quanto a sociedade burgueza nega-vos pão, vestuario, morada e meios de subsistir.

Reflecti bem que a religião que adoptastes tem principes e magnatas; tem senhores e poderosos, cujo encargo é prender e arrastar servilmente, atraz do carro triumphal dos pontífices, a massa dos explorados com as consciencias escurcidas pela ignorancia que se lhes impõe.

(Continúa.)

Vicente de Souza.

## " A Questão Social "

Envio

AO DR. SILVERIO FONTES

Meu Amigo

Desde o 6º numero, que recibo regularmente *A Questão Social*, interessante revista de propaganda socialista

Não sei mesmo quem lembrou-se do meu obscuro nome, para surpreender-me agradavelmente no meu retiro com esse jovem batalhador

Como vejo o seu nome na frente, tanto basta para, com os companheiros que o secundam na lida, a aspiração tornar-se realidade. Não sei se devo a meu amigo a gentileza da remessa dos quatro numeros recebidos.

Creia na satisfação que me causou tão bello mimo.

E como não ser assim, n'uma epoca como esta de exaltações para a patria, de desgraça para o povo, e de opprobrios para a presente geração?

Compreende que fallo do Brazil, levado ao saque pelos que dispõem dos seus destinos, e do povo, mais aviltado hoje e mais desgraçado do que nos tempos nefastos do Imperio.

Posso assim exprimir-me diante de quem conheço-me, por isso não pode acoirar-me de suspeito em favor da restauração.

Ella ahí vem, talvez menos liberal, porem mais loba, mais faminta, mais envilecedora do que no reinado do segundo Bragança.

Não ha nisto uma saudade do passado, nem um sonho de poeta.

Ha somente uma visão sinistra da realidade.

Republicanos de hontem, e republicanos de amanhã, não podemos honestamente sel-o do presente.

Continuaremos, pelo menos eu, no periodo do sonho, em quanto não finda a modorra, a bestialização do povo.

Temos um povo vassallo, o vassallo sem pretenções á dignidade.

Só tendo um povo rei, poderemos ter uma sociedade democratica.

E' este um facto capital.

Onde acharmos uma corda bastante grande e luminosa para uma cabeça sem luz?

Mais de que serve hoje a mentalidade em nosso paiz?

Eu fallei do povo, mas ha um elemento peior na estrutura social de nossa patria

Fallo dos que se collocam acima do povo por direitos de familia, de fortuna e sobretudo dos que mentem fallando em seu nome, — os homens de cerebração brilhante.

Destes, parte o desgraçado exemplo, a iniciativa nos crimes de lésa democracia, a corrupção que se avoluma e lastra de modo prodigioso, o veneno que mata o brio, o caracter, e o civismo popular.

Si o povo fosse capaz de um dia ajustar contas com alguém pelo que soffre, como nunca soffreu, e pelos males que opprimem como nunca opprimiram a infeliz patria victima do vandalismo politico, as nossas cabeças pensantes não achariam um refugio para escapar ao seu justo rancor, na hora suprema do desforço e da desforra.

Um exemplo. Dous terços de um grande parlamento, representado pelo escol nacional, os letrados e pergaminhados, turvam-se diante de um homem do merecimento local, tiram-no de um campanario e collocam-no acima da propria nação, só por ser afieçoado do chefe do Estado. Nada mais.

O minimo absorvendo o maximo, a illustração e o saber annullados, desgraçando o povo já sem lagrima para chorar, arruinando a patria e prostituindo o grande e sublime ideal da democracia contemporanea.

E' o caso de reflectir muito sobre tão estranho phenomeno.

Não podia apparecer em melhor oportunidade um jornal nas condições do — *A Questão Social*, uma vez que não se proponha a transigir com os bandos de especuladores, que vivem por toda parte a pescar em aguas turvas nas epocas eleitorais.

O nosso novo vale tão pouco como elemento propulsor do mechanismo social, tem se aviltado tanto, se tornado de tal modo ludibrio dos falsos prophetas, victima que beija os pés dos seus algozes, que faz desconfiar de sua constancia na luta pelos seus interesses, e sobretudo na dedicacão sincera aos seus melhores servidores.

A meu ver, a importancia que mereço a propaganda em favor do proletariado, em paiz como o nosso, não consiste tanto na aspiração europea de uma reforma radical de instituição governamental, como na reforma dos costumes, o que só se pode alcançar por meio de profunda transformação moral.

Sem isto, nada se conseguirá de positivo, senão estragar um bellissimo ideal.

Para conseguir encarnar o ideal no verdadeiro, ha mister de virtudes muito heroicas e mui lenta evolução.

Por enquanto, a propaganda, dirigida sob o pontão de vista scientifico, terá feito muito, operado prodigios, se obtiver nullificar as influencias malleficas, que, mentindo á democracia, se oppoem á *proclamação da Republica no Brazil*.

Digo assim, porque ainda não podemos tel-a, nem devemos *esperar-a*, em quanto c ntinuarmos de pé, e aos trabalhos, isto que por ahí anda mais indecente do que o passado regimen.

A missão do *A Questão Social*, como de todos os organos de propaganda das mesmas idéas, deve, por



enquanto, limitar-se a sanear o paiz, livrando-o destas miasmas, que os *historicos* tem sido os primeiros a espalhar em nosso ambiente social.

Fallo, como disse, como *historico*, que se envergouha do que fazem os companheiros na tribuna popular, no jornalismo, no parlamento, e em toda parte onde acham *adhesistas* sem escrúpulos a quem mandar.

Não se á, pois, transigindo com o meio actual, que achará guarida o ideal socialista.

Tal deve ser a orientação da propaganda nova, diante dos successos que se desenrolam em nosso scenario politico. Seguindo-a, continuarei a bater palmas e a animar essa propaganda, que tem á sua frente tão distinctos batalhadores.

Lima Júnior.

Sergyp (Villa Nova), Fevereiro de 96.

## A Religião do Capital

### 1.ª — Oração dominical

Capital, padre nosso, que sois d'este mundo Deus omnipotente, que mudaes o curso dos rios e perfuraes as montanhas, que separaes os continentes e unis as nações; creador das mercadorias e fonte da vida, que mandaes aos reis e aos subditos, aos patrões e aos assalariados; que o vosso reinado se estabeleça em toda a terra.

Dae-nos muitos compradores para as nossos mercadorias, tanto as boas como as ruins;

Dae-nos trabalhadores miseraveis, que accoitem sem revolta todos os trabalhos e se contentem com o mais vil salario;

Dae-nos tolos que acreditem em nossos prospectos;

Fazei com que nossos devedores paguem integralmente suas dividas e com que o Banco desconte nossos papeis;

Fazei com que as prisões nunca se abram para nós e desviae de nós a fallência;

Concedei-nos rendas perpetuas.

Amen.

### 2.ª — Saudação anglica

(Vive-Vive!)

Salvo, Miséria, que osmagaes e subjugaes o trabalhador, que dilaceraes suas entranhas pela fome, que o atormentaes infatigavelmente e o condemnaes a vender sua liberdade e sua vida por um bocado de pão; que abateis o espirito de revolta, que infligis ao productor, á sua mulher e á seus filhos, os trabalhos forçados das prisões capitalistas, salvo, Miséria, cheia de graças

Virgim santa, que creaes o juro do capitalismo; deusa terrivel que nos entregaes a classe vil dos assalariados, sede bendita,

Mãe terna e fecunda do supertrabalho, geratriz da renda, velae por nós e pelos nossos.

Amen.

### 3.ª — Credo

Creio no Capital que governa a materia e o espirito;

Creio no Juro, seu filho muito legitimo e no Credito, o Espirito Sancto, que d'elle procede e é adorado conjunctamente;

Creio no Ouro e na Prata, que alterados na Casa da Moeda, fundidos no cadinho e cunhados, reapparecem no mundo como Moeda Legal e que, por serem muito pesados, depois de ter circulado em toda a terra, ficam depositados nas burras do Banco, para resuscitar sob a forma de Papel-moeda;

Creio no rendimento de 6, 8, 10 e 12 por cento e na cotação authentica dos valores;

Creio no Grande Livro da Divida Publica, que garante o capital, livrando-o dos riscos do commercio, da industria e da usura;

Creio na Propriedade individual, fructo do trabalho alheio e em sua duração até o fim dos seculos;

Creio na necessidade da Miséria, providencia dos assalariados e mãe do supertrabalho;

Creio na Eternidade do Salarido, que livra o trabalhador das preoccupações da propriedade;

Creio na Prolongação do dia de trabalho e na Redução dos salarios;

Creio na Falsificação dos productos;

Creio no dogma sagrado: Comprar barato e vender caro; e igualmente creio nos principios eternos da nossa Santissima Igreja — A Economia Politica Olli etal

Amen.

Paulo Lafargue

## NOTICIARIO

Informa nos illustre confrade da Capital Federal que, em breve, se organisará O Centro Socialista do Brazil, de que farão parte muitos homens de letras, que, descrentes dos programmas da Republica Politica, estão dispostos a fazer causa commum com o proletariado na defeza dos elevados principios da Republica Social.

Applaudimos sinceramente a attitudo energica e digna que *O Paiz* vae mantendo na campanha em que se empenhou contra a prostituição, o logo e o roubo.

É um serviço relevantissimo que está prestando á nação a penna adamantina do illustre e benemerito redactor do grande orgão da imprensa fluminense.

O festejado escriptor Francisco Pacheco, que é u batalhador emérito contra o regime burguez tão cheio de preconceitos e de iniquidades, publicou no 2º número

# A Questão Social

ORGAM DO CENTRO SOCIALISTA

Um por todos e todos por um

ANNO I | SANTOS | Publicação Quinzenal | BRAZIL | NUM. 45

## Directores

Silverio Fontes, Soter de Araujo e

Carlos de Escobar

## Assignaturas

Serie de 24 numeros..... 52000

Numero avulso..... 2200

## ESCRITORIO

158-Rua General Camara 158

1º de Maio de 1896.

*Pour que sur l'univers règne  
la paix fronde,  
Et pour que le bonheur bientôt  
sourit à tous  
En ce jour solennel proleitaires  
du monde,  
Unissez-vous.*

JACQUES GENEUX.

Em todo o occidente se commemora hoje a esperança que o proletariado afaga de ver, em breve, reivindicados seus direitos a uma existencia farta e feliz.

Primeiro de Maio é a festa do trabalho, annuncia-dora de que vai surgir um estado de civilização superior ao creado pelo regimen burguez; de que o socialismo vem levantar o nivel economico, intellectual e moral das classes operarias.)

Data gloriosa, que pronuncia uma outra Renas-  
cença!

Mas que tarefa ingente, que longo caminho a per-  
correr representa a serie de reformas que se inicia! A emancipação proletaria, que importa o termo da ultima forma de escravidão—o salariato—será uma realidade; porém, predisse o chefe socialista allemão, será devida aos esforços tanto cerebraes, como muscu-

lares, dos proprios trabalhadores. Então, implantar-se á a Republica Social; e o Estado não será mais constituído pela minoria ociosa; não será a Republica Politica em que dão-se as mãos politicos de profissão o burguezas exploradores.

A federação nos conduzirá ao internacionalismo, tornando as patrias, não inimigas, mas irmãs; extin-guindo inteiramente os vestigios da barbaria, em sua mais accentuada manifestação a guerra.

A instrução será integral, tanto theorica, como pratica, tanto scientifica, como artistica. Todos rece-berão igualmente esse pábulo de que muito necessitam os parias de todos os paizes.

O imposto será proporcional sobre o capital e o rendimento; progressivo, sobre as successões, livrando-se, d'esta sorte, as classes profundas das vexações do fisco, pois é sobre ellas que se reflectem os gravamos do imposto indirecto.

A legislação será directamente estabelecida pelo povo, ampliado o actual systema eleitoral.

Os exercitos permanentes irão fazer companhia ás instituções que representam as antigalhas das tyran-nias militares e das monarchias.

O governo será representado pela federação das communas, organizado de baixo para cima, ominentemente democratico.

A apropriação collectiva de todos os meios de pro-dução—a parte capital do grande plano estatuido pelo socialismo, garantirá o nivelamento economico; e a justiça social, a egualdade civil e politica, inexisten-tes até agora.

O trabalho e a virtude serão dominantes em todo o planeta.

A invalidez e a orphandade serão amparadas pela solidariedade social. Bello ideal que nos levará a felici-dade humana tanto quanto é possivel prever a phase proxima da civilização, cujos antecedentes vão surgindo do declínio do regimen individualista.

É incumbido ao socialismo a gloria de crear esse eden scientifico ou real, muito diverso do paraíso defen-dido pelas cosmogonias espiritualista.

E a doutrina regeneradora aproveitará ás duas grandes tendencias: uma, toda de idéas, syntheisada, na

Ilustração 17: A Questão Social 01/05/1896 número 45 p.1 texto de Silverio Fontes em comemoração ao 1º de Maio / Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP



phrased celebre, fecho do magistral manifesto comunista: — proletarios de todos os paizes, uni-vos; outra, complementar, toda de sentimentos, expressa nos termos altruisticos:

Uni-vos e amae-vos.

E FONTES.

## 1º DE MAIO

A familia proletaria descança das fadigas quotidianas, para commemorar a festa do trabalho. Em suas veias de aço, o enthusiasmo lateja, que o coração do proletario é um oceano de esperanças e se agita dentro de seus peitos de granito. Das minas mais negras que a morte, saem os lividos obreiros, ennegrecidos de carvão, e vêm banhar-se na luz cristalina deste glorioso dia, retemperar assim as suas forças consumidas pelo acido carbonico, retemperal-as para não succumbirem ás agonias de seu longo martyrio. E esses rudes marinheiros, a fitarem tristes e silenciosas a immensidade azulada, mandam de suas prisões fluctuantes, nas azas de um pensamento, aos companheiros de infortunio, doirado sorriso, expressão silenciosa da esperança que os acalenta.

Por toda a parte do mundo congrega-se a familia proletaria no primeiro de Maio, e o faz na crença de que exerce incontestavel direito.

O primeiro de Maio é um dia de descanço para os proletarios. Imaginae que este descanço prolonga-se uma semana, um mez, um anno, fôr a greve geral. O primeiro de Maio, portanto, é o embryão da greve geral, o unico processo pratico para obrigar o capitalismo a se render diante da força numerica. Neste glorioso dia os exercitos obreiros ensaiam o grande assalto aos reductos da riqueza.

Espiões de policia, si os ha, que leiam este artigo; ide dizer aos vossos amos que prégamos sem medo a greve geral; accrescentai que aconselhamos aos proletarios o assalto á grande propriedade.

Proletarios! Incito-vos a conduzirdes a cruz com a resignação de verdadeiros crentes. Temos muito fel a tragar no caminho que vao do individualismo ao socialismo.

Seremos os preteridos em nossas pretenções as mais justas; os capitalistas tentarão reduzir-nos á fome, os agentes de policia nos hão de encarcerar como bandidos. Estas dores não obstarão a que colhamos no futuro os louros da victoria. A cada um segundo as suas obras, ensinou o Christo, e a lei da reencarnação garante-nos successivas existencias para gozarmos neste planeta do bem praticado.

Carlos de Escobar.

## 1º DE MAIO

Recebemos de esforçados companheiros artistas da União Operaria, os artigos seguintes:

Companheiros! O primeiro de Maio representa a parte mais essencial da revolução social; é a greve geral de um dia; é a chamada a postos aos obreiros de todas as nações afim de prepararem meios de conquistar a carta de liberdade, o direito de cidadão.

A democracia burguoza é uma burla para nós em todas as suas partes, como são outras instituições desta ordem.

Se não tratarmos de nossos direitos, não devemos estranhar que sejam recrutados nossos filhos analphabotos e que sejam pilludas nossas filhas, e por fim, para complemento depois de haermos concorrido com o nosso trabalho para a collectividade, acabar nossos dias na indigencia ou no hospital.

Além de ser um dia de reivindicacão social para nós, que devemos prevenir antes que punir, porque vivemos em um paiz que aos poucos os industriosos politicos collocar-nos-hão nas mesmas contingencias de nossos irmãos da Europa, e tambem um dia de reparação para o organismo do trabalhador braçal, que gasta a seiva da vida em muitas horas de trabalho, difficilndo o estudo, collocando-nos sempre em pessimas condições pela falta do necessario: a instrucção.

Salve data gloriosa, começo das reivindicacões de nossos direitos tanto postergados.

1º de Maio de 1896.

João Scarpilão Palma.

## SAUDAÇÃO

A gloriosa data que hoje se commemora é a mais sublime por ser a do trabalho. Motor principal de todas as cousas, a sua socialisacão deve calar no animo d'aquelles que comprehendem a necessidade de procurar os meios de dignificar o.

Muito embora burguezes ociosos procurem d'elle se desviar, hão de reconhecer, no intimo, que é o maior propulsor do progresso. Fraternalmente unidas as gerações vindouras, em mutuo auxilio, alliviarão o seu peso.

Saudemos, pois, os herões que lutam material e moralmente pelos direitos do proletariado.

C. Costa.

## PASQUA

Questa parola Ebraica che suona Libertá venne data in ereditá al Popolo per ricordare la liberazione d'Israello dalla tirannia dei Fararoni.

Pasqua era il giorno di giubilo; il giorno che dava agli Ebrei la legge della Comune Mosaica.

Molti secoli dopo, la Pasqua venne a ricordare il trionfo della dottrina socialista del Cristo, e la liberazione della umanità dalla schiavitù dei Farisei, degli Scriba, degli Erodiani, dei Saducei e di tutti i mistificatori, sorti dalla putredine del Giudaismo Monarchico.

Pasqua chiameremo quel 1º di Maggio in acui la classe oppressa potrà come il Cristo, vincere i mistifi-

Ilustração 18: A Questão Social 01/05/1896 número 45 p.2 texto de Silvério Fontes em comemoração ao 1º de Maio e de Carlos Escobar referente à mesma data / Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP



47

# A Questão Social

ORGAN DO CENTRO SOCIALISTA

Um por todos e todos por um

---

ANNO I SANTOS Publicação Quinzenal BRAZIL N.º 47

---

**Directores**

Silvério Fontes, Soter de Araújo e  
Carlos de Escobar

---

**Assignaturas**

Serio de 24 numeros .....	58000
Numero avulso .....	6200

---

**ESCRITORIO**

158-Rua General Camara-158

---

1.º de Julho de 1896.

## REPUBLICA SOCIAL

I

O socialismo em sua forma collectivista só n'estes últimos annos firmou-se em base scientifica; d'ahi a sua eclosão, desprendido inteiramente dos laços idyllicos de sua phase utopica.

Em virtude de condições creadas pelo regimen burguez, depois de ter attingido o fastigio de seu poderio com o industrialismo moderno, o problema socialista foi posto em equação.

Socialismo é igual, ao menos por algum tempo, a apropriação collectiva de todos os meios de produção e a organização corporativa do trabalho.

E' pois, principalmente uma questão economica, do mesmo modo que o comunismo an-archico é essencialmente uma questão moral.

Entretanto, sujeito á lei geral do progresso correlativo das sciencias, ao desenvolvimento da nova instituição corresponderão, no dominio politico, a república social, com a tendencia cada vez mais accentuada a substituir o governo reaccionario dos homens pela administração consciente das cousas; na esphera da Ethica, o ego-altruismo de Spencer.

Periodos todos de transição no evolver dos conhecimentos humanos, sem duvida.

Mas as leis sociais e moraes não podem ser estabelecidas sem o auxilio dos dados economicos.

No seculo passado, os collaboradores da Encyclopedia demonstravam a necessidade de organizar-se a sociedade sem deus, nem rei.

E a Grande Revolução esforçou-se por transformar em realidade as indicações scientificas dos philosphos. Sabendo da alçada das abstracções especulativas dos sabios para o terreno fecundo das concretizações institucionaes, estabeleceu-se a democracia politica e seu correspondente na ordem economica—o regimen individualista.

Republica politica, individualismo, egoismo, presentes, serão em breve substituidos pela república social, pelo collectivismo, pelo ego-altruismo; e depois, segundo os principios geraes de successão dos phenomenos de que o movimento scientifico contemporaneo auctõria a previsão, pelo an-archismo, communismo e altruismo.

As reformas, porém, devem sempre provir de seus antecedentes logicos.

Eis porque as tentativas revolucionarias abortam geralmente, quando construcções preparatorias não amparam-n'as convenientemente.

E a vantagem principal do collectivismo reformista, que consiste na produção commum e consumo individual, é saber d'onde vem e para onde vao, aproveitando as lições do passado, e os esclarecimentos do presente.

Si as elucubrações dos cientistas está proposta a parte theoretica, as dedicações dos proletarios está entregue a parte pratica.

Si aos primeiros incumbe precisar os meios de acção, aos segundos compete não desperdiçar forças em actos improficuos de violencias, que só se justificam pelo desespero.

Não ha no desenvolvimento historico das sociedades, disse com a alta competencia que todos lhe reconhecem, o eminente socialista Gustavo Rouanet, ao inaugurar um brilhante curso de philosophia social, um esforço generoso inutil, por minimo que seja.

Os homens de 88, por exemplo, não puderam realisar, porque o systema de produção capitalista e esse

Ilustração 19: *A Questão Social* 01/07/1896 número 47 p.1 texto de Silvério Fontes “Republica Social”. / Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP

## A QUESTÃO SOCIAL

se oppunha, o ideal *impossivel* da pequena propriedade agricola.

Mas, de seus esforços, surgiu Babeuf, o illustre antepassado do socialismo contemporaneo, a que se seguiram Buonarrotti, Teste, Voyer d'Argenson, Blanqui e a pleiade dos socialistas da revolução de Julho; de sorte que não ha solução de continuidade na cadeia dos esforços, como não ha solução de continuidade na cadeia dos tempos.

Os Gracchos não puderam retomar aos patricios os bens roubados do *ager publicus*; mas lembrae-vos da phrase de Mirabeau:

« Assim perece o ultimo dos Gracchos nas mãos dos nobres. Mas, ferido do golpe mortal, atirou a poeira contra o céu e d'ella nasceu Mario. »

Si cada socialista deve levar uma pedra para o novo edificio social, o Centro de Santos senta-se satisfeito de ter iniciado, entre nós, a propaganda da doutrina reformadora, estribando-se na trilogia marxista: interpretação materialista da historia, determinismo economico e lucta de classes.

Encarando a questão social sob este ponto de vista restricto, em quanto não é possível a integralisação das aspirações humanas, acreditamos que a sua solução mais proxima será determinada, não pela idéa de justiça ou de moral, mas pelas contingencias da actual situação economica do grande exercito proletario.

(Continua.)

S. FONTES.

## DOCTRINA SOCIALISTA

(Continuação do n. 15)

## III

« Com elles contam os conservadores e os retardatarios, opposicionistas radicacs e irreductivos ás idéas do socialismo.

As contribuições locadas pelo poder local gravam-se em tudo: carros, cavallos, engordas e pastagens; os centimos de addicções chegam á somma de centenas de francos; a lista e o peso dos impostos pedem ás nobres antigas realidades.

A Prussia, na sua mais adelantada e mais moderna legislação, isto é, ha mais de um século, mantém o registro de propriedade, o *grundscheld* ou divida rural.

A propriedade, resultado da guerra e da violencia; a propriedade, nascida da legitimidade da conquista, emprestaram governos e legisladores feição de perpetuidade e hereditariadade, recorrendo aos mais falsos processos e mais immoraes meios para a consecução de seu fim.

Um desses colho das paginas da legislação ingleza, e, para referir-me á fonte, cito aqui, ainda, o operoso Bismarck:

« Para instituir firmemente o direito de propriedade territorial, o espirito tradicional inglez promulgou na sua colonia, Australia Meridional, a 8 de Julho de 1858, a *Lei Torrens*.

« Queréis pôr vossa propriedade sob o regimen *Torrens*?

« Enviá planta, redempção de titulos a um escriptorio de registros. Especialistas em leis tudo examina; como se houvessem de comprar o immovel; redigem annuncios: fazem-nos publicos nos jornaes; comunicam aos proprietarios vizinhos.

« Si ha reclamações contra o vosso direito de propriedade, resolve-as perante os tribunaes; ma logo que vossos direitos tornaram-se claros, *quar por decisão judiciana*, *quar por falta de contestação*, o escriptorio lança nos seus cadernos de registro o titulo de vossa propriedade.

Desde então a publica administração garante-vos a propriedade contra toda a reclamação ulterior.

Em retribuição a essa garantia, a administração recebe o direito de 2 por cento sobre o valor da propriedade.

Os proprietarios foram pressurosos em utilizar-se do regimen *Torrens* e estenderam-n'o a outras colonias, taes quaes: *Quebbsland*, em 1864, *Victoria* e *Nova Galles do Sul*, em 1862, *Australia Occidental*, em 1874 e semelhantemente na *Tasmania*, na *Nova Zelândia*, na *Columbia Britanica* e em provincias do *Canada*.

Acompanhando esse espirito das leis da sua antiga metropole, os Estados Unidos da America do Norte adoptaram-n'o no Estado de *Iowa*.

A Inglaterra proseguiu na expansão dessa nova formula de direito de propriedade, e levou-o á *Singapura*, á *Pinang*, á *Malaca*.

O organ e executor desse *ensayo*, *William Maxwell*, exalta esforçadamente os resultados desta garantia da propriedade rural.

Desse regimen de garantias aos proprietarios, isto é, aquelles a quem a metropole descobridora e conquistadora aprovou fazer doação dos territorios *arribalados aos indigenas*; aquelles que, adquirindo por compra, sellaram com o vicio da origem o absurdo da consequencia da posse, não occorre a concepção socialista, demonstrando, perante factos legaes, a monstruosidade do direito de propriedade.

Sem que o socialismo haja mister de autoridade sua, basta recordar a palavra de insuspeitos e eminentes escriptores para a verdade irredutavel, negando o direito de propriedade.

Pascal, o grande philosopho que o occidente inteiro conhece, dontrinava: « Dizeis que possuis vossas riquezas porque vieram ellas de vossos pais. » Não foi, porém, por mil meios que elles adquiriram-n'as ou as conservaram? »



*Santos, A. B. - 112.*

# A Questão Social

## ORGÃO DO CENTRO SOCIALISTA

» Um por todos e todos por um «

ANNO II	SANTOS	Publicação Mensal	BRAZIL	NUM. 40
---------	--------	-------------------	--------	---------

---

**Directores**

Silverio Fontes, Soter de Araujo •  
Carlo de Escobar \*

**Assignaturas**

Serie de 24 numeros..... 5\$000  
Numero avulso..... 5200

**ESCRITORIO**

150-Rua Central Camara-150

---

15 de Setembro de 1896.

Ha um anno a heresia socialista começou a ser pregada, entre nós, sem rebuço, por um pequeno grupo de convictos.

A *Questão Social* tomou posição entre os combatentes do collectivismo.

Desde então, iniciou-se a lucta contra a orthodoxia economica, defendida pelos representantes do capital.

Commetimento ousado n'uma sociedade de adoradores do Deus-Nilhão; tentamen ingente diante das prerogativas e isenções creadas em favor da burguezocracia.

Mas era mister romper com os rotineiros e provar que o socialismo não pretende a divisão das riquezas, porém, sim, a socialisação de todos os meios de produção, para que se firme de vez a solidariedade humana, em substituição á caridade official ou egoista.

Em vez de ser a doutrina dos desesperados e dos famintos, como insinuam maliciosamente os interessados na continuação do individualismo, os súbditos de sua magestade — o dinheiro —, chamando o odioso sobre principios da maior elevação moral, o socialismo é a esperança de todos os opprimidos, porque dignifica o trabalho e extingue a miseria. Aceitam-no todos os

que comprehendem os soffrimentos do proletariado, ou sejam os que cultivam as letras, ou os que aperfeiçoam suas faculdades affectivas, na crença sincera da regeneração humana.

Estudando o desenvolvimto das sciencias politico-sociaes, á luz da philosophia da historia, os sociologos tem affirmado que a republica politica e o regimen burguez, irmãos siamezes na organização actual, são productos, na maior parte, dos acurados estudos dos philosophos encyclopedistas do seculo passado, como a republica social e o collectivismo hão de ser consequencias, principalmente, das investigações scientificas da philo-ophia allemã contemporanea.

A *Questão Social* tem collocado sempre o problema socialista em base scientifica, sem phantasia, nem sentimentalismo, encarando-o sobretudo debaixo do ponto de vista economico.

Tem sempre aconselhado que deve ser resolvido por meios pacificos, aproveitando-se o suffragio universal, e constituindo-se o operariado em partido de classe.

Suppor-se que o socialismo no Brazil não tem razão de ser, porque as condições presentes do proletariado brasileiro estão muito distanciadas das miseraveis contingencias do operario europeu, é não comprehender que a lucta pe'a vida amplia-se até a lucta de classe; é cerrar os ouvidos á voz da verdade, quando proclama que a terra não deve ser propriedade individual, fosse qual fesse sua origem; é desconhecer que todos os meios de produção sujeitos a forças associadas devem ser collectivizados.

E' o socialismo que ha de fazer cessar a espoliação vigente, que ha de derribar o braço secular da iniquidade burgueza.

**O PARTIDO OPERARIO**

II

Magalhães Lima, o illustre campeão da causa dos proletarios, redactor do *Seculo*, de Lisboa, disse em uma conferencia no Atheneu Commercial da mesma cidade:

Ilustração 21: *A Questão Social* 15/09/1896 número 49 p.1 texto “O Partido Operário” de Múcio da Paixão / Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP

« O interesse individual divorcia-se do interesse geral. O individuo encontra-se em luta com a sociedade. O maior numero soffre dolorosamente. Dominam as oligarchias. Na politica imperam os capitães-mores e as camarilhas. Na sociedade imperam o capitalismo e os grandes potentados do dinheiro. Aos mesquinhos interesses das oligarchias politicas e economicas, ambas igualmente funestas, é mister e é indispensavel oppor os superiores interesses da collectividade e os sagrados interesses do trabalho. »

Eis uma esplendida ph. tographia do estado da sociedade actual com todos os seus vicios e prejuizos, em manifesta luta aberta contra os humilhes, os desherdados, victimas de todas as desigualdades e de todas as injustiças.

Eis a situação do homem do trabalho, do productor directo diante da monstruosa structura da sociedade contemporanea.

Diante d'isto, qual deve ser o papel da triste victima da exploração capitalista, da miseria e da fome?

— Offerecer um dique á invasão da oncltrada burguezia.

De que forma havemos de oppor os superiores interesses da collectividade e sagrados interesses do trabalho aos mesquinhos interesses das clygarias politicas e economicas, ambas igualmente funestas?

— Organizando fortemente o partido operario socialista para combater pelo estabelecimento de uma organização social mais humana, mais justa e mais equitativa, onde o trabalhador esteja collocado á altura da civilização, e não seja, como actualmento é, victimado por todas as expolições.

Para attingirmos a este estadio, precisamos endereçar nossos esforços através do campo politico, para irmos de franquia em franquia, caminhando com segurança para o advento da Republica Social.

Nossa marcha deve ser para as urnas. Com o estabelecimento do suffragio universal, o voto veio a ser uma arma formidavel nas mãos do operariado.

Olhemos para o que se passou e se está passando na Belgica; o exemplo não pode ser mais frisante.

E nós, que temos na mão esta poderosa clava das campanhas politicas, devemos accaso desprezala, em nosso prejuizo, quando por seu intermédio podemos ferir as mais renhidas batalhas e contar assignaladas victorias; quando outros povos por adquiril-a pelejam energicamente ha longo tempo?

— Não; o nosso mais immediato interesse é utilizar o voto em favor do ideal operario.

Na sociedade actual, devemos apodrar-nos de tudo quanto a burguezia por ignorancia, ou por fingido espirito liberal, colocar ao nosso alcance e possa servir de instrumento de ataque para guerreal-a, feril-a, em proveito da causa social, affirmo de que o ideal socialista irradia pela familia proletaria a sua luz benéfica e civilisadora.

Diz Benoit Malon, o chefe querido, a sombra sempre amada, contando a historia da *Internacional e seus principios*: « Os operarios, em vez de destruirem as forças politicas, economicas e sociais existentes, devem ao contrario, apropriar-as para fazel-as funcionar em beneficio do povo trabalhador: em consequencia, o primeiro dever da classe operaria para chegar á emancipação social, é conquistar o poder publico. »

Todos estamos convencidos desta grande verdade, e é por essa razão que não cessamos de affirmar ser a organização do partido operario socialista uma necessidade absoluta e inadiavel, e para cuja realisação devemos, nós os socialistas brasileiros, empregar os mais ingentes esforços.

O operario nacional está convencido que a sua situação é má; elle observa o que vai pelo seu lar, ob-

serva a sociedade que se diverte e faz immediatamente o confronto) do que vai do anormal entro a vida dos que nada tem no trabalho produzem e a dis que nada produzi-do tudo gozam.

E depois de encetar este estranho espectáculo que a nossa sociedade offerece, o trabalhador hule inevitavelmente chegar á conclusão que, dentro da questão social, temos muitos problemas a resolver; hade concluir que o socialismo, do que lhe fallam os seus amigos, é o desforço supremo dos humilhes e dos pequenos contra a usurpação dos poderosos, dos argentarios.

Mas a especulação cederá um flia; para isso trabalhamos activamente nós, os defensores da emancipação economica e social do trabalhador.

Ao lado da doutrina que professamos, temos muitos factores de diversas naturezas, que hão de forçar a marcha e provocar o desenlace dessa velha questão, que, muito debatida no velho mundo, talvez seja resolvida pela America.

Um desses factores, o mais importante sem duvida, é o voto!

Arthur Brèves, uma das sympathicas personalidades do nosso movimento na Paulicea, escreveu: « Formando um partido, o fim dos operarios é, sem duvida, intervir na politica. E nem pôde deixar de ser assim, a menos que não queiram elles formar sociedades beneficentes ou sociedades que ainda teriam menos alcance.

« O sophisma de ser causa do proletariado uma questão social e não politica, é pueril.

« A questão social e a politica se acham tão intimamente ligadas, que é impossivel conceber uma sem a outra.

Demais, a politica, principalmente em nosso país, domina hoje por tal forma todos os ramos de actividade humana, que com vantagem os operarios se podem servir della para conseguirem as reformas sociais.

« E todavia, si deixarmos de parte estas circunstancias e considerarmos que o operario é um cidadão, o como tal, goza de direitos politicos, a que partido devem elles filiar-se não ao partido operario? »

E conclue o esforçado socialista, com esta phrase de feliz observação: « O certo é que cada dia que o operario passa no esquecimento de seus direitos e interesses, é mais um dia que o exploram... »

E' exactamente o que tem succedido e está succedendo.

A onda da exploração egoista da burguezia se avolumará, si não oppusermos a invasão truculenta do capitalismo a energia decidida do nosso desforço e da nossa convicção.

Não podemos, nem devemos esperar mais, contemporisando com o estado actual de allietivas incertezas e brutaes difficuldades; (pois não é difficil calcular onde irá chegar) comprometendo talvez um futuro que temos o dever de preparar mais suave e despojado de urzes, aos que, depois de nós, vierem combater na mesma trincheira em que nos achamos agora.

A criação e organização do partido operario socialista impõe-se como uma das mais incoerciveis e absolutas exigencias da nossa epocha; temos o dever de realisa-la, como um compromisso de hora, si não quisermos ser esmagados na estrada da existencia pelo carro doirado e triumphante dos cesares do Capital.

Campos, 6—VIII—96.

Múcio da Paixão, operario.



## GRANDE CRIME

Ha em Santos quatro a cinco mil creanças em idade escolar.

Estas creancinhas não recebem o baptismo da civilisação.

Ellas crescem e não aprendem a ler.

Pois numa cidade de quarenta mil almas ha apenas uma escola para o sexo masculino!

De quem o crime?

Do governo republicano do Estado, da camara municipal, da sociedade santista.

Governo, municipalidade e particulares deviam trabalhar para dotar uma das primeiras cidades de S. Paulo com um systema regular de instrucção.

Mas o tempo não lhes chegou para a politicagem e os gosos materives.

E apregoa-se aos quatro ventos que a instrucção está feita no Estado!

Fundaram na capital escolas para os ricos.

Os pobres continuam privados dos beneficios da civilisação.

Escolas de engenheiros, gymnasios, que proveito trazem á pobreza estas fabricas de bachareis?

O ensino continua centralizado

Os homens do governo não se lembram da população do campo.

Esta permanece na ignorancia.

A municipalisação do ensino, entretanto, seria o meio pratico de se resolver o grave problema da instrucção popular.

Mas as nossas municipalidades não têm autonomia

Ellas movem-se á ordem do governo central.

E mantem-se graças ao presidente do Estado.

São municipalidades abaixo de sua missão, sem vontade e sem ideal, reduzidas á obediencia.

A sociedade devia protestar contra este abatimento do ensino publico.

Pois a sociedade é que soffre directamente as consequências da ignorancia de seus membros.

E' por isso que a iniciativa particular não tem o direito de cerrar as suas portas á instrucção publica.

Mas a sociedade brasileira vive sem estímulos, preocupada com a baixa do cambio, á intrigar os seus mais dignos servidores, ora insurgido-se sem motivo, ora a dormir bestialmente á beira de um abysmo.

Esta sociedade não comprehende os fins elevados da instrucção popular.

E considera do sómos importancia o desenvolvimento mental de seus filios.

Não temos remedio senão appellar para os directores da politica local,

Que faz o directorio governista de Santos diante da falta de escolas para os pobres?

A impotencia já avasallou os distinctos cidadãos que constituem o directorio?

Não cremos.

Esperamos do directorio o seu prestigio n'esta questão.

O egoismo é a grande molestia da sociedade actual.

E as causas do egoismo são o capitalismo, os partidos politicos, as religiões, a educação.

Nós, os socialistas, combatemos estes factores da podridão social na imprensa, na tribuna e nas urnas, sem preambulos, destemidamente.

A nossa linguagem, embora violenta, é filha do sentimento, e não pode ser taxada de parcialidade.

Aqui deixamos o nosso protesto.

O abandono em que crescem os filios do proletario, sem escolas e sem officinas, attribuímo-lo ao egoismo da sociedade, o qual pretendemos combater pela socialisação do capital e a integralisação do saber por todas as camadas sociais.

O nosso dever, esto estamos cumprindo.

Façam o mesmo os directores da politica dominante e a sociedade em geral.

## NOTICIARIO

Em grande reunião, a que concorreram os membros do Centro Socialista, os do Partido Operario e os da União Operaria, ficou resolvido que se constituiria, para defeza do proletariado, um partido de classe, intransigente, composto de operarios e socialistas e que se denominaria — Partido Operario-Socialista.

Foram eleitos para seu directorio os companheiros: Soter de Araujo, Silverio Fontes, Benedicto Ramos, Guilherme Araújo e Nevio Vianna.

Foi accito, em quasi totalidade, o programma do partido Democrata-Socialista, de S. Paulo.

A *Questão Social*, d'ora em diante, é o órgão do novo partido.

Esta aberta no salão do antigo Centro Socialista, á rua General Camara, n. 458, a inscripção, desde o dia 12 de Agosto proximo passado.

São convidados os companheiros que estão convictos da necessidade de aproveitar-se o suffragio universal, de modo a apressar a solução da questão social, a vir se alistar.

Formando partido de classe, obedece o operariado á orientação do socialismo evolucionista, ainda ha pouco brilhantemente defendido no congreso internacional de Londres.

Não tem absolutamente em mira aguçar odios entre individualidades; mas atacar instituições. «Pregar a luta de classes não é dizer aos trabalhadores que são os capitalistas actuaes os culpados das miserias que affligem os pobres, os sacrificados; mas, sim, mostrar que a verdadeira causa de seus soffrimentos consiste na appropriação privada dos meios de produção.»

Pregar a luta de classes é excitar os operarios e socialistas a se separarem do todo elemento politico estranho á sua causa; é ensinar-lhes a agir, por conta propria, para que se extinga, em breve, o salariato,

## A QUESTÃO SOCIAL

«arrancando d'est'arte pela raiz todo obstaculo á creação d'uma ordem social verdadeiramente civilizada e humana».

A *Neue Zeit* publicou, como contribuição á historia da evolução do socialismo scientifico, dous artigos do cientista K. Marx e que eram desconhecidos.

O primeiro tem por titulo «Metamorphose do communismo em somnolencia do amor». Marx demonstra que nos tempos antigos todas as tendencias socialistas tiram sua origem das crencas religiosas, e, partindo d'ahi, chegam ao reino do amor, opposto ao egoismo.

Mostra como o socialismo degenerou em phrasologia sentimental e a necessidade de fazel-o entrar na pratica de accordo com os dados economicos.

O segundo é denominado — Economia da tribuna popular e sua situação em face da jovem America.

É um estudo dos progressos realizados, nos Estados Unidos, na questão agraria.

L. Gumplowicz, em bellissimo artigo sob a epigrafe — «Os novos barbaros» — faz uma resenha dos muitos empregados pela burguezia no sentido de entorpecer a marcha da doutrina reformadora. Diz o illustre pensador: «Os actuaes processos contra os socialistas formam digno *pendant* com os que eram empregados outr'ora contra as bruxas.

No futuro, serão considerados como productos de um mesmo grão de civilização.»

É a eterna historia do misonieismo. Todos os neophylos tem de pagar a *audacia* de ser contemporaneos das gerações vindouras, por isso mesmo que não são comprehendidos pelos seus coevos.

Em New-York creou-se um club com a denominação — Italo-Americano, composto de italianos naturalizados.

A associação tem por fim, além de prestar serviços de soccorros mutuos, facilitar a instrução, ensinar a lingua ingleza, interessar os seus associados pelos assumptos politicos da cidade e do paiz.

Fará o maior empenho possivel para que os italianos pobres aceitem a nacionalidade americana.

Bello exemplo e muito digno de ser imitado entre nós.

É o melhor caminho a seguir, para que não se reproduzam scenas vergonhosas, como as de que foi theatro a capital do estado ultimamente, a proposito da questão dos protocolos italianos.

O partido socialista operario americano cogitou de levantar uma candidatura á presidencia da Republica nas ultimas eleições. Embora sem possibilidade de triumpho, é um bom meio de estabelecer disciplina e calcular os elementos de que vae dispondo.

Quanto mais se desenvolve a instrução em um paiz, tanto mais progride n'elle o socialismo.

Dos grandes paizes da Europa, são a Alemanha e a França os de maior diffusão de conhecimentos; são n'elles que o socialismo tem tido maior impulso.

O problema social é muito difficil e não pode ser devidamente entendido pelo proletariado illetrado.

O *Vorionerts* publicou, no começo de Julho, um aviso confidencial do general Vannowski, ministro da guerra na Russia, ao commandante militar de Kiev, referente á circulação de folhetos socialistas no exercito russo.

Tomado de zelos, o imperador Guilherme pretende ordenar medidas severas contra o jornal socialista por causa d'esta publicação.

O mais notavel é que se ignora, até agora, qual a fonte de informações.

O orgão socialista de Berlim já tem dado á luz da publicidade papeis secretos de diversos governos.

## O SOCIALISMO

O genero humano, ha quatrocentos annos, não tem dado um passo obscuro.

Entremos nos grandes seculos.

O seculo decimo sexto foi o seculo dos pintores.

O seculo decimo setimo, o seculo dos escriptores.

O seculo decimo oitavo, o seculo dos philosophos.

O seculo decimo nono, o seculo dos apóstolos e dos prophetas.

Rara brilhar no seculo dezenove é necessario ser pintor como no decimo sexto, escriptor como no decimo setimo, philosopho como no decimo oitavo.

É necessario, além disso, possuirem, como Luiz Blanc, esse religioso amor da Humanidade, que constitue o apóstolo e que faz distinctamente entrever o futuro.

No seculo vigesimo estará morta a guerra, estará morto o cadafalso, estará morto o odio, estará morta a realza, estarão mortos a fronteira e os dogmas.

Ah! então o homem viará!

E acima de tudo haverá uma grande patria toda a Terra, e uma grande esperança — todo o céo.

Saudemos esse bello vigesimo seculo, que possuirá nossos filhos e que nossos filhos possuirão.

A questão unica neste momento é o trabalho.

A questão politica acha-se resolvida — a republica está constituída e ninguem a destruirá.

Resta a questão social: ella é terrivel, mas é simples, é a questão daquelles que têm, e daquelles que não tem. É preciso que o segundo destes termos desapareça.

Para isso basta o trabalho.

Reflecti. O homem e moça a ser senhor da Terra. Se quereis cortar um isthuo, tendes os seeps. Se quereis crear um mar, Rudaire.

Vede. Tendes um povo e tendes um mundo.

O povo está desherdado, o mundo deserto; dai-os um a outro e tornal-os-heis felizes.

Deslumbrae o Universo por grandes coisas que não sejam guerras.

Esse mundo é necessario conquistal-o!

Não.

Pertence-vos: pertence á Civilização; ella espera-o. Ninguem vol-o pode contestar.

Idê, fazei, marchae, colonizae!

Precisades de um mar? Creai-o; o mar crea a navegação; uma navegação crea cidades.

A quem quizer um campo, dizei-lhe: — toma.

A terra é tua, cultiva.

Voltou a barbaria e em seguida a selvagoria, expulsai as.

Restitui a Africa á Europa, e de um mesmo jacto restitui á vida commum as quatro nações irruas, Grecia, Italia, Hespanha e Franca.

Reconstrui o Mediterraneo, contra da Historia.



Accrescentai aos quatro povos fraternas a Inglaterra. Associai Shakespeare a Homero.

Preparai-vos para a resistencia.

Estes factos espantosos, os istmos cortados, os mares creados, a Africa habitavel, comecam pela mofa, pelo sarcasmo e pelo sorriso.

Não devemos estranhar: é a primeira prova.

Algumas vezes os que mais se illudem são os que menos deviam enganar-se.

Ha quarenta e tantos annos, na tribuna da camara dos deputados, Thiers declarou que os caminhos de ferro seriam o divertimento de Paris a Saint-Germain.

Estes divertimentos transformaram o mundo.

Tenhamos fé.

Sejamos na egualdade cidadãos, na fraternidade homens, na liberdade espiritos.

Amemos aquelles que nos amam.

Sabamos de-ejar o bem para todos.

Então tudo se transforma: o que é verdadeiro revela-se, o que é bello brilha, o que é grande deslumbra. O mundo nos apparece como uma festa.

A lei suprema executa-se.

Acima de tudo brilha esta palavra extranha - DEUS, tão mysteriosa, que tudo pode suportar, desde a mais horrivel affirmativa até a mais formal negação—tudo, desde o fanatico feroz até o atheu honesto.

E' que assim como o astro inundado pelas nuvens, tragado pelas tempestades, apagado pelos diluvios nocturnos - ELIK lá existe eterno.

Tenhamos fé, vol-o repito.

As causas existem, as forças adaptam-se, os seres agrupam-se, tudo cumpre o seu dever, nada é inutil.

Si baixamos os olhos, vemos o insecto mover-se na herva; si levantamos a cabeça, vemos a estrella fulgir no firmamento.

O que fazem?

A mesma cousa.

O trabalho.

O insecto trabalha na Terra, a estrella trabalha no Céu; a Immensidade os espera, e uno-os o Innuo.

Porque razão não seria esta lei a do homem?

Elle tambem está sujeito à força universal, e soffre duplamente, soffre a pelo corpo e pelo espirito.

Sua mão amassa a terra, sua alma abraça o Céu.

E' de argila como o insecto e do Empyrio como a estrella.

Trabalho e pensamento.

O trabalho é a vida, o pensamento é a luz.

VICTOR HUGO.

## A Moderna Lucta de Classe

### I

#### Lucta declarada!

Os trabalhadores de todo o mundo civilizado já desfraldaram a nova e resplandecente bandeira, e proclamaram o principio que fará de mil rebanhos de escravos um povo só de livres. Esse feito annuncia a maior das transformações sociaes, que registrará a historia, pois até agora as revoluções tem servido a uma só classe, ao passo que a redempção do proletariado será tambem a redempção da humanidade inteira.

E na verdade, si a escravidão é causa de embrutecimento e corrupção para o servo, não o é menos para o patrão e seus esbirros; e é para todos triste e ruinoso a vida, quando a injustiça e a violencia dão a minoria a riqueza e o bem-estar, e de sociedade, no verdadeiro sentido da palavra, já não fica mais que o nome.

D'este mal morreram as civilizações antigas, fundadas sobre o despotismo e o desprestigio da dignidade humana, como o tem constatado a historia.

D'este mal morrerão as modernas democracias, sinão souberem transformar-se a tempo e radicalmente — e isto o ha previsto a sciencia e é fatal como o destino.

### II

#### Como foi no passado

Que é a lucta de classe? E' a lucta dos que nada possuem contra os que possuem tudo; dos explorados contra os exploradores; das victimas contra os parasytas.

Si consultarmos a historia, vemos esta lucta em todos os tempos e em todos os povos. Desde que a propriedade privada chegou a impor-se, a monopolisar a terra, que é o patrimonio de todos e a apoderar-se dos meios de producção e de troca, que são o producto das actividades consociadas; desde que a dita propriedade chegou a implantar-se nas leis e a organizar sobre sua base e a seu serviço o Estado, a Igreja, a educação e até as cabeças dos proprios que soffrem suas consequencias e que são induzidos a crê-la inmutavel e eterna, — desde esse dia, a sociedade não se isentou de convulsões. E a lucta dos miseravis contra os que possuem a riqueza, dos opprimidos contra os dominadores, animou todos os movimentos da civilização.

Nos tempos obscuros da antiguidade e da idade média, a vida da sociedade se converteu em uma especie de duelo, em um combate de forças para arrebatarse mutuamente o bocado disputado.

As classes dominantes, impulsionadas pela avarice e pelo medo, não deixaram meio a seu alcance para desarmar, para enervar e extenuar aos possiveis rebeldes, dizimando os meliores, os mais valerosos, comprando as intelligencias, intimidando as veleidades generosas, corrompendo com toda sorte de enganos religiosos a intelligencia e o coração das massas.

Sob a influencia de taes artificioz não houve nada forte e nobre que podesse resistir. A propria fé, engendrada pela sede do ideal, em tempos em que a sciencia, recém-nascida, mal correspondia a esta eterna necessidade humana, — foi convertida em instrumento de escravidão e de degeneração, empenhando-se em manter nos cerebros a sombra e o terror.

O tunor de Deus serviu muitas vezes para reforçar as garantias dos poderosos, enriquecidos com o suor dos povos; e o sacerdote unido ao esbirro e, não poucas vezes, para assegurar aos senhores do mundo a tranquillidade em suas orgias.

### III

#### Como é hoje

Mas si sob este aspecto, pode-se dizer que existe ha mil annos uma lucta de classes, que tem tido diferentes exitos, segundo as circumstancias e os tempos, — uma cousa mui distincta é a lucta de classes moderna, a que nós outros sustentamos.

E, na verdade, mui mesquinha seria esta lucta, si se limitasse a querer dar volta ao mundo de cima para baixo para vir a deixo tal qual era d'antes, — a querer pôr uma classe em lugar de outra, a querer crear, com uma simples troca de pessoas, novas phalanges de patrões e novas e infinitas legiões de servos.

E si muitos episodios d'esta lucta tiveram no passado consequencias desgraçadas e nada produziram de proveitoso, foi precisamente porque faltava nelles um conceito moral superior, que as circumstancias permitiram realizar, do qual as circumstancias exigiram a realisação.

Ilustração 25: A Questão Social 15/09/1896 número 49 p.5 texto "A moderna lucta de Classe" de F. Turati. / Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP



Por isto a lucta de classes moderna será victoriosa e redemptora: porque é concebida pela pensamento tal qual é formulada e imposta pelos factos; porque é verdadeira e justa dentro do homem que nella pensa e que dolla recebe o impulso para agir, e fora d'elle, nas condições necessarias da produção moderna; porque a meta a que tende é exigida não só pelo pensamento, como pela historia.

## IV

## Suas causas

A lucta de classes moderna nasceu com o desenvolvimento do industrialismo moderno. Como tal, tem apenas um seculo de existencia.

Emquanto a produção foi individual e a pequena industria dominou; enquanto o trabalhador foi dono do seu pequeno campo ou de seu atelier, houve imposições, espoliações, abusos; mas não existia — não podia existir — a lucta de classes no sentido moderno.

Foi só quando a economia medievall se transformou completamente; quando, com a applicação das machinas a industria e, com a abertura de novos mercados, a produção se tornou collectiva e o patrão já não foi o trabalhador mais habil e mais antigo, e, sim, um estranho, um parasita da produção, — foi então que a apropriação individual do producto do trabalho de todos ou das grandes maiorias, em favor de um só ou de poucos, e particularmente dos ociosos, chegou a ser um flagrante contrasenso.

A propriedade, em vez de ser a condição e a compensação do trabalho, transformou-se em um privilegio, em uma extorsão onerosissima, que suga o sangue do trabalhador, sem nada dar-lhe em compensação — nem sequer a segurança do dia seguinte. E se chama hypocritamente liberdade do trabalho a liberdade de exploração a todo transe, do direito da opprissão sem limites, e o mais feroz e odioso de todos os despotismos.

O monopolio da terra, das minas, dos instrumentos de trabalho, convertidos em grandes capitais ou de seu equivalente em moeda — monopolio adquirido com a exploração, a usura, a fraude, a herança, o servilismo e outros meios que estão mui fora de toda moralidade e de todo merito pessoal — converteu-se em condição imprescindivel do, enriquecimento e do bem-estar. O trabalho, a virtude, a poupança não tiveram desde então como companheiros mais do que a miseria eterna e desesperada.

A competencia dos capitalistas entre si, necessaria para entender-se e dominar o mercado não lhes permite nem ser humanos, nem bons, nem piedosos; e devorando sempre os maiores e mais afortunados aos menos favorecidos, as legiões do proletariado foram engrossando de dia em dia com a ruina da classe dantes possuidora. Quanto mais se concentrava o luxo e a felicidade no vertice da pyramide, tanto mais se amontoavam na base a fome e o desespero.

A mesma causa, a ausencia de todo conceito regulador da produção, produziu as crises, a desoccupação, a abundancia de mercadorias nos depositos, junto com a importancia dos productores para converterem-se em consumidores e diminuir-a. A exploração do trabalho dos miserios se converteu em um verdadeiro delirio e em vão as leis, promulgadas aliás com intuitos de salvação da raça humana, intentaram ás vezes refreala.

A officina converteu-se em alguma coisa parecida com a prisão e, depois de tragar o pae de familia, absorveu a mulher e o menino, sem respeitar idade nem fraqueza; arrojou a mulher e os filhos — instrumentos menos custosos — a arrancar o pão da bocca ao marido e ao pae; ergheu com largos horarios e com o trabalho

por empreitada as forças e a saúde dos trabalhadores as quaes fez perder o logar, mas lhes deixou a familia e a patria. As epidemias, a delinquencia que cresce espantosamente, a prostituição cada vez maior, o fermento em todas as partes da rebelião e do odio, a justiça transformada em escudeiro de SS. MM. o ouro e a prata, a perda de toda fé e de todo ideal social e moral, foram as consequencias de um estado de cousas, que recordava, para peor as decadencias de Babylonia, do Byzancio e da antiga Roma.

## V

## Sua significação

Contra esta decadencia e essa dissolução, surge o movimento operario, desperta a consciencia do obreiro.

Elle comprehendeu que, sendo o proprietario na actualidade um peso morto sobre a produção, completamente inutil a ella, a parte que tira do producto para o qual não coopera, para pagar seu luxo ou seus vicios, para manter a burocracia e os exercitos em sua exclusiva defeza, para corromper-se e corromper o mundo, — esta enorme parte que retira sem a ser por sua vez um absurdo: que, sendo collectiva a produção, collectiva deve ser a repartição dos valores, segundo os meritos e as necessidades de cada um; que quem, podendo trabalhar, não trabalha não tem direito de comer, e que quem vive do suor dos outros, não tem direito de viver.

A consciencia operaria comprehendeu que a riqueza a força e o saber dos poderosos do mundo não são mais que o producto do trabalho e das penurias dos trabalhadores; e que si grandes multitudes de empregados e obreiros do pensamento estão ao serviço desses poucos soberam armar-se e permancer, por tal meio, os mais fortes. Porém a força por excellencia, sabendo-se manejar-a, consiste sempre na virtude do trabalho, e sómente quem tudo produz pôde destruir tudo, porque saberia reedificar tudo de novo.

Comprehendeu que no mundo industrial moderno quem tem as riquezas, tem todos os outros poderes; que a liberdade é um nome vão e uma ironia feroz para aquelle que na-la tem e que na-la pode.

Comprehendeu que os esforços do operario isolado para emancipar-se são tão insensatos como querer levantar por si só, e sem alavanca alguma, um enorme peso; e que só a união illuminada e consciente e a vontade ferrea, compacta e pertinaz dos interessados pode tirar dahi a força fundamental da constituição social actual.

Comprehendeu enfim que já nada se oppõe a que o mundo industrial, este verda leiro inferno, se converta em um paraizo terrestre, em *uma grande cooperativa de socios e de irmãos*, interessados, não em devorarem-se e esphacelar uns aos outros, mas em amar-se e ajudar-se mutuamente; que já nada se oppõe a isto, excepto o obstaculo que impede precisamente o florescimento das cooperativas, isto é, a falta entre os trabalhadores da posse collectiva dos capitais que cumpre formar onde se encontrem, onde o trabalho de todos, durante milhares de annos, contribuiu para creal-os.

E desfraldou para este fim a bandeira da lucta de classes.

## VI

## A conquista do poder

Porém, aos primeiros passos desta lucta, devisou outro obstaculo, o mais forte de todos e que a principio não havia sequer suscitado.

Viu que a classe expropriadora, a burguezia capitalista, havia organizado seu poder nas leis e nas instituições administrativas e politicas; que havia acampado nos Municipios, no Estado, na escola, no tribunal, etc.,



etc., o que destas instituições se servia para interceptar o passo do movimento operário.

E então, amestrada por dolorosas experiências, compreendeu a classe operária que era necessário seguir o mesmo caminho.

Compreendeu que a violência repentina, imediata, pôde alcançar uma transformação simplesmente política, dethronar um príncipe ou dispersar momentaneamente um exército, não poderá nunca por si só mudar profundamente a estrutura económica de uma sociedade, enquanto offerecer optimos pretextos aos dominadores para sangrar os povos e enervar as melhores energias.

Compreendeu que os Paramentos, os Municipios e todas as instituições organisadas são instrumentos poderosíssimos de dominio, que difficilmente se poderiam destruir, dos quaes poderia, porém, apoderar-se o servir-se.

Compreendeu que o voto, este instrumento de enganos e de intrigas, de vaidade e de ambições, em quanto for manejado unicamente pelos dominadores, poderia, entretanto, manejado pelos trabalhadores em defesa de seus interesses converter-se não só em um meio de recrutamento do partido, de avaliar e contar as suas forças, mas também na mais segura das armas para conquistar um ascendente cada vez maior na vida publica, e, uma vez conquistado, poder conservá-lo.

Ao lado dessa arma, a dynamite e os mais terriveis dos explosivos seriam simples brincos de creanças.

Em vista de tudo isso, a classe operária organizou-se como partido politico independente e na bandeira desfraldada da lucta de classe inscreveu:—*A conquista do poder.*

## VII

**O grande ideal**

Com essa bandeira e por esse caminho, o proletariado militante avança, lento mas seguro, á meta luminosa, arrastando consigo a multidão innumerável entre o terror dos tyrannos publicos e particulares; desafiando a calumnia e o sarcasmo dos inimigos, a conjuração inconsciente dos imbecis e dos vis; arrolando todos os dias em suas fileiras novos recrutas, já no campo do trabalho manual, já no da intelligencia; atirando a si as multidões que o cercam e que o movimento vertiginoso do capitalismo vai precipitando em seu seio, ou que já sentem inevitável a sua queda. Caminha e se converte na onda que cresce e avança magestosa, que arrasta os obstaculos, que varre e fecunda o terreno.

Por esse caminho o proletariado, que não era nada, sente que se transforma em alguma coisa e que amanhã será tudo; que com a victoria já não será o *proletariado* a classe dos infimos, dos opprimidos e sim a humanidade inteira laboriosa e redimida. Fora de seu seio, que terá reunido todas as forças uteis da sociedade, não ficarão mais que os parasitas obstinados, os elementos corrompidos, condemnados a transformar-se ou perecer.

Assim a lucta de classes terá alcançado seu fim ultimo e grandioso a *abolição das classes*; a harmonização dos interesses na justiça «*piadosa do trabalho*».

Então pela primeira vez em tantos seculos, uma sociedade humana de facto e não de nome será afinal instaurada.

A lucta de classes moderna, animada por este grande ideal, ajudada por todas as forças materiaes da evolução social, encarnada na grande maioria dos interesses e das vontades, não poderá deixar de tocar a meta.

Vem restaurar a propriedade sobre sua base logica: — o trabalho, contra os exploradores e usurarios; restaurar a familia dissolvida ou mercantilizada em de-

trimento da especie; restituir uma patria terrena ao imenso povo que já não tem patria e que é enganado com a patria celeste; realizar a liberdade, a egualdade e a fraternidade que o dominio burguez, tem insultado e escarnecido; abolir a guerra e os odios nacionaes ou de classe; fundar, na violenta desordem burguezá, a paz e a ordem.

Só ella, a lucta de classe, pôde inflamar ainda de sancto ardor as almas generosas, substituir as religiões vacilantes e devolver á vida o valor e os ideás perdidos.

E a demolidora da barbaria, a salvadora da civilização em perigo.

**E as outras classes?**

Perguntar-se-á: E as outras classes? O mundo não se compõe de operarios manuaes sómente.

Analysemos um pouco essas outras pretendidas classes.

*Os camponezes antes de tudo.*

Que! acaso não são elles os mais explorados e os mais miseraveis dos proletarios?

Si a vanguarda é necessariamente operária, o povo campesino deverá certamente segui-la. Para isto bastará que desperte.

*Os pequenos proprietarios.*

Esta gente é de uma anatomia complicada. Sendo da cintura para baixo proletarios, têm a illusão de pertencer da cintura para cima á classe dirigente. Por isso, em quanto foram os mais numerosos, o socialismo permaneceu no estado de utopia.

Perém a evolução social, á expropriação continua dos pequenos pelos grandes, corta-os precisamente pela cintura e não deixa dellas mais que as pernas.

Como os *pequenos commerciantes*, *pequenos industriaes*, *os pequenos lavradores*, e de mais gente miuda, elles não são mais que os *proletarios de amanhã*. E esperamos que cheguem a sê-lo.

Segue a immensa categoria dos empregados, mestres de escola, magistrados, technicos, curas, soldados, etc.; a categoria dos trabalhadores que não são *exclusivamente manuaes*.

Si destes se tira uma decima parte, os que engolem magnificos ordenados, que vivem na intriga com os poderosos e que também são *proprietarios* pelo menos *virtuaes*, fica a turba infinita dos proletarios de sacola, a plebe desprestigiada.

Opprimidos pela jerarchia, não os liga outro laço aos dominadores que o da oppressão. De coração são já nossos em sua maioria; pelo interesse o são todos. Só se trata de que o compreendam.

E vencidos pelo exemplo operario, cada dia uma é de suas phalanges, arrojando a petulancia da librê, desce, ou melhor dizendo, sobe até nós outros.

A muitos dellas o systema obriga a um trabalho repugnante, fazendo-os servir na lucta de classe de instrumento dos dominadores contra seus verdadeiros companheiros. Esse absurdo monstruoso os fará mais altivamente rebeldes.

O proletariado que abraça já em suas tres quartas partes as energias uteis, abraçará amanhã completamente todas as forças vivas da sociedade. Foradelle não ficará mais que o monstro do parasitismo. Entretanto a batalha se inicia pelos pelotões dos operarios da industria, porque são elles as victimas mais directas, e porque é seu trabalho — todo util — que dará o molde á nova sociedade.

Por isto a sua bandeira está na primeira fileira e é a mais vivida. A essas outras *capas sociaes* — e não *classes* — não lhes resta mais que occupar o seu posto. Ou seguir a ou combater-a.

F. TURATI.

Ilustração 27: *A Questão Social* 15/09/1896 número 49 p.7 texto “A moderna lucta de Classe” de F. Turati – final / Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP

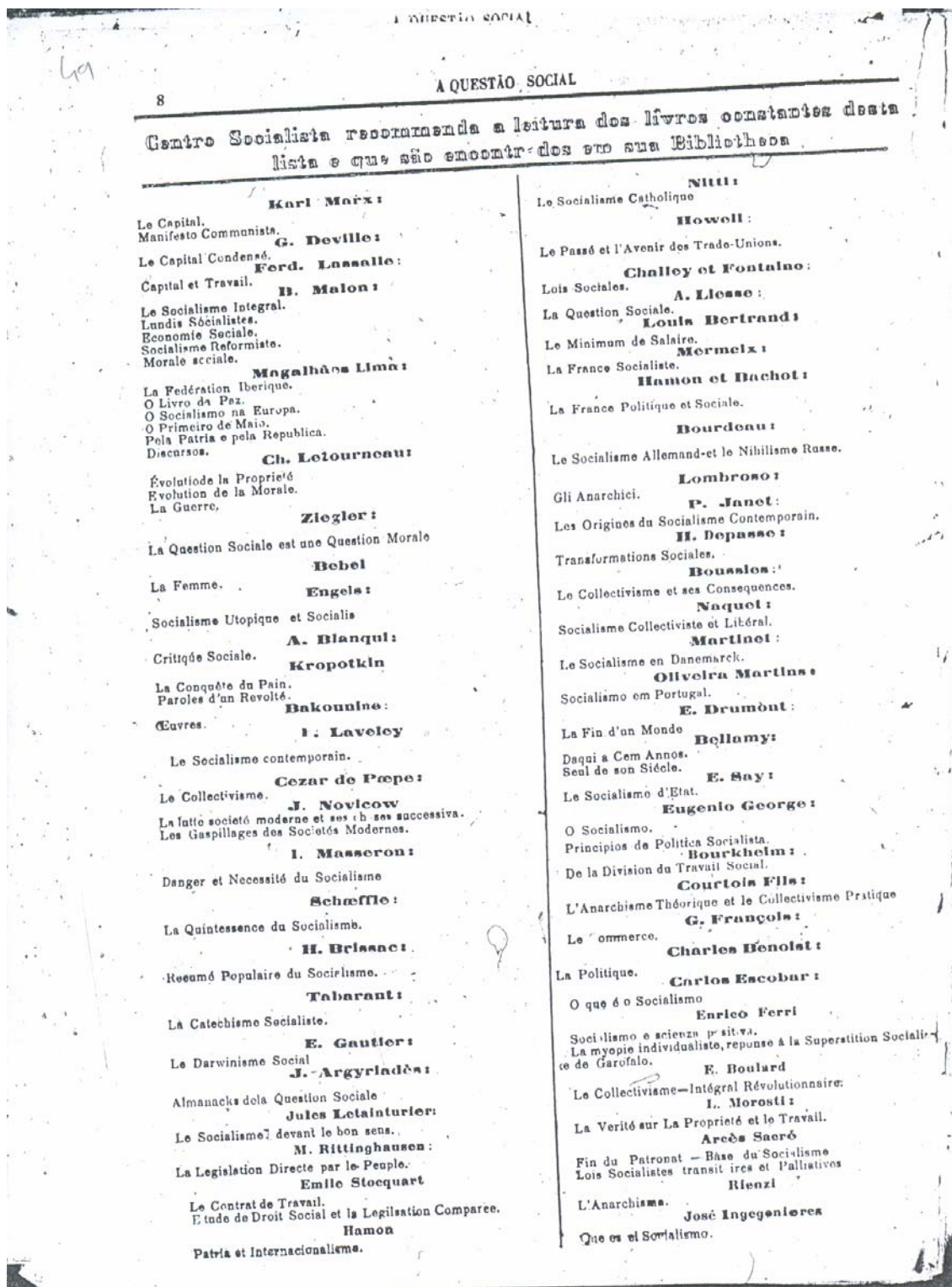
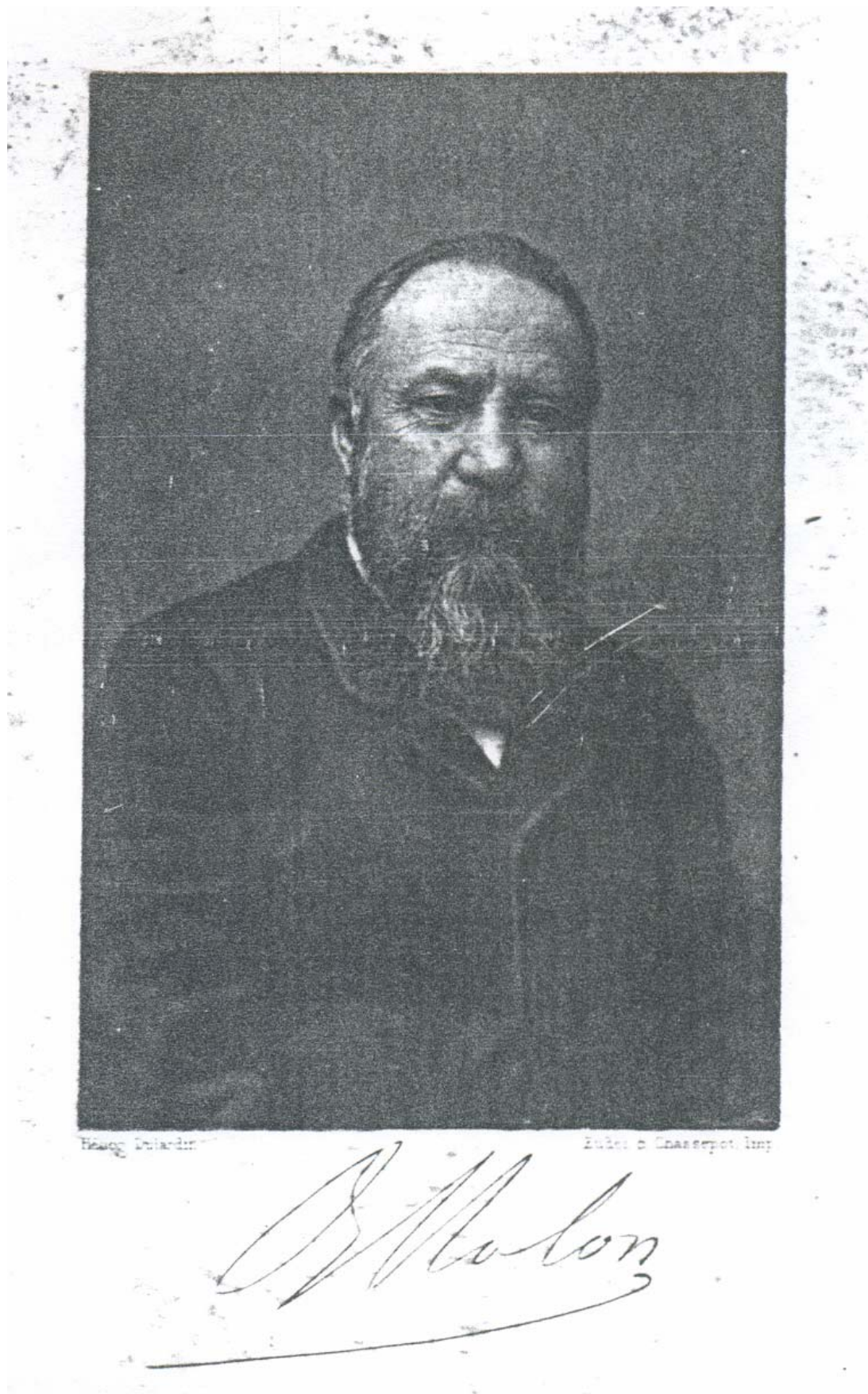


Ilustração 28: A Questão Social 15/09/1896 número 49 p.8 Leituras recomendadas pelo Centro Socialista de Santos que se encontrava em sua Biblioteca/ Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP





**Ilustração 29: Benoit Malon – foto do livro: “Précis de Socialisme” – Exemplar da Biblioteca do Centro Socialista de Santos / Biblioteca Humanitária dos Trabalhadores do Comércio de Santos**

1884



Dr. Raymundo Soter de Araujo,  
que prestou relevantes serviços a  
Santos, publicaremos amanhã a  
sua biographia

### Dr. Raymundo Soter de Araujo

(N.º 11)

Nome muito querido e venerado em Santos, é o deste medico intelligente e culto, bondoso e modesto, que, durante largo periodo, prestou á nossa cidade, relevantes serviços, merecendo, o seu nome se enfileira no numero dos seus grandes benemeritos.

Nascido na cidade de Santo Amaro, na Bahia, a 22 de abril de 1853, alli concluiu o seu curso de humanidades, ingressando depois na Faculdade de Medicina, de onde sahio diplomado em 1877, após um estagio academico, tão cheio de brilho, quanto de sacrificios.

Cinco annos depois, estabeleceu o seu domicilio nesta cidade, que adoptou como sua terra e á qual se dedicou com entranhado amor.

Na epidemia de 88, Soter de Araujo com Silverio Fontes, Ramires Esquivel, Tourinho, e outros serviu abnegadamente á população, inscrevendo o seu nome, para toda o sempre, no coração do povo.

Desempenhou varias funções administrativas e politicas, imprimindo a todas ellas aquelle cunho de probidade e distincção, que fizeram da sua pessoa uma das mais respeitadas e sympathicas de Santos.

O traço característico de Soter de Araujo, foi a bondade.

Esta só foi igualada pela fé catholica, graças á qual teve forças para soffrer, por ver soffrer os outros.

Falleceu em Santos, no dia 7 de Junho de 1924 e, nessa dia em todos os lares santistas a sua morte foi pranteada.

1884



SILVERIO FONTES

Notavel scientista que prestou  
seu importante concurso na epi-  
demia da febre amarella de 18-9.

### Dr. Silverio Fontes

(N.º 12)

No numero dos cidadãos que fizeram jus ao titulo de benemeritos de Santos, não pode deixar de figurar o nome do Dr. Silverio Fontes, illustre homem de sciencia que durante quasi meio seculo aqui viveu cercado sempre da admiração e do respeito da cidade.

Nascido a 1 de Fevereiro de 1858, em S. Christovam, na antiga provincia de Sergipe, Silverio Fontes, depois de completar os seus estudos de humanidades, ingressou na Academia de Medicina do Rio de Janeiro, onde obteve o seu diploma após curso brilhantissimo.

Logo depois, da sua formatura, fixou residencia em Santos, onde constituiu familia, e viveu a vida inteira, toda ella consagrada aos cultos da sciencia e da familia.

Dotado de cultura insular, intelligencia notavel, desprendido, Silverio Fontes impoz-se á admiração, não só do Estado de S. Paulo como de todo o Brasil scientifico, sendo sua opinião extremamente mais problemas sociais, justamente aralada.

Como Soter de Araujo, Matta e Silva, Tourinho, Ramires Esquivel e outros, Silverio Fontes viu o seu nome coberto de honras de toda a população pelos extraordinarios serviços que lhe prestou durante a epidemia da febre amarella, e nas funções de medico da Santa Casa de Misericordia, instituição a que serviu com competencia e zelo inextinguivel.

Os problemas sociais que hoje agitam o mundo tiveram em Silverio Fontes um apaixonado cultor, sendo interessantes os artigos e palestras que, há cerca de 40 annos publicou sobre os mesmos e nos quaes teve como colaboradores os espiritos superiores de Soter de Araujo, Carlos de Escobar e outros.

Silverio Fontes honrou pela illustração e pelo adamantino caracter o nome brasileiro.

Falleceu a 27 de Junho de 1928.

Ilustração 30: Fichas bibliográfica de Soter de Araújo e Silvério Fontes – 1884 / Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP

## Considerações finais

Com a fundação da II Internacional cresceu o avanço das idéias marxistas, porém, nota-se a dificuldade na assimilação dessa idéias. Os trabalhos de Marx são densos, exigindo do leitor um conhecimento de um conjunto de ciências. Além disso, Marx faz uso constante de alegorias muito dentro da tradição que vinha desde Lutero e que permeou grande número de pensadores alemães dos séculos seguintes. Engels tinha um estilo mais límpido, com que procurou nos últimos anos de vida, esclarecer o sentido do marxismo.

Este esforço tornou o marxismo mais acessível, apesar de não ser suficiente para torná-lo assimilável pelo o grosso da população. Aliás, as poucas reedições e a pequena tiragem dos livros de Marx e Engels, demonstram segundo Edgard Carone, que a Social-Democracia alemã o Partido Socialista Francês e os Partidos da Espanha e Itália não elaboraram uma política cultural que pretendesse atingir o grande público. Está tendência só se dará após a Revolução de 1917.

Na última década do século XIX o movimento operário no Brasil, como em todo mundo, se encontrava num “delírio” de várias teorias, no que foi tão bem denominado por Evaristo de Moraes Filho, de um verdadeiro “porre ideológico”, onde se misturavam e se confundiam todas as doutrinas de reforma social, desde os mais exaltados, como, anarquistas e anarcossindicalistas, até social-democratas e socialistas reformistas. Isto também fica evidenciado nos jornais editados por estes grupos que, mesmo refletindo o contexto teórico difuso e reformista, tiveram um papel importante dentro das organizações ditas socialistas ou de forma generalizada, de

esquerda, como importante forma de aglutinação do operariado e daqueles que defendiam os seus ideais.

Como discuti no trabalho, Santos passou por transformações urbanas e econômicas mais rápidas do que a capital da Província, processo este, ocasionado pela reestruturação e construção de novas áreas do porto, motivado pela expansão cafeeira paulista.

Este fator, agregado à história dos movimentos abolicionista e republicano e a presença do elemento estrangeiro (imigrantes) refletiram nos movimentos organizados na cidade liderados por camadas médias urbanas ou operários. Estas influências eram expostas nas suas publicações (folhetos, manifestos, revistas e jornais).

Evidentemente que a maior parte dos imigrantes estava mais preocupada, em um primeiro momento, com a acumulação de riqueza material e depois retornar para seu país de origem, do que com a organização de movimentos, ainda mais de caráter revolucionário. Porém, à medida que foram fixando residência e constituindo família e viram distante a possibilidade de fazer riqueza e retornar a sua pátria, sentiram a necessidade de mobilização e organização. Inicialmente estas organizações tinham a função de buscar resolver questões mais imediatas, relacionadas à melhoria das condições de vida e trabalho e de agregar comunidades de imigrantes, originando inúmeras associações de caráter mutualistas, como a dos trabalhadores da Cia Docas, comerciantes, espanhóis, portugueses e sírio-libaneses.

Alguns dos grupos passariam desta fase mutualista para o que poderíamos denominar de mais combativa, pensando até mesmo na idéia de transformação, chegando a discutir possibilidade de via revolucionária.

As transformações ocorridas em Santos provocariam mudanças no que podemos denominar de setor de serviços, atraindo mais profissionais como, médicos, professores, engenheiros, advogados e jornalistas. Este grupo desempenharia um papel relevante na história santista, grande parte influenciada pelas idéias abolicionista e republicana, tradicionais na cidade, além das idéias denominados de libertárias (anarquismo, anarcossindicalismo, marxistas, reformistas)

Os homens que fundaram o Centro Socialista de Santos e editavam *A Questão Social* estavam mergulhados em uma gama de teorias, principalmente ligadas ao positivismo, já que muitos provinham dos movimentos republicano e abolicionista. Na sua maioria tinham uma visão de socialismo, como uma espécie de filantropia, muitas vezes relacionando com princípios religiosos como o cristianismo e o espiritismo, que procuravam construir a idéia de uma sociedade igualitária dentro de preceitos morais. Silvério Fontes, Carlos Escobar e Sóter de Araújo eram médicos e estavam imbuídos de um espírito de que deveriam ajudar os pobres escravos, e depois os operários, já que estes se encontravam em condições precárias. Viam nas reformas dessas condições a possibilidade de se alcançar uma sociedade mais justa.

Esta mentalidade encontrou sua base teórica no socialismo reformista que se espalhava pelo mundo através de uma série de teóricos, destacando-se a de Benoît-Malon, intelectual francês, que atribuía à melhoria das condições dos trabalhadores o passo fundamental para a transformação social. Argumentava-se também que a melhoria do espírito era talvez o mais importante, e os agentes responsáveis por isso seriam homens inteligentes, verdadeiros santos intelectuais, já que segundo Malon, os pobres operários

não teriam condições de ser seus os próprios agentes, perspectiva elitista reforçada pelas correntes (aboliconista e republicana) que predominavam na cidade. Além da falta de uma relação mais profunda com o operariado santista, que enxergava o Centro e tudo que vinha dele como mais um grupo de pequenos burgueses que nada tinham a ver com os trabalhadores e que proferiam discursos bonitos e escreviam artigos rebuscados sem saber nada das condições desta classe.

O único ponto em comum nos artigos da imprensa operários e dentro das organizações que se denominavam socialistas, segundo vários autores, era a socialização dos meios de produção. Porém, existiam posições divergentes, por exemplo, com respeito ao usufruto do produto do trabalho, se seria individual o social, ou também o meio de transformação da sociedade, a via revolucionária ou pacífica. O termo coletivista, que é freqüentemente usado para descrever as relações na nova sociedade, pode designar concepções bastante diversas. Às vezes era empregado como sinônimo de comunismo, como apropriação coletiva dos meios de produção, às vezes designava uma sociedade estruturada nos moldes do coletivismo anarquista com inspiração em Bakunin. E essa assimilação com o anarquismo é equivocada. A nosso ver, Benoît-Malon, Enrico Ferri, Ferdinand Lassale, Schaeffle eram todos representantes daquilo que ficou conhecido por “socialismo reformista” ou coletivista, que sustentava a posição de que a apropriação dos meios de produção é coletiva, através do Estado, ficando assegurado o direito à propriedade e à apropriação individual do produto do trabalho. Esta difere da visão anarquista e marxista, já que o Estado continua como um agente permanente da regulação da vida do trabalhador e a organização operária



devem centrar-se em obter reformas não recorrendo à via revolucionária como o meio para eliminar a opressão da classe dominante sobre o proletariado.

Como Nelson Werneck Sodré coloca em a História da Imprensa no Brasil (Editora Graal, Rio de Janeiro, 1977) nas agitações reformistas do século XIX organizaram-se em várias associações voltadas para o problema do momento, abolição e a república. Porém, não havia o cuidado de organizarem-se a si mesmos. Muitos intelectuais como Vicente de Sousa achavam difícil existir no Brasil o que denominavam, de “opinião nacional” e pregavam a necessidade de propagar a instrução no seio do operariado, facilitando a solução do problema. A suas publicações seria um dos veículos para esta finalidade.

Em resumo, a maioria dos partidos operários e organizações dizendo-se socialistas no Brasil na última década do século XIX, tinham programas visivelmente reformistas, lutando por medidas reformistas de defesa dos trabalhadores, como por exemplo, diminuição da jornada de trabalho, proibição do trabalho infantil, reforma educacional, reforma eleitoral. Podemos perceber que as discussões em relação a uma sociedade futura, comunista, não passavam por esses grupos, como não passou pelo Centro Socialista de Santos, refletindo-se na linha editoria e artigos de *A Questão Social*.

Neste sentido, o socialismo brasileiro era plenamente coerente com a corrente dominante na Segunda Internacional; apesar de não termos encontrado nos números que restam da publicação nenhum artigo que ligue de maneira direta os grupos socialistas brasileiros a ela, que encarava a instauração de uma sociedade socialista a partir de uma perspectiva, que seria o resultado de uma evolução histórica, sem qualquer tipo de meio violento para

sua ocorrência, concentrando seus principais esforços na ação política de curto e médio prazo, isto é, na obtenção de vitórias eleitorais e no programa que deveriam nortear sua atuação na eventualidade de alcançar o poder. De certa forma o Centro Socialista de Santos e sua publicação *A Questão Social* na fugiam a realidade das organizações deste período. Em relação a chama o Centro ou sua publicação de marxista, considero um certo exagero por parte de Astrojildo Pereira e seu artigo, que deu início a este trabalho. Nem por isso devemos deixar de lado a importante contribuição deste importante intelectual e militante em levantar importantes peças para a reconstrução da esquerda brasileira.

A história de *A Questão Social* e do próprio Centro Socialista de Santos, representam um parte importante dos movimentos e imprensa de esquerda no Brasil, nos ajudando a esclarecer um pouco os hiatos existentes; mesmo com todas as dificuldades devido a escassez de informações e materiais (potencializados pela falta de preservação e descaso das instituições ditas responsáveis). De alguma forma este trabalho procurou como todas as limitações que existiram, contribuir para o resgate da memória destas publicações e, quem sabe, estimular outros trabalhos.

## Bibliografia

- ALTAMIRO, C. *El Marxismo en América Latina*. (vários autores), Buenos Aires, 1972.
- ARICO, José. *Marx e a América latina*. RJ, Paz e Terra, 1982.
- BANDEIRA, Moniz. *O Ano Vermelho*. Ed. Brasiliense, 2ª edição, São Paulo, 1980.
- BARRETO, TOBIAS. *Obras Completas*. Ed. Estado de Sergipe, vol.3, 1926.
- BEER, M. *História do socialismo e das lutas sociais*. Rio de Janeiro, CLB, 1980.
- BELO, J.M. *História da República – 1889 – 1945*. São Paulo, CEN, 1956.
- BEVILÁQUA, Clóvis. *Estudos de Direito e Economia Política*. Ed. Garnier, Rio de Janeiro, 1902.
- CARONE. E. *A República Velha*. São Paulo, DIFEL, 1975
- \_\_\_\_\_. *Movimento operário no Brasil (1877-1944)*, São Paulo, Difel, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Classes Sociais e Movimento operário*. Ed. Ática, São Paulo, 1989.
- CARVALHO, José Murilo. *Os Bestializados*. São Paulo, 1987
- COSTA, Cruz. *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. Ed. Civilização Brasileira, 2 edição, 1967.
- COSTA, Emília Viotti da. *Brasil: do Império a República*. LECH, 1979.
- CHACON, V. *História das idéias socialistas no Brasil*. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1981.
- DIAS, Everaldo. *História das lutas sociais no Brasil*. São Paulo, ed. Alfa - omega, 1977
- DEL ROIO, Marcos. *Rosa de Luxemburg e as origens da refundação comunista*. Revista Novos Rumos, São Paulo, nº 32, 1999.
- FALCÓN, Ricardo. *Las Orígenes del Movimiento Obrero (1857-1899)*. Ed. Centro Editora de America Latina, Buenos Aires, 1984
- FAUSTO, B. *Trabalho urbano e conflito social*. Rio de Janeiro, DIFEL, 1976.
- FERREIRA, M.N. *A Imprensa Operário no Brasil 1880 – 1920*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1978.
- FIGUEIREDO, Antônio dos Santos. *A Evolução do Estado no Brasil*. Porto, 1926
- FILHO, José Ribeiro Araújo. *Santos, Porto do Café*. Rio de Janeiro, IBGE, 1977

FOOT, Francisco e LEONARDI, Victor. *História da Indústria no Brasil*. Ed. Global, São Paulo, 1982.

FRANCO, J. *Martins Fontes- uma biografia*. Santos, SHEC, 1942.

\_\_\_\_\_. *Beneficência: memória histórica da Sociedade Portuguesa de Beneficência e contribuição para a história de Santos*. Santos, 1951.

FRUTUOSO, Maria Suzel Gil. *Emigração portuguesa e sua influência no Brasil: o caso de Santos – 1850 a 1950*. Dissertação de Mestrado, História, FFLCH, USP, São Paulo, 1989.

GARCIA, Evaldo Silva. *Estudos Sociais*. Nº19, fevereiro, 1963.

GITARY, Maria Lúcia Caira. *Ventos do Mar: trabalhadores do Porto, Movimento Operário e Cultura Urbana em Santos, 1889-1914*. São Paulo, Ed. Unesp, 1992.

GODIO, Julio. *Historia del Movimiento Obrero Latinoamericano*. México, Ed. Nueva Imagem, 1983.

HOBBSAWN, Eric (org), *História do Marxismo*. 12 volumes, Rio de Janeiro, Ed. Pa e Terra, 1982-9

KONDER, Leandro. *Esquerda, Socialismo e Marxismo*. Revista Teoria e Pesquisa, n.2, DCSO, UFSCar, São Carlos. 1992.

\_\_\_\_\_. *A Derrota da Dialética*. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1987.

MALON, Benoît. *Le socialisme intégral*. Paris, F.Alcan/Librairie de la “Revue Socialiste”, 1891

\_\_\_\_\_. *Précis Historique, Theorique et Pratique de socialisme*. Paris, F.Alcan/Librairie de la “Revue Socialiste”, 1892

MELLO, Evaldo Cabral de. *O Norte agrário e o Império (1871-1889)*. Rio de Janeiro, 1984 e ALENCASTRO, Luis Felipe de. *A pré-revolução de 30* in: *Novos Estudos Cebrap* nº 18, São Paulo, set. de 1987.

MENDONÇA, Lúcio. *A Caminho*. Ed. Laemmert, 1905.

MORAES FILHO, Evaristo de. *O Socialismo Brasileiro*. . Ed. UNB, Brasília, 1979.

\_\_\_\_\_. *Medo à Utopia*. Ed. Nova Fronteira/INL, Rio de Janeiro, 1985.

MORAES, João Quartim de (org). *História do Marxismo no Brasil*. vol.I, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1991

- \_\_\_\_\_. *História do Marxismo no Brasil*. Volume II, Ed. Unicamp, Campinas. 1995
- ODDONE, Jacinto. *Historia del Socialismo Argentino (1896-1911)*. Ed. Centro Editora de America Latina, Buenos Aires, 1983, vol. 1
- PONTANTIERO, Juan Carlos. *O marxismo latino-americano*. In HOBBSBAWM, Eric. *História do marxismo*. Volume 11. São Paulo, Paz e Terra, 1989.
- PEREIRA, Astrojildo. *Silvério Fontes, pioneiro do marxismo no Brasil*. Estudos Sociais, n.12, Abril 1962, Rio de Janeiro, PCB
- \_\_\_\_\_. *A Formação do PCB*. Rio de Janeiro, Editora Vitória, 1962.
- PINHEIRO, P.S. e HALL, M. *A classe operária no Brasil (1889-1930) Documentos*. São Paulo, Ed. Alfa-Ômega, 1979.
- RAGONIERI, Ernesto. *Il marxismo e l'Internacional*. Roma, Ed. Riunitti, 1968
- RAMA, Carlos. *Historia del Movimiento Obrero Social Latinoamericano*. Ed. Laia, Barcelona, 1976.
- ROMERO, Sílvio. *Ensaio de Filosofia do Direito*. Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 2º ed., 1908.
- SANTOS, Francisco Martins dos. *História de Santos (1532-1936)*. São Paulo, 1937, v.2
- SARTI, I. *Porto Vermelho*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1981.
- SILVA, Lúgia. *Movimento Sindical Operário na Primeira República*. Tese de mestrado, Unicamp, 1977,
- SOBRINHO, Josué M. *Migrações internas: resistências e conflitos (1872-1920)* in: Anais do XX Encontro Nacional de Economia. Campos do Jordão, dezembro de 1992.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Editora Graal, Rio de Janeiro, 1977.
- SIMÃO, Azis. *Sindicato e Estado*. São Paulo, EDUSP, 1966.
- TAVARES, José Nilo. *Marx, o Socialismo e o Brasil*. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Por que Marx?* Ed. Graal, Rio de Janeiro, 1983.
- TURCI, Alex Neriz. *Idéias Socialistas no Brasil: formação e consolidação de um pensamento de esquerda*. Monografia, São Carlos, DCSO/UFSCar, 1997.
- VIANNA, Luiz W. *Liberalismo e Sindicato no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1976.

**Periódicos**

*A Questão Social*

*Santos Comercial*

*Echo Operário*

*Eco Popular*

*O Estado de São Paulo*